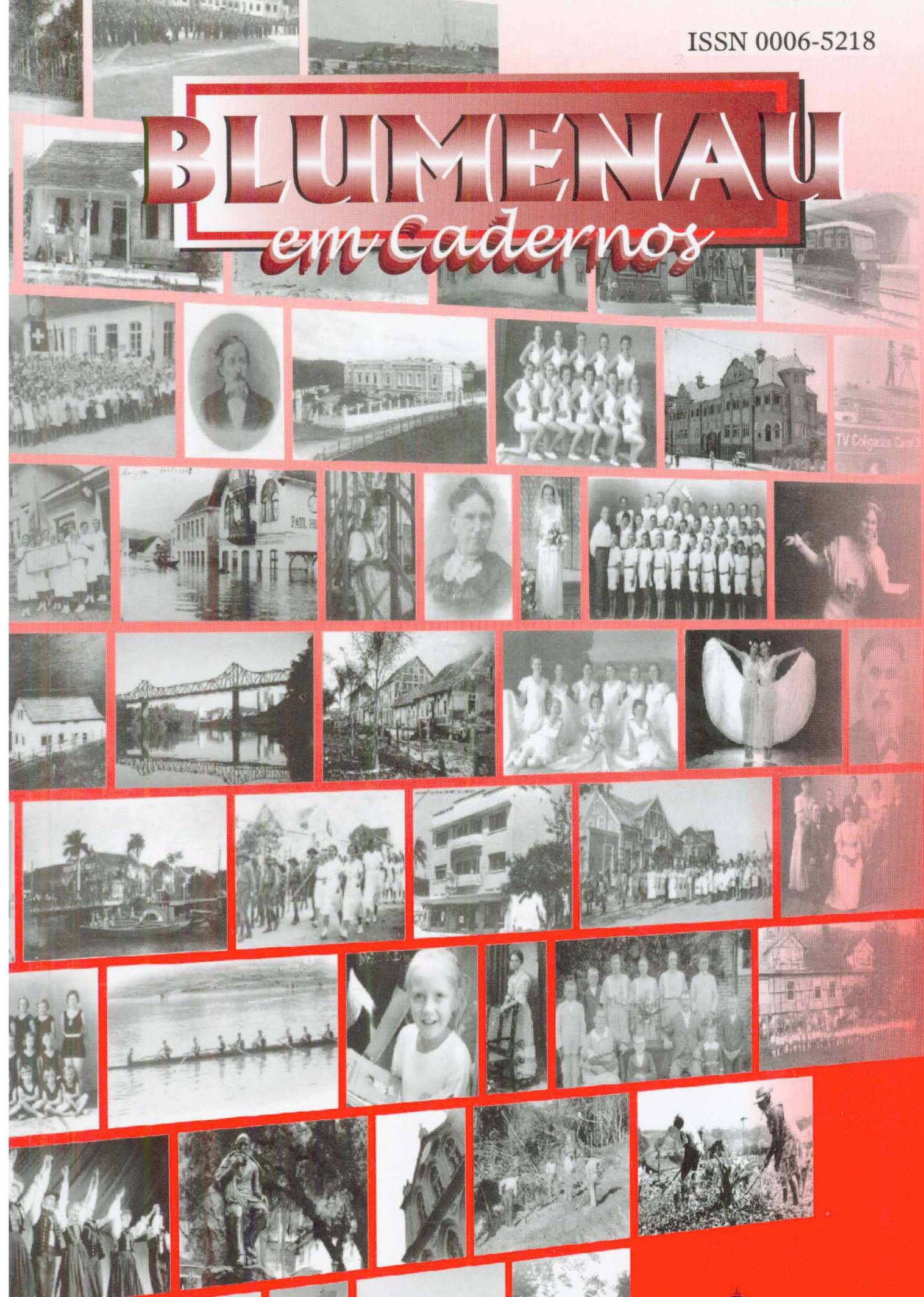


# BLUMENAU

## em Cadernos



# BLUMENAU

*em Cadernos*

## Fundação Cultural de Blumenau

### Presidente

Braulio Maria Schloegel

### Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

### Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

### Diretoria de Cultura

Vilarino Wolff



Revista “BLUMENAU EM CADERNOS”,  
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
*Biblioteca Pública “Dr. Fritz Müller”*

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de  
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -  
il.  
Mensal

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



**Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,**  
na Área de História – edição 1998, concedido  
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

COPYRIGHT © 2000 by Fundação Cultural de Blumenau

**REVISTA “BLUMENAU EM CADERNOS”**  
**ENDEREÇO**

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425  
CEP.: 89015-010 - Blumenau – SC  
Fone/fax: (047) 326-6990  
E-Mail: *funculbl@zaz.com.br*

**CAPA**

*Projeto Gráfico:* Silvio Roberto de Braga  
Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”  
Fotografias históricas diversas

**DIREÇÃO**

Sueli M. V. Petry

**CONSELHO EDITORIAL**

Ivo Marcos Theis (Presidente)  
Annemarie Fouquet Schünke, Cezar Zillig,  
Cristina Ferreira, Méri Frotscher,  
Urda Alice Klueger

**DIGITAÇÃO**

Vitor Alexandre da Cruz

**DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO**

Cristina Ferreira

**PRODUÇÃO GRÁFICA**

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.  
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600  
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

**EDIÇÃO**

Editora Cultura em Movimento  
Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

## SUMÁRIO

### Documentos Originais – Crônicas

O Regresso Perigoso .....	009
A Audiência com o Dr. Blumenau .....	011
Aquisição de um terreno .....	019
Expedição ao distrito do Garcia .....	019
<i>Karl Kleine</i>	

### Artigos

Pe. Gattone: centenário de falecimento	
<i>Pe. Antonio Francisco Bohn</i> .....	028

### Artigos

Arquitetura e Imigração germânica: os enxaiméis na História, etnicidade e veracidade	
<i>Afonso Imhof</i> .....	033

### Fragmentos de Nossa História Local

Em defesa da colonização alemã	
<i>Antônio Carlos Konder Reis</i> .....	042

### Entrevistas

Erica Martins Flesch	
.....	054

## História & Historiografia

- Blumenau: da economia de subsistência à industrialização (1850 – 1880)  
*Luiz Vendelino Colombi* ..... 075

## História & Historiografia

- Saporski e a transmigração polonesa em 1871  
*Maria do Carmo R. K. Goulart* ..... 087

## Memórias

- Carnaval em Blumenau  
*Grete Baumgarten Medeiros* ..... 099

## Pesquisas & Pesquisadores

- Enchentes no Vale do Itajaí: obras de contenção  
*Nilson Cesar Fraga* ..... 102

## Crônicas do Cotidiano

- Cheiro de Goiaba / Férias no Sul  
*Urda Alice Klueger* ..... 114

## Autores Catarinenses

- Escritor do ano 2000 / Plynio Doyle / “Círculo de Mistérios” /  
Romance “Caipirista” inspirado no Contestado / Egon Schaden /  
ONG / Vale do Iguaçu / Variadas  
*Enéas Athanázio* ..... 118

**Chegada em  
Blumenau\***

*TEXTO:*

*KARL  
KLEINE*



Dando continuidade à série de memórias intitulada “Blumenau de Ontem: experiências e recordações de um imigrante”, de autoria de Karl Kleine, selecionamos para esta edição o texto intitulado “O Regresso Perigoso”. Nestas lembranças o autor relata uma angustiante travessia realizada no ribeirão Garcia. Este fato ocorreu logo após a chegada da família Kleine à Colônia Blumenau. Ainda nestas recordações de infância o autor narra o encontro do diretor, Dr. Blumenau, com os imigrantes recém-chegados.

O diálogo que o autor registrou deste encontro deixa muito claro o temperamento forte e exigente do diretor. Prosseguindo na narrativa das suas memórias, as quais são muito preciosas pela riqueza dos detalhes, o autor deixa passar ao leitor aspectos do cotidiano, tais como a aquisição do terreno da família na região do Vorstadt e uma excursão realizada em direção ao interior da região do Garcia. Escrita com uma linguagem simples e clara conta as dificuldades encontradas no árduo trabalho de adaptações às vivências da colônia em fase de construção.

---

\*) Tradução: Brigitte Kretzschmar.

### Gefahrvolle Heimkehr

Oben in den Garciabergen hatte sich das Wetter wohl erst recht ausgetobt, denn als wir an der Fährstelle ankamen, kannten wir die Garcia kaum wieder. Aus dem seichten Flusse war ein reißender Strom geworden, der seine schlammigen Wasservogen mit ungeheurer Schnelligkeit an unseren erstaunten Augen vorüberwälzte. Die Gewalt des Stromes war so groß, daß sein Wasser bis über die Mitte des Itajahy hineinschoß und etliche Zoll über dessen Wasserspiegel stand.

Aber wo war die Fähre? Der zerrissene Strick belehrte uns bald, daß sie der reißende Strom mit fortführte. Sie hätte uns übrigens auch nichts genützt; es war gar nicht daran zu denken, mit dieser Fähre jetzt über das wilde Wasser zu kommen.

„Da haben wir den Salat!“ sagte Goldener ärgerlich. „Es ist bloß gut, daß uns die Sonne halbwegs wieder getrocknet hat.“ Er dachte nämlich, daß wir auf jeden Fall am diesseitigen Ufer übernachten müßten. „Schöne Aussichten“, sagte meine Vater. „Hätten wir nur die Jungen nicht bei uns!“

Während die beiden Männer noch ratschlagten, was hierbei zu tun sei, sammelten sich Weiber und Männer am jenseitigen Ufer. Sie schrien alle durcheinander uns etwas zu. Wir konnten aber vor dem Rauschen des tobenden Wassers nur das Wort „Canô“ verstehen, wußten aber natürlich nicht, was sie damit meinten. An ihrem Winken und ihren Gebärden sahen wir aber, daß sie Angst hatten, wir würden uns in den tobenden Strom hineinwagen. Um sie zu beruhigen, setzten wir uns auf einen Baumstamm und betrachteten uns die Geschichte in aller Gemütlichkeit. Da wir aber sahen, daß die Garcia noch fortwährend stieg, beschlossen Goldener und mein Vater, wieder umzukehren und in der ersten besten Hütte zu übernachten. Gerade als wir uns erhoben, schoß ein Kahn um die Krümmung des Flusses, geführt von Chico Marco und dem Cabo.

Glücklich kamen sie bei uns an. Sie konnten uns aber nur einzeln übersetzen. Goldener wurde zuerst aufgefordert einzusteigen, wollte aber durchaus nicht in das schwankede Boot. Es war aber keine Zeit mehr zu verlieren. So kamen mein Bruder und ich, die wir für einen Mann gerechnet wurden, zuerst hinein. Mein Vater hatte es freilich nur mit schwerem Herzen zugegeben, vertraute aber fest auf die Geschicklichkeit der beiden Ruderer und hatte sich darin auch nicht getäuscht. Es waren die beiden besten „Canoeiros“, die damals in ganz Blumenau zu finden waren. Wir mußten uns unten auf den Boden des Bootes setzen und mit den Händen am Bord festhalten. Der Cabo gab uns zu verstehen, daß wir die Augen zumachen müßten, wenn wir Angst hätten. Das war nun nicht der Fall, weil wir die Gefahr nicht kannten. Es kam uns vielmehr sehr schön vor, eine solche Wasserfahrt mitzumachen. – Gut war es nur, daß unsere Mutter diese

### O Regresso Perigoso

Nas montanhas do Garcia a tempestade deve ter agido com maior impetuosidade, pois ao chegarmos no local da balsa quase não reconhecemos mais o rio Garcia, que havia se transformado em correnteza rompante e, sob nossos olhares espantados, passava por nós com uma velocidade incrível, revolvendo suas ondas lamacentas. A correnteza era tão violenta que suas águas chegaram a invadir mais da metade do Itajaí, elevando-se alguns palmos acima do nível do mesmo.

Mas onde estava a balsa? A corda partida logo nos mostrou que fora levada pela correnteza. Essa balsa certamente também não teria sido útil, pois também com ela seria impossível atravessar este rio revoltoso.

Aí tínhamos um abacaxi. O Goldener falou zangado:

– Ainda bem que o sol nos secou durante o caminho.

Ele pensou que impreterivelmente precisássemos passar a noite neste lado.

– Belas perspectivas, se ao menos não tivéssemos os rapazes conosco! Disse meu pai.

Enquanto os dois homens confabulavam sobre o que poderia ser feito na margem oposta, juntavam-se mulheres e homens que gritavam ao mesmo tempo algo para nós. Entretanto, devido ao estrondo das águas revoltas, ouvíamos apenas a palavra “canô”, mas não sabíamos o que queriam dizer com isso. Pelos seus acenos e gestos, concluímos estarem receosos de que nós arriscássemos a passar pela correnteza. Para acalmá-los, sentamo-nos num tronco de árvore e ficamos observando o fato tranqüilamente. Todavia, o Garcia continuava subindo visivelmente. Por isso, meu pai e o Goldener decidiram voltar pelo mesmo caminho e pernoitar na primeira cabana que aparecesse. Mas assim que nos levantamos, apontava uma canoa guiada pelo Chico Marco e o Cabo na curva do rio, que vieram felizes ao nosso encontro. Porém, podíamos atravessar apenas individualmente. O Goldener foi o primeiro a ser convidado para embarcar na canoa, mas recusou terminantemente. Como não havia mais tempo a perder, meu pai, mesmo com o coração apertado, consentiu que meu irmão e eu embarcássemos primeiro, porque nós dois contávamos como um adulto. Meu pai confiava na habilidade dos dois remadores, e nisso ele não se enganou, pois eram os dois melhores canoeiros de toda a região de Blumenau. Nós precisamos sentar no fundo da canoa e segurar na borda. O Cabo nos instruiu que, caso sentíssemos medo, deveríamos fechar os olhos, mas como desconhecíamos o perigo, esse não era o caso. Estávamos até felizes em poder participar dessa viagem aquática. Ainda bem que a nossa mãe não assistiu a essa rápida travessia, que felizmente lhe foi ocultada e, por isso, ela não se encontrava entre os espectadores desse ato intrépido.

Spriztour nicht mit ansah. Man hatte es ihr glücklicherweise verschwiegen, und so kam es, daß sie sich nicht unter den Zuschauern dieses Wagestückes befand.

Die beiden Soldaten ruderten nun erst eine große Strecke flußaufwärts und setzten dann mit großer Geschicklichkeit über den tobenden Strom, der jetzt förmlich brüllte. Die größte Gefahr bestand in dem Treibholz, welches teilweise unter Wasser trieb und in der dicken, lehmigen Flut nicht bemerkt werden konnte. – Glücklich landeten wir am jenseitigen Ufer. Dann holten sie meinen Vater ebenso glücklich herüber.

Als Goldener sah, daß die Canoeiros sicher waren, hatte er unterdessen Mut bekommen und stieg jetzt auch willig ein. Es war hohe Zeit! Der Abend brach an und trieb zur Eile. Auch das dritte Mal ging alles gut. Die beiden Ruderer waren aber so erschöpft von der großen Anstrengung, daß sie vor Aufregung keuchten. Sie hatten ein Meisterstück von ihrer Kraft und Geschicklichkeit abgelegt. Für heute hatten sie genug vom Canofahren. Der Kahn wurde hoch auf Land gezogen, und unsere Freunde gingen über Land nach Hause. Mein Vater schenkte dem Cabo ein wertvolles Taschenmesser mit mehreren Klingen, und Chico bekam von Goldener ein buntseidenes neues Taschentuch. Man konnte nicht unterscheiden, welcher von diesen beiden Soldaten die größte Freude an seinem Geschenk empfand. Sie taten wie die kleinen Kinder und liefen beinahe Trab, um es ihren Kameraden zu zeigen.

Jetzt erfuhren wir auch, daß Dr. Blumenau selbst die beiden Canoeiros aufgefordert hatte, uns Hilfe zu bringen, nachdem ihm einer von unseren Schiffsgefährten unsere Lage angezeigt hatte.

Unsere Mutter, die keine Ahnung von der Gefahr gehabt hatte, erfuhr erst hinterher die ganze Begebenheit und weinte nachträglich ihre Tränen darüber. Wir Brüder hatten in dieser Nacht allerlei seltsame Träume von Riesenschlangen, die mit Laubfröschen in Drachengestalt kämpften. Unzählige Urus mit blauen Schmetterlingsflügeln umschwebten unser Lager. Zuletzt trug uns ein riesiger Walfisch über die wild schäumende Garcia. Am Ende verschwamm alles ins Unklare, und ein tiefer, gesunder Schlaf entrückte alle aufregenden Traumbilder.

### Audienz bei Dr. Blumenau

Am anderen Tage war große Audienz beim Direktor der Kolonie. Die Reisegefährten, welche schon eher als wir in Blumenau angekommen waren, hatte der Direktor vorher abgefertigt. Mein Vater, Goldener und Nante warteten bis zuletzt. Dr. Blumenau machte es kurz. Mit der Schiffsliste in der Hand verglich er diese mit der mündlichen Aussage des Betreffenden und machte seine Notizen darüber, wenn etwas nicht übereinstimmte. Sodann gab er noch Auskunft, wo sich

Primeiramente os dois soldados remaram um bom trajeto rio acima, atravessando então, com grande habilidade, a correnteza que agora bramia formalmente. O maior perigo consistia na madeira que, em parte, flutuava sob a água, não podendo ser percebida devido às grandes ondas lamacentas. Aportamos felizes na margem oposta. A seguir, eles atravessaram meu pai com o mesmo sucesso.

Vendo que os canoieiros eram hábeis, Goldener tomou coragem e embarcou espontaneamente na canoa. Já era tarde. O romper da noite nos apressou. A terceira travessia ocorreu igualmente bem. Contudo, os dois remadores estavam tão exaustos pelo esforço, que ofegavam agitadamente. Eles haviam prestado uma prova cabal de sua força e habilidade. Por hoje estavam saturados de remar. A canoa foi içada para a terra e os nossos amigos foram para casa a pé. Meu pai deu um valioso canivete com várias lâminas para o Cabo e o Chico ganhou um lenço novo em seda colorida do Goldener. Não se podia distinguir qual dos dois soldados se alegraram mais com seus presentes. Correram como crianças, quase em trope, para mostrá-los aos seus camaradas.

Agora soubemos que o próprio Dr. Blumenau havia solicitado aos dois canoieiros para nos socorrer, após um dos nossos companheiros de viagem ter-lhe informado sobre a nossa situação.

Nossa mãe, sem noção do perigo, soube do acontecido apenas mais tarde, chorando ainda posteriormente. Nessa noite, nós irmãos, tivemos uma série de sonhos estranhos. Sonhamos com cobras gigantes que lutavam com rãs em formato de dragão e infinitos urus com asas azuis de borboletas sobrevoavam o nosso acampamento. Por último, uma gigantesca baleia atravessou sobre o bravio Garcia. Por fim, tudo se confundiu na obscuridade e um sono salutar ocultou todas essas visões excitantes.

### A Audiência com o Dr. Blumenau

No dia seguinte houve uma grande audiência com o diretor da colônia. Os companheiros de viagem que haviam nos antecedido na chegada a Blumenau, foram os primeiros a serem atendidos pelo diretor. Meu pai, o Goldener e o Nante foram os últimos. O Dr. Blumenau foi breve. Com a lista de bordo nas mãos, fez a comparação com o respectivo depoimento oral, anotando o que não correspondia com a mesma. A seguir, informou onde os imigrantes podiam escolher terras e ainda deu alguns conselhos bem intencionados, dispensando assim o grupo.

Então, chegou a nossa vez. O Nante se apresentou por primeiro, ele de fato havia se lavado e até penteado e, excepcionalmente, não apresentava uma

die Immigranten Land aussuchen konnten, erteilte einige gutgemeinte Ratschläge, und die ganze Gruppe wurde in Gnaden entlassen.

Jetzt kamen wir an die Reihe. Zuerst trat Nante vor. Er hatte sich wirklich gewaschen und sogar gekämmt! Er sah auch ausnahmsweise nicht allzu sehr verschwiemelt aus, lauter Zeichen, daß er sich der Feierlichkeit dieser Vorstellung wohl bewußt war. Er hielt einen Brief in der Hand, den er nach einer linkischen Verbeugung dem Direktor feierlich überreichte. Dieser machte ihn hastig auf, warf einen kurzen Blick hinein und sagte dann:

„Larifari. Machen Sie Fidibusse daraus!“ damit gab er Nante den Brief wieder zurück, musterte ihn einen Augenblick scharf durch seine Brille und sagte plötzlich: „Zeigen Sie mir Ihre Hand!“ Nante, der nicht wußte, was diese Aufforderung bedeuten sollte, streckte bestürzt seine große Tatze aus.

„Ah! Schon gut, schon gut! Sehe schon, haben keine Schwielen. Schwielen sind die beste Empfehlung in Blumenau. Merken Sie sich das!“

Nante war entlassen. Ganz verwirrt taumelte er hinaus. Vor der Tür zerriß er das Empfehlungsschreiben in lauter Fetzen und trampelte mit seinen großen Füßen darauf herum. Alle seine Hoffnungen auf eine Anstellung waren zunichte geworden. „Schwielen! Schwielen!“ ahmte er den Direktor höhnisch nach. „Also arbeiten? Brrr, eher will ich mein' Lebtage...“ Der Rest erstarb in leisem Gemurmel, weil einige Personen auf ihn aufmerksam wurden.

Unterdessen kam Goldener ins Examen und bestand es glänzend.

„Kaufmann gewesen?“ „Nur Kommis, Herr Doktor.“ – „Kommis, Kommis. Können Sie nicht deutsch sprechen?“ – „Jawohl, also Ladendiener.“

„Recht so. Können Sie arbeiten?“

Goldener wußte nicht gleich, was er antworten sollte, sagte dann aber offen: „Bis jetzt nur mit der Feder, Herr Doktor.“

„Federfuchse kann ich nicht gebrauchen“, antwortete dieser etwas grog. Aber Goldener war so leicht nicht aus der Fassung zu bringen wie Nante. Er zeigte sich in dieser Hinsicht dem Direktor gewachsen.

„Sie sind drüben auch nicht mit dem Waldmesser im Gürtel herumgelaufen, Herr Doktor!“ meinte jetzt Goldener, den der „Federfuchser“ etwas ärgerlich gestimmt hatte.

„In welchem Sinne meinen Sie das?“ frug der Direktor scharf.

„Ich meine, daß Sie das, was Sie arbeiten nennen, auch erst hier lernen mußten, so gut wie jeder andere, der es noch nicht verstand, mit Axt und Hacke umzugehen, aber den guten Willen hatte, es zu lernen.“

„Ach so! Ganz gut! Sie wollen also Kolonist werden?“

„Warum nicht?“

„Haben Sie Geld, wenigstens etwas zum Anfangen?“

„Nein, ich habe bloß noch einige Milreis!“

aparência tão inchada, sinal de que estava ciente da formalidade dessa apresentação. Após um cumprimento acanhado, entregou, festivamente, ao diretor a carta que segurava em sua mão. Ele abriu a carta apressadamente e lançando nela um rápido olhar, falou:

– Tolices! Faça uma fogueira com essa carta, devolvendo-a ao Nante.

Com um olhar penetrante através de seus óculos ordenou:

– Mostre-me a sua mão!

O Nante, não entendeu o significado dessa ordem e esticou sua enorme mão.

– Ah, está bem, está bem! Vejo que o senhor não tem calos. Pois fique sabendo, os calos são a melhor recomendação para Blumenau.

O Nante estava dispensado. Desconcertado cambaleou para fora e, em frente à porta, rasgou a carta de recomendação em pedaços, pisoteando-os em seguida. Toda a sua esperança de conseguir um emprego havia sido malograda.

“Calos, calos, imitava ele ironicamente o diretor. Trabalhar? Pois bem! Brrr, antes eu prefiro passar a minha vida toda ...”, o restante da frase esvaiu-se num murmúrio, porque notou que algumas pessoas o observavam.

Enquanto isso, o Goldener estava sendo interrogado, saindo-se muito bem.

– Foi comerciante?

– Apenas *Kommis*, senhor Doutor.

– *Kommis*, *Kommis*, o sr. não sabe falar alemão?

– Sim, senhor. Bom, eu fui ajudante de loja.

– Melhor assim. O sr. sabe trabalhar?

O Goldener não sabia o que responder de imediato, todavia, o fez com franqueza:

– Até agora somente com a pena, senhor Doutor.

– Eu não preciso de “escrevinhador” aqui, respondeu-lhe asperamente.

Porém, o Goldener não deixava desconcertar-se tão facilmente quanto o Nante e, nesse aspecto, estava à altura do diretor.

– Na Alemanha o senhor também não andava com uma faca na cintura, senhor Doutor, disse então o Goldener que havia considerado o “escrevinhador” levemente ofensivo.

– Em que sentido o senhor diz isso?, indagou o diretor ríspidamente.

– Eu quero dizer, o que o senhor chama de trabalho, o senhor também aprendeu primeiro aqui, tanto quanto qualquer outro que não sabia lidar com um machado ou enxada antes, mas teve boa vontade para aprendê-lo.

– Ah, sim! Ótimo! O senhor então quer ser colono?

– E por que não?

– O senhor ao menos tem dinheiro para começar algo?

„Hm, hm, Sie gefallen mir, weil Sie kurz und offen sind. Scheinen Mut zu haben. Will ebenso offen Ihnen sagen, daß hier vorläufig nichts zu finden ist als schwere Arbeit, Sorge und Entbehrungen aller Art, die der einfache Arbeiter viel leichter überwindet als unsereiner.“

Hier sah er meinen Vater mit an. Dieser wollte etwas erwidern, aber Dr. Blumenau fiel ihm schnell in die Rede: „Weiß schon, weiß schon, was wie sagen wollen. Der moralische Mut allein tut's nicht, können es mir glauben. Können es ja versuchen“.

Dann wandte er sich wieder zu Goldener: „Was wollen Sie zuerst beginnen?“ „Ich will mir Arbeit suchen, um die hiesige Arbeit kennenzulernen.“ „Recht so“, lobte der Direktor. „Kommen Sie im Laufe der Woche noch einmal zu mir!“ Er reichte Goldener die Hand zum Abschied.

Mein Vater, als letzter in der Reihe, kam nun ins Verhör. Obwohl der Direktor, durch falsche Berichte über den Charakter meines Vaters getäuscht, gegen ihn eingenommen sein mußte, benahm er sich doch freundlich gegen ihn; doch machte sich eine gewisse Zurückhaltung bemerkbar.

„Weiß schon, weiß schon“, sagte er in seiner kurz angebundenen Art, „Sie sind Herr Kleine. Haben wohl auch noch keine Axt geschwungen! Wird schwer halten, sehr schwer. Brille, schwächliche Frau, paßt schlecht zum Kolonisten, können es glauben. Oder haben Sie einen anderen Plan?“

„Vorläufig nicht, Herr Doktor. Ich möchte gern in der Nähe des Stadtplatzes ein kleines Grundstück erwerben.“

„Können Sie bekommen, in der Vorstadt oder hier; ist mein Privatland, aber teuer. Wenn Sie zahlen können; kann keinen Kredit geben, habe nichts mehr. Alles zugesetzt, alles, nur das Vertrauen nicht! Können Sie mich begreifen?“

„Vollkommen, Herr Doktor. Etwas könnte ich anzahlen, vielleicht die Hälfte. Ganz blank kann ich doch nicht anfangen, habe auch nicht viel mehr übrig. Der unvorhergesehene Aufenthalt in Hamburg wie überhaupt die ganze Reise hat viel mehr gekostet, als ich vorher gerechnet hatte.“

„Ja, ja, kenne das. Aber haben Sie vielleicht noch Hilfsquellen drüben?“ „Nun, ich weiß nicht. Ich erwarte einen Schwager, einen reichen Apotheker, der hier mit mir zusammen etwas unternehmen möchte. Deshalb wünschte ich auch in der Nähe des Stadtplatzes zu bleiben.“

Der Direktor schüttelte den Kopf und meinte darauf: „Das ist nichts; kommt vielleicht nicht darauf. Reiche Leute haben ihre eigenen Ideen und fragen dabei nicht viel nach einem armen Schwager.“

„Mein Schwager ist ein Ehrenmann, der sein gegebenes Wort zu halten pflegt“, verteidigte mein Vater Onkel Julius.

„Glaub's ja, aber, wie gesagt, reiche Leute haben ihre Schrullen“, wiederholte der Direktor und setzte dann lächelnd hinzu: „Überhaupt reiche

– Não, eu tenho apenas ainda alguns mil-réis.

– Hum, hum, o senhor me agrada por ser breve e franco, parece ter coragem, porém, com a mesma franqueza quero lhe dizer que aqui, por enquanto, não se encontra nada além de trabalho árduo, preocupações e privações de todo o tipo, que são superadas melhor pelo trabalhador mais simples do que por nós.

Olhando para o meu pai que tentava replicá-lo, o Dr. Blumenau logo tomou a palavra:

– Já sei, já sei o que o senhor quer dizer. Acredite, a coragem moral não é o suficiente, mas podemos fazer uma tentativa.

Dirigindo-se novamente ao Goldener, perguntou-lhe:

– Quando o senhor quer começar?

– Eu quero antes procurar uma atividade para conhecer o trabalho daqui.

– O senhor está certo, elogiando-o. Volte no decorrer da semana!

Estendeu-lhe a mão ao se despedirem.

Havia chegado a vez de meu pai, o último da fila a ser interrogado. Apesar de que o diretor devesse ter uma certa antipatia por meu pai, devido a relatos equivocados a respeito do seu caráter, o diretor portou-se gentilmente. Contudo, percebeu-se uma certa reserva.

– Já sei, já sei, disse o diretor com seu modo breve e brusco de falar. O senhor é o sr. Kleine. O senhor também nunca deve ter manejado um machado! Dificilmente resistirá, dificilmente! O senhor pode crer que óculos e uma esposa frágil não servem para os trabalhos agrícolas, ou tem outro plano?

– Por enquanto não, senhor Doutor. Eu gostaria de adquirir um pedaço de terra próximo ao Stadtplatz.

– O senhor poderá recebê-lo no Vorstadt ou aqui; é minha terra particular, mas é cara, se o senhor puder pagar... Não posso dar crédito, não possuo mais nada, pois perdi tudo, só não perdi a confiança. O senhor me entende?

– Perfeitamente, senhor Doutor. Eu poderia dar uma entrada, a metade talvez. Eu não poderei começar assim sem mais nem menos, também não dispoenho mais de muito. A demora imprevista em Hamburgo e toda a viagem custaram mais do que o previsto.

– Sim, sim, conheço isso. Mas o senhor talvez não tem uma fonte de reserva na Alemanha?

– Bom, eu não sei. Estou esperando por um cunhado que é farmacêutico rico e que gostaria de começar algo aqui comigo. Por isso mesmo, gostaria de ficar nas proximidades do Stadtplatz.

O diretor balançou a cabeça comentando:

Apotheker!“ Dann fuhr er im Geschäftston fort: „Sehen Sie sich das Land in der Vorstadt an; will Ihnen Führer mitgeben oder gehe vielleicht selbst mit. Je eher, je besser für Sie!“

„Gewiß, ich kann schon morgen oder spätestens übermorgen, Herr Doktor.“ „Recht so. Aber was ich sagen wollte, was haben Sie für Sachen mitgebracht?“ forschte der Direktor.

„Nun, wir haben einige Kisten gute Sachen, z. B. Wollene Kleider, Tischdecken, Gardinen, Betten, Porzellan.“

„Hören Sie auf, hören Sie auf!“ rief Dr. Blumenau ärgerlich. „Dinge aus der guten Stube passen schlecht in eine Palmitenbude!“

„Vielleicht könnte ich die Sachen zu Geld machen“, sagte mein Vater kleinlaut.

„Hier? Im Urwald?“ antwortete der Direktor. „Hier gibt Ihnen kein Mensch ein Butterbrot dafür. Plunder, nichts als Plunder!“

„Wir haben auch noch Silberzeug“, fiel mein Vater ein, „schwere silberne Bestecke, ganz massiv, und auch etwas Schmucksachen von Halbedelsteinen. „So, so – nun ja, die ließen sich eher zu Geld machen, aber nicht in Blumenau, nicht in Blumenau. Wer soll hier kaufen? – Müssen damit nach Desterro oder müssen es durch eine Vertrauensperson umsetzen lassen. – Nun, wollen sehen, wollen sehen! – Also bis morgen!“ Mit diesen Worten schloß er die Audienz.

Nachdenklich und sehr niedergeschlagen ging mein Vater nach Hause, um meiner Mutter die Unterredung mitzuteilen. „Nein, nein“, tröstete diese, „Bruder Julius hält Wort; und wenn auch nicht, so lebt doch noch der alte Gott über uns, der hat uns hierher geführt und wird uns auch weiter führen.“

„Da sieht man’s wieder, wer der schwächere Teil von uns beiden ist“, erwiderte lächelnd mein Vater, „ich war schon beinahe verzagt, aber wenn Julius uns im Stich läßt, müssen wir Schweres durchmachen; und du bist...“ Meine Mutter hielt ihm mit der Hand den Mund zu und fuhr entschlossen fort: „Ich bin das schwache Rohr, das der Sturm wohl niederbeugen, aber nielmals brechen kann; und du mußt die starke Eiche sein, die allen Stürmen Trotz zu bieten vermag!“

Sie sprachen noch lange über die Zukunft, die so ganz anderes sich entschleierte, als sie heute ahnten. –

### Erwerb eines Grundstücks

Die Weihnachtsfeiertage waren vorüber, und nun ging es ernsthaft an die so notwendige Ausbesserung unseres zerfallenen Palastes und an den Bau der

– Não dará certo, talvez não venha, ou escolherá outro caminho. Não confie nisso. Pessoas ricas têm suas próprias idéias, não ligam muito para um cunhado pobre.

– Meu cunhado é um homem de bem, que trata de cumprir com sua palavra, falou meu pai em defesa do tio Julius.

– Eu creio nisso, mas como já falei, gente rica tem seus caprichos, repetiu o diretor, acrescentando com um sorriso: Principalmente os farmacêuticos ricos!

E prosseguiu em tom comercial: dê uma olhada na terra no Vorstadt, vou mandar-lhe um guia junto, ou eu mesmo irei. Quanto antes melhor para o senhor!

– Certamente, eu já poderei ir amanhã ou no mais tardar depois de amanhã, senhor Doutor.

– Correto. Mas o que eu gostaria de falar... que coisas o senhor trouxe consigo?, sondou o diretor.

– Bem, nós temos algumas caixas com objetos bons, por exemplo: roupas de lã, toalhas de mesa, cortinas, camas, porcelanas...

– Pare, pare! Objetos de uma sala de estar fina não combinam bem em uma cabana de palmitos!, vociferou Dr. Blumenau.

– Talvez, eu pudesse transformar essas coisa em dinheiro, falou meu pai modestamente.

– Aqui? Na mata virgem? Aqui ninguém lhe dará nada por isso. Cacarecos, nada mais que cacarecos!, respondeu o diretor.

– Nós temos ainda prataria, talheres de prata pesados, totalmente maciços e algumas jóias com pedras semi-preciosas, lembrou-se meu pai.

– Ah, sim. Isso daria para transformar mais fácil em dinheiro, mas não aqui em Blumenau. Quem os compraria aqui? O senhor terá que ir a Desterro ou deixar que sejam vendidos através de uma pessoa de confiança. Bom, veremos, veremos! Até amanhã então!

Com essas palavras o diretor encerrou a audiência.

Pensativo e desanimado, meu pai foi para casa, a fim de deixar minha mãe a par da entrevista. Minha mãe tentava consolá-lo:

– Não, não, meu irmão Julius cumprirá com a sua palavra; e mesmo que não o faça, ainda assim temos morando sobre nós o nosso velho e bom Deus, que nos guiou até aqui e continuará a nos guiar.

– Vê-se novamente, qual de nós dois é o mais fraco, replicou meu pai sorridente. Eu já estava quase desanimado. Mas se o Julius nos deixar na mão, teremos que passar grandes dificuldades, e tu és... Minha mãe lhe tapou a boca com a mão, prossequindo decididamente:

fehlenden Küchen. Alle legten Hand mit an, nicht nur sämtliche Schuppenbewohner, sondern auch die Soldaten und einige Kolonisten halfen getreulich mit. – So dauerte es nicht lange, da hatten sie den alten baufälligen Schuppen von innen und außen wieder in Ordnung gebracht.

So weit wäre ja alles ganz schön gewesen. So nach und nach gewöhnte man sich schließlich an die hiesige Lebensweise. Aber die Hitze wurde immer größer und das Ungeziefer wie Moskitos, Bremsen, Schaben und Sandflöhe immer schlimmer. Dazu kamen die sogenannten Klimakrankheiten mit geschwollenen und schrecklich entzündeten Beinen. – So wurde der Aufenthalt im Schuppen, wie das Empfangshaus allgemein bezeichnet wurde, zu einer wahren Leidenszeit für alle Immigranten. Jeder beeilte sich daher so sehr er konnte, um diesen Ort der Qual verlassen zu können, und wenn es auch nur eine ganz primitive Palmitenhütte war, in die man einzog.

Mein Vater hatte wirklich in der sogenannten Vorstadt, in der damals drei ganze Kolonistenfamilien wohnten, oder vielmehr hausten, denn ihre Hütten waren erst teilweise fertig und von Pflanzung war noch wenig zu sehen, ein kleines Grundstück von 16 Morgen erstanden. Er hatte schon etwas Wald zu einer Roça darauf schlagen lassen; das mußte nun eine Zeitlang liegen bleiben, bevor es gebrannt und bepflanzt werden konnte. Diese Zeit benutzte mein Vater und unternahm einen Ausflug an der Garcia aufwärts bis zum letzten Kolonisten.

Zu jener Zeit bildete die Garcia den Hauptdistrikt von ganz Blumenau. Auf beiden Seiten des Flusses wohnten wohl etwa schon 50 Familien, die alle bereits die schlimmste Zeit hinter sich hatten und verhältnismäßig gut eingerichtet waren. Diesmal konnte Goldener nicht mit. Er war, wie man hier sagt, in Monatslohn gegangen, und zwar bei dem Direktor von Blumenau. Wir Jungen mußten natürlich als unvermeidliche Anhängsel mitlaufen.

### Erforschungsreise im Bezirk Garcia

Bei schönem heiteren Himmel traten wir die Erforschungsreise an. Proviant nahmen wir nicht mit. Wir verließen uns ganz und gar auf die Gastfreundschaft der Kolonisten. – Anfangs hielten wir uns bei keinem Kolonisten auf, denn wir wollten die Morgenkühle benutzen, um ein gutes Stück vorwärts zu kommen. Erst um die Frühstückszeit befolgten wir die Taktik der Handwerksburschen und kehrten in einem Gehöft ein. Wir trafen es gut. Hier wohnte einer der beiden Sachsen, die uns am ersten Feiertage im Einwandererschuppen besucht hatten.

Voller Freude nahm uns der Kolonist aus Sachsen, welcher Köhler hieß, in seinem Hause auf, das sich vor allen anderen Kolonistenhäusern, die wir

– Eu sou uma taquara frágil que a tempestade pode até vergar, porém, jamais quebrar; e tu terás que ser o carvalho forte, que resistirá a todas as tempestades!

Eles ainda continuaram a conversar longamente sobre o futuro, o qual desvendou-se de forma bem diferente do que previam.

### Aquisição de um terreno

Após os feriados de Natal, trabalhou-se seriamente na tão necessária restauração do nosso “castelo em ruínas” e na construção das cozinhas. Todos os moradores do rancho, bem como os soldados e alguns colonos, ajudaram a recuperá-lo, interna e externamente, em curto espaço de tempo.

Até aqui, tudo poderia ter sido ótimo. Aos poucos fomos nos acostumando aos hábitos locais. Porém, o calor e a quantidade de mosquitos, moscas, baratas e bichos-de-pé foram se intensificando. Além disso, surgiram as denominadas doenças climáticas, provocando infecções e inchaços horríveis nas pernas. A estadia no rancho, qualificado como a “casa de recepção”, tornou-se um verdadeiro suplício para todos os imigrantes, e assim cada um apressou-se o quanto pôde em abandonar esse local de tormenta, mudando-se, nem que fosse, para uma primitiva cabana de palmito.

Meu pai realmente comprou um pequeno terreno de 16 morgos na chamada Vorstadt, onde ao todo moravam, ou melhor, viviam precariamente três famílias de colonos, sendo suas barracas apenas parcialmente acabadas, e quase não se vendo plantaçaõ alguma.

Papai já havia mandado derrubar uma pequena parte da mata para transformar o terreno numa roça. Todavia, o terreno devia descansar durante algum tempo antes de se proceder à queimada e ao seu cultivo. Meu pai aproveitou este tempo para fazer uma excursão pelo Garcia acima, até o último colono. Na época, o Garcia era o principal distrito de toda Blumenau. Nas duas margens do rio Garcia moravam aproximadamente 50 famílias que haviam superado as piores dificuldades dos primeiros tempos, estando relativamente bem instaladas. Desta vez o Goldener não pôde ir junto, pois trabalhava com o Dr. Blumenau, de “mensalista”, como se diz aqui. Nós, rapazes, naturalmente tivemos que acompanhar meu pai como penduricalhos indispensáveis.

### Expedição ao distrito do Garcia

Debaixo de um sol luminoso partimos para nossa expedição. Não levamos mantimentos, confiando totalmente na hospitalidade dos colonos. A prin-

unterwege gesehen hatten, durch seine Größe und praktische Einrichtung auszeichnete. Überall herrschte Ordnung und gab Zeugnis von dem Fleiß und praktischen Sinn des Hausherrn.

„Ei, Härrje! Se sein wohl schon zeitig aufgestanden, daß Se nun schon hier sein“, meinte der freundliche Sachse. Wir hatten es mit einem der ersten und besten Urwaldpionere zu tun, der im Laufe des anschließenden Gespräches meinen Vater über vieles aufklärte, was diesem als Anfänger von Nutzen sein konnte. Jetzt sagte er: „Nu, nu – kommen Se nur rein, ich will bloß meine Alte rufen. So gleich kommen Se nich wieder fort. Se missen erscht friehsticken un sich ausruhn.“ Das sagte er in eifrigem Ton und fuhr in einem Atem fort: „Mer sein beim Kapienen; wissen Se, mer wolln negsten Monat Zuckerkanne pflanzen, und do missen mer eben uff'm Posten sein, das kenne Se glauben.“

Köhler nahm jetzt ein Ochsenhorn von der Wand und blies das Signal: Nach Hause kommen! hinein. Es dauerte auch gar nicht lange, da erschien eine stark gebaute Frau, die aber durchaus noch nicht die Bezeichnung „Alte“ verdiente, mit einem kleinen Trupp Kinder hinter sich, lauter Mädchen, nur ein Knabe im selben Alter wie wir Jungen war dabei. Mutter und Kinder sahen gesund und kräftig aus.

Die Frau streckte uns schon von weitem ihre Hände zum Willkommen entgegen. „Na sowas!“ rief sie uns zu. „Se sein gewiß von de Neideitschen, die vorn Fest neikumme sein. Na sowas! Un de beeden Gungele, sein das Ihre Kinder? – na sowas! – Wie heeßen denn de Gungele? – Ei, Karl un Teedor, na sowas, - Na seien se uns schon willkommen! Warum haben Se denn Ihre Frau nich mitgenommen? Se is schwächlich – na sowas! Na, Se wärn wohl scheenen Hunger haben mit ihren beeden Gungeln. Ich werd Se gleich was bringen.“ Sie verschwand in der Küche, um das Frühstück zu besorgen. „Se haben woll gar nischt bei sich?“ frug der Hausherr.

Mein Vater antwortete verlegen: „Wir hatten kein Brot im Hause, und den Farin...“

„Ach nee, doch nee“, unterbrach ihn Köhler, „so meene ich das nich; ich meente nur, Se haben sich nich mal ä Fack (Waldmesser) mitgenommen.“ „Ist das denn nötig?“ fragte mein Vater verwundert.

„Na, wissen Se, hier geht Se keen Mensch ohne Fack aus denne Haus. Es gibt Se nämlich allerlei Schlangen, missen Se wissen, un der Scharacke (Jararaca, sehr giftige Schlange) hat seinen Namen nich umsonste, das is Se werklich ä Racker! Nemmen Se sich bloß eenen ordentlichen Knippel mit.“

„Wie weit ist es denn noch bis zum letzten Kolonisten?“

„Ja, wissen Se, der letzte heeßt Mathias. Se heeßen em nur denn tauben Mathias, weil er so schwer hört. Der wohnt Se gar nich so sehre weit, aber den

cípio, não nos detivemos na casa de nenhum colono, pois queríamos aproveitar o frescor da manhã para avançar um bom trecho. Apenas na hora do *Frühstück* (lanche) resolvemos adentrar na propriedade de um colono, seguindo a tática dos aprendizes de ofícios. Fomos bem sucedidos na nossa parada, pois aqui morava um dos dois saxões que nos visitaram no rancho dos emigrantes por ocasião do primeiro feriado de natal.

O colono da Saxônia, chamado Köhler, nos acolheu em sua casa com grande satisfação, a qual se destacava, por seu tamanho e praticidade de instalação, entre todas as outras que vimos durante o caminho. Por todos os cantos reinava ordem, testemunhando o zelo e o conceito funcional do dono da casa.

– Olá senhor! O senhor deve ter se levantado cedo para estar aqui já a esta hora, falou amavelmente o saxão em seu dialeto.

Estávamos diante de um dos primeiros e melhores pioneiros da mata virgem, que no decorrer da conversa deu muitas instruções a meu pai, que foram de grande utilidade para um principiante como ele. Falou então:

– Bem, bem, entrem. Eu só quero chamar a minha velha. O senhor não sairá tão logo daqui. Antes terá que tomar um lanche e descansar aqui.

Prosseguindo animadamente, falou:

– Sabe, estamos na época da capinação, pois no próximo mês queremos plantar cana-de-açúcar e, portanto, precisamos estar a postos, o senhor pode crer.

Então o Köhler tirou um chifre da parede, assoprando nele a mensagem: “Venham para casa!” Não demorou muito, apareceu uma senhora bem encorpada, mas que absolutamente não merecia o atributo de “velha”, acompanhada por uma tropa de crianças, uma porção de meninas e apenas um menino da mesma idade que nós, rapazes. Mãe e filhos aparentavam ser saudáveis e vigorosos.

De longe a mulher nos estendeu a mão, dando-nos boas-vindas.

– Que coisa!, exclamou ela. Vocês certamente devem ser daqueles alemães recém-chegados que vieram antes da festa! E os dois rapazes são seus filhos? Como se chamam?

– Karl e Teodor!

– Pois sejam bem-vindos! Por que o senhor não trouxe a sua esposa consigo?

– Ela está enfraquecida!

– Bem, o senhor e os rapazes devem estar com fome. Eu logo lhes trarei algo, desaparecendo na cozinha para preparar o lanche.

– O senhor não deve ter trazido nada consigo!, indagou o dono da casa.

Meu pai respondeu constrangido:

– Nós não tínhamos pão em casa e a farinha ...

– Não, não, interrompeu o Köhler, eu apenas quis dizer que o senhor não trouxe nem sequer um facão.

Weg haben se uff mehren Stellen zugehaun beim Roçasschlagen, und das werd Se halt sehre uffholden. Wolln Se denn noch bis dorten?“

„Nun, wenn ich irgend kann, möchte ich gerne alles sehen, möchte aber auch gern heute abend wieder zu Hause sein. Wird das gehen?“

Köhler kratzte sich hinter den Ohren: „Jo, das kann ich Se nich gewiß vesprechen, aber bis nach uns kenne Se wieder zurickkummen.“

„Übernachten wollte ich nicht gern, meine Frau würde sich ängstigen“. „Jo, jo – aber dunkel wird Se’s, das weeiß ich gewiß.“

Mittlerweile trug die Frau das Frühstück auf: Maisbrot, Butter, Eier, Fische und Käse! Sie hatte offenbar herbeigeschafft, was die Küche hergab, und zwar in solcher Menge, daß wir darüber erstaunten. Solche Kost hatten wir lange nicht gesehen! – Nun, wir taten unsere Schuldigkeit so eifrig, daß wir die vielen Fragen der Eheleute nur kurz beantworteten. Als wir endlich satt waren, meinte Köhler schmunzelnd: „Nu habt Ihr gäßen, nu misst Ihr auch was tun! Itze gehn mer in de Rosse (ins Feld) un Ihr mißt Eich alles besehn, ebbt Ihr weitergeht.“

Das war gerade, was mein Vater wünschte. Er kannte noch so gut wie gar keine Roça-Arbeit und hätte gar zu gern einen kleinen Begriff davon gehabt. – Wir mußten nun durch dick und dünn, die Kreuz und Quer, über Stock und Stein durch die ganze Anpflanzung hindurch! Unser Führer vergaß keine Ecke, keinen Winkel, alles mußten wir sehen.

„Sehn Se, hier will ich Se Kanne (Zuckerrohr) und dorten will ich Se Bohnen pflanzen. Das hier is Se e Stickchen Eibih (Aipim, Maniok), mer konnten nich viel davon pflanzen und hatten nich mehr Rammen (Stecklinge) davon. Das negste Mal kann mer schon ä ganz Teil mehr neinbringen“.

Wir kamen jetzt durch ein großes Maisfeld, welches schon abgeerntet werden konnte, sahen noch Bohnen, Melonen, Gurken und anderes mehr und standen endlich wieder auf der grünen Weide an einer Stelle, wo man nicht nur die ganze Ansiedlung unseres Wirtes, sondern auch noch eine große Strecke des Garciaales übersehen konnte. Es war ein herrlicher Aussichtspunkt. Überall junge Anpflanzungen mit Palmitenhäusern besetzt, manchmal unterbrochen von Urwald oder einer kleinen Waldlichtung, die noch unbewohnt schien, oder eben niedergelegten Waldschlägen. Im Hintergrund lauter Berge mit ihren Ausläufern, Tälern und Schluchten. So weit das Auge reichte, lauter Urwald, unermeßlicher Urwald! Hier im Tale der Garciafluß, der sich in Hunderten von Krümmungen silberhell dahinschlängelte.

„Sehn Se, hier sitz ich sonntags manchmal stundenlang und betracht mer das alles“, sagte Köhler. Mein Vater wunderte sich im stillen, soviel Sinn für Naturschönheit bei einem schlichten Bauern zu finden.

Jetzt schallte ein langgezogener Ton zu uns herüber. „Mei Alte ruft uns zu Mittag“, erklärte Köhler, und wir machten uns auf den Rückweg zum Haus.

– Isto é necessário?, perguntou o meu pai admirado.

– Bem, o senhor sabe, aqui ninguém sai de casa sem um facão. O senhor precisa saber que há muitas cobras e a *scharacke* (jararaca, cobra muito venenosa) não tem esse nome em vão, ela é realmente vil. Não deixe de levar consigo um bom porrete.

– O último colono fica ainda muito distante daqui?, perguntou meu pai.

– Bem, o senhor sabe, o último chama-se Mathias, mas todos o chamam de Mathias surdo, por ouvir muito mal. Ele não mora longe daqui, porém o caminho foi interrompido em diversos trechos pelo desmatamento de roças e isto se tornaria bastante demorado. O senhor ainda pretende ir até lá?

– Bem, se fosse possível, eu gostaria de ver tudo, mas também gostaria de estar novamente em casa hoje à noite. Isso seria possível?

Coçando-se atrás das orelhas, o Köhler respondeu:

– Bem, isto eu não posso lhe prometer, mas o senhor poderia voltar aqui para casa.

– Eu não gostaria de pernoitar fora, minha esposa ficaria preocupada.

– Sim, sim, mas tenho certeza que o senhor não regressará antes do escurecer.

Entrementes, a mulher serviu o lanche: pão de milho, manteiga, ovos, peixe e queijo! Evidentemente ela trouxe de tudo que havia na cozinha e em tão grande quantidade, que ficamos admirados. Há tempo não víamos uma comida assim! Bem, nós cumprimos com a nossa obrigação com tanta solícitude, que as muitas perguntas do casal foram respondidas apenas brevemente. Ao estarmos finalmente saciados, o Köhler sorriu satisfeito dizendo:

– Bem, agora que comeram, também terão que fazer algo! Antes de continuarem o caminho, iremos à roça, onde vocês terão que ver tudo.

Era justamente isso que meu pai desejava. Ele não conhecia quase nada sobre o trabalho da roça e gostaria de ter uma noção. Tivemos, então, que ziguezaguear sobre paus e pedras entre toda a plantação! Nosso guia não esqueceu de nenhum recanto, tínhamos que ver tudo.

– Veja, aqui eu quero plantar cana e lá, feijão. Isto aqui é uma plantação de aipim e, por falta de mudas, não é possível plantar muito, mas da próxima vez poderemos plantar bem mais.

Agora passávamos por uma extensa plantação de milho, que já estava no ponto de ser colhido. Vimos ainda plantações de feijão, melancia, pepino, etc., e finalmente nos encontramos novamente sobre um pasto verdejante, de onde se avistava toda a propriedade colonial do nosso hospedeiro, bem como um grande trecho do vale do Garcia com uma vista maravilhosa! Por toda extensão havia plantações recentes, guarnecidas por casas de palmito, por vezes interrompidas

Der Tisch war schon gedeckt. Uns zu Ehren hatten ein paar Hühner ihr Leben eingebüßt, und hier bekamen wir zum ersten Male Aipim zu kosten, er war weiß und mehlig und schmeckte vortrefflich. Nach Tische gab es herrliche Ananas und Melonen.

Köhler stand auf und nötigte meinen Vater in die Schlafkammer zur Mittagsruhe. Vater war dies zwar nicht gewöhnt, aber die große Hitze machte ein wenig Ruhe nötig. Wir Jungen sollten auch schlafen, zogen es aber vor, mit Heinrich, unserem neuen Freunde, an den Fluß zu laufen. Nach dem Nachmittagskaffe machten wir uns wieder auf den Weg. Die schlimmste Hitze war vorüber und der angenehme Seewind hatte sich wieder eingestellt. Wir waren schon wieder über eine Stunde unterwegs, und immer noch kam kein Mathias. Aber dann sahen wir endlich wieder ein Häuschen und eine kleine Anpflanzung vor uns liegen. Kein Mensch war zu sehen. Vater rief, so laut er konnte, bekam aber keine Antwort. Ein fürchterlich magerer Hund bellte uns an. Wir gingen ans Haus und guckten durch die Ritzen. Drinnen saß ein kleines vertrocknetes Männchen und putzte an einer Doppelflinte herum. Auf einem Tisch von Palmitenlatten lagen noch mehrere Gewehre und Pistolen herum. „Gut Tag!“ rief mein Vater durch die Latten hindurch. Jetzt endlich hatte er es vernommen. Wir hatten wirklich den tauben Mathias in höchsteigener Person entdeckt. Er machte uns sogleich die Tür auf, warf dem Hund eine Hacke zwischen die Beine, daß er laut aufjaulte, und nötigte uns dann mit sanfter Gewalt ins Haus.

„Ah, Sie wollen wohl Land ansehen? Es liegen noch einige Kolonien hier oben, ist aber viel Berg dabei.“

Vater erklärte ihm den Zweck unseres Kommens mit lauter Stimme. „Ach, schreien Sie doch nicht so! Ich höre ganz gut. Wie ist Ihr werter Name – Ach so, Herr Beinel! Jawohl, ich will es Ihnen zeigen, aber heute kann ich nicht mitgehen, meine Frau ist nach dem Stadtplatz hinunter, und die drei Jungen kann ich nicht allein hier lassen. Morgen früh, eher geht's wirklich nicht.“

„Nein, nein“, schrie mein Vater, „ich suche hier kein Land, wir wollen uns nur ein wenig ausruhen, dann kehren wir gleich wieder um.“ Aber Mathias verstand wirklich nur die Hälfte von dem Gesagten, und dann noch verkehrt. Vater hatte es aufgegeben, sich verständlich zu machen und schwieg, während Mathias in einem fort weiterredete. Vater geriet in gelinde Verzweiflung, aber da erschien Mathias' Frau als rettender Engel. Nun ging die Unterhaltung besser vonstatten.

Zwischendurch hatte die Frau Kaffe, Farin, kalte Fische und köstliche Bananem auf den Tisch gestellt. „Brot können wir nicht backen“, entschuldigte sie sich, „wir brauchen einen ganzen Tag, um zur Mühle zu kommen.“

Als Vater den Kaffee probierte, setzte er erschrocken die Tasse wieder hin. Das war doch kein Kaffee! Die Frau mußte sich wohl vergriffen haben. –

pela mata virgem ou por clareiras, que pareciam ainda desabitadas, ou por árvores desmatadas. No fundo, erguia-se uma porção de morros com suas encostas e vales. Por onde se olhava, avistava-se uma imensa mata virgem e aqui no vale, o rio Garcia rastejando-se argênteo entre centenas de curvas.

– Veja, aqui de vez em quando, eu me sento aos domingos, observando tudo isso durante horas, falou o Köhler.

Meu pai admirou-se em encontrar um simples agricultor que se interessasse tanto pelas belezas naturais.

Um som agora ressoava até nós.

– Minha velha está nos chamando para o almoço, explicou o Köhler, e pusemo-nos a caminho de casa. A mesa já estava posta e foram mortas algumas galinhas em nossa homenagem. Aqui, pela primeira vez, experimentamos aipim, que estava branco, farinhoso e delicioso. Como sobremesa havia deliciosos abacaxis e melancias.

O Köhler levantou-se, convidando meu pai para tirar uma sesta em seu dormitório. Meu pai não era acostumado a isso, porém, com o calor intenso, um descanso se fazia necessário. Nós, rapazes, devíamos dormir também, mas preferimos andar pelo rio com Heinrich, nosso novo amigo. Após o café da tarde, continuamos o nosso caminho. O pior calor havia passado e uma agradável brisa marítima se fez sentir, porém, nada de atingirmos o Mathias. Entretanto, vimos, enfim, uma casinha e uma pequena plantação à nossa frente. Não se via ninguém. Meu pai chamou o mais alto possível, mas não recebeu resposta. Apenas um cão horrivelmente magro nos recebeu latindo. Aproximamo-nos da casa e espiamos para dentro através das frestas. Lá dentro vimos um homenzinho magro, limpando uma espingarda. Sobre uma mesa feita de ripas de palmito havia mais armas.

– Boa tarde! meu pai gritou por entre as frestas.

Agora, finalmente, ele nos percebeu. Realmente havíamos descoberto em pessoa o surdo e estranho Mathias, o qual abriu imediatamente a porta, jogando uma enxada entre as pernas do cachorro, que saiu aos gritos. Mathias nos convidou para entrarmos.

– Ah, o senhor certamente veio ver terras? Aqui em cima ainda há algumas colônias, mas são bastante íngremes.

Em voz alta meu pai lhe explicou o motivo da nossa visita.

– Ah, não grite tanto! Eu ouço bem. Como é o seu nome?

– Ah sim, Senhor Beine! Está bem, irei lhe mostrar as terras, só que hoje não posso ir junto, minha esposa foi ao Stadtplatz e os três meninos não podem ficar sozinhos. Amanhã cedo, pois antes realmente não será possível.

– Não, não, gritava meu pai, eu não estou à procura de terra, nós queremos apenas descansar um pouco, logo regressaremos.

Mathias hatte das bemerkt und sagte lächelnd: „Sie haben wohl noch keinen Maiskaffee getrunken? Wir trinken diese Brühe schon Jahr und Tag, der Kaffee ist zu teuer für uns. Ja, ja, Sie haben noch keine Ahnung davon, was es heißt, mitten im Urwald anzufangen.“

„Haben die Indianer hier noch keine Kolonisten belästigt?“

„Belästigt? – Sie haben erst vor kurzer Zeit zwei Anfänger, meine oberen Nachbarn, überfallen und auf eine schauerhafte Weise massakriert. Wenn ich nicht so gut bewaffnet wäre, hätten sie uns wohl auch schon eine Visite abgestattet.“

Und dann erzählte er in allen Einzelheiten den bedauerlichen Überfall der Wilden auf die beiden jungen Deutschen. Wir Knaben hatten dieser Indianergeschichte mit heimlichem Grauen zugehört und warfen unsere Blicke immer wieder nach dem Waldesrand, ob nicht einige Rothäute erschienen.

„Jetzt ist's aber wahrhaftig Zeit aufzubrechen. Kommt, Jungs, wir müssen eilen!“ Mathias wollte uns über Nacht bei sich behalten, aber Vater drängte nach Hause, er wollte Mutter nicht unnötig ängstigen. Wir bekamen noch eine gehörige Portion Bananen aufgeladen, die damals bei allen Anfängern das Brot ersetzen mußten, und nahmen Abschied von einem Manne, der hier auf äußerstem Vorposten geradezu Wache hielt für weitere Urwaldpionire.

Zurück ging es nun so schnell wie möglich. Bei Köhlers mußten wir noch einmal kurz anhalten. Sie hatten uns schon kommen sehen und ein ansehnliches Bündel zusammengepackt. Wir sollten mit Gewalt dableiben, aber Vater ließ sich nicht halten, dankte für alles Gute und eilte mit uns weiter. Todmüde und abgehetzt kamen wir in dunkler Nacht wieder zu Hause an. –

Porém, o Mathias entendia apenas a metade e, mesmo assim, errado. Enquanto ele falava ininterruptamente, meu pai desistiu de se fazer entender, calando e desesperando-se. Mas eis que apareceu a esposa do Mathias como um anjo salvador e a conversa transcorreu melhor.

Entrementes a mulher havia posto na mesa: café, farinha, peixe frio e deliciosas bananas.

– Pão nós não podemos fazer, porque levamos um dia inteiro para irmos à atafona, desculpou-se ela.

Ao experimentar o café, meu pai abaixou a xícara, assustado. Isso não podia ser café! A mulher devia ter se enganado. O Mathias percebeu o que estava acontecendo e falou sorrindo:

– O senhor nunca deve ter bebido café de milho? Nós bebemos sempre desse caldo, o café é muito caro para nós. Sim, sim, o senhor ainda não tem noção do que significa começar em meio à mata virgem.

– Os índios ainda não molestaram nenhum colono por aqui?, perguntou meu pai.

– Molestaram? Há pouco tempo eles assaltaram dois novatos, meus vizinhos, massacrando-os horripelmente. Se eu não estivesse tão bem armado, certamente também já teriam nos visitado.

E Então o Mathias relatou com todos os pormenores o lamentável assalto dos selvagens aos dois jovens alemães.

Nós, rapazes, ouvíamos esta história sobre os indígenas com um secreto pavor, lançando olhares contínuos às margens da mata, para ver se não apareciam alguns peles-vermelhas.

– Agora realmente está na hora de partirmos. Venham meninos, precisamos nos apressar!

O Mathias queria que pernoitássemos em sua casa, porém, meu pai insistiu em ir, não querendo preocupar nossa mãe em vão. Ganhamos ainda uma boa porção de bananas, fruta que na época substituía o pão dos principiantes, e nos despedimos de um homem que patrulhava num posto avançado para os futuros pioneiros da selva.

A volta transcorreu o mais rápido possível. Fizemos uma breve parada na casa dos Köhler, que já estavam à nossa espera com uma considerável trouxa. Queriam por força que ficássemos por lá, mas meu pai não deixou prender-se, agradeceu por tudo de bom e seguiu adiante conosco.

À noite, chegamos exaustos em casa.

### Pe. Gattone: centenário de falecimento

TEXTO:

Pe. ANTÔNIO  
FRANCISCO  
BOHN\*



No dia 28 de janeiro de 2001, recorda-se o centenário de falecimento do Pe. Alberto Francisco Gattone. Este primeiro vigário da Freguesia de São Pedro Apóstolo (Gaspar), nasceu em Schladen (Goslar), bispado de Hildesheim (Alemanha), no dia 9 de outubro de 1834, filho de João Gerard Ignatz Gattone e Ernestina Frederica Gerike. Foi batizado em 13 de novembro, estudou no ginásio São José, em sua cidade natal de 1847 a 1853. Ingressou no Seminário Diocesano, onde cursou Filosofia e Teologia, preparando-se para o sacerdócio. Ordenou-se padre em novembro de 1858, sendo designado para trabalhar em Hannover.

Em 20 de agosto de 1860, requereu e obteve permissão para seguir a vida missionária. Sua passagem foi custeada através de empréstimo junto ao Bispado por um prazo de três anos e afiançado por seu amigo, Padre Carlos Boegershausen, vigário na Colônia D. Francisca desde 1857. Veio ao Brasil em 2 de novembro de 1860 a bordo do veleiro "Louise Friederike", chegando a Joinville, com o propósito de auxiliar nos trabalhos pastorais. Como Pe. Carlos pastoreasse também por esta nossa região e já havia prometido aos colonos um padre residente, designou Pe. Gattone para esta função, mais precisamente na capela de Belchior, construída em 1850.

Hospedou-se na casa de Nicolau Deschamps. Tratou logo da criação da Freguesia, redigindo uma petição à Assembléia Legislativa da Província, auxiliado pela família Schramm.

Conseguiram seu objetivo pela Lei no. 509, de 25 de abril de 1861. Além desta localidade,

---

\*) Reitor do Santuário Nossa Senhora Aparecida e Chanceler do Bispado, em Blumenau.

Pe. Gattone começou a visitar e assistir espiritualmente as famílias católicas da região. A educação da juventude logo mereceu sua atenção especial.

Tratou também de trabalhar pelas principais necessidades da recém-criada Freguesia: criação de uma escola, oferecendo-se para regê-la; a construção de uma matriz; demarcação dos limites; ajuda financeira para moradia; pedido para envio de famílias católicas; demarcação do terreno destinado à construção da matriz, cemitério e casa do vigário.

Não faltaram alguns desentendimentos entre Pe. Gattone e o Dr. Blumenau. Numerosas solicitações, queixas e reclamações são comprovadas pelos inúmeros documentos e relatórios que comprovam a séria desavença entre eles. Os primeiros incidentes surgiram quando o vigário dirigiu uma carta em termos nada convenientes ao diretor, queixando-se da falta de um edital com referência ao cemitério da povoação, depois a reclamação sobre a celebração de um casamento misto pelo pastor Hesse, a questão dos limites de Oeste da nova Freguesia, e sobre o terreno da futura matriz.

Apesar desses contratemplos, o Dr. Blumenau não deixou de advogar perante o Presidente da Província o direito do Pe. Gattone de receber os vencimentos pretendidos.

Nos anos posteriores, o vigário ficava sempre dois meses consecutivo na sede, a fim de preparar as crianças para a primeira comunhão. Abriu também uma escola, mas ela teve pouca duração, devido aos múltiplos trabalhos e ao estado precário de sua saúde.

Pe. Gattone visitava as capelas da Colônia: Garcia, Badenfurt e Testo Salto. Na sede, havia sido construída uma capela no morro que servia de cemitério católico e nela foi realizada a primeira festa do padroeiro São Paulo, com missa, celebrada no dia 25 de janeiro de 1865. Também visitava a capela de Brusque (normalmente, duas vezes ao ano) e onde não havia capela, o vigário celebrava os sacramentos em casas particulares, como nas residências de Carlos Maes e de Manoel Bento Gonçalves. Em Ilhota, substituiu, também temporariamente, o vigário de Itajaí.

Viagens penosas e até perigosas. Fazia-se necessário a ajuda de um companheiro de viagem e sacristão. Como primeiro, teve o gasparense Augusto Leckefelt, assassinado em Itapocu, quando se dirigia a Joinville com documentos destinados ao Pe. Boegershausen. João Kormann assumiu depois a função. Locomoviam-se, respectivamente a pé (nas picadas da mata virgem), a cavalo e de canoa. Bem podemos imaginar as dificuldades e obstáculos nessas incursões evangelizadoras.

No dia 21 de maio de 1867, celebrou sua última missa em Gaspar e foi para Brusque, assumindo a recém-criada capelania. Retornou na festa de São Pedro para a inauguração da nova matriz iniciada por ele e construída no atual morro. O terreno para a igreja, casa paroquial e cemitério foi uma doação do Dr. Blumenau à comunidade católica em 2 de abril de 1857. As divergências de opiniões do padre que desejava a matriz sobre o morro e as do diretor que argumentava o barateamento da construção em terreno plano tornaram-se célebres. Durante sete anos ainda continuou visitando as capelas de Blumenau, Pocinho, Garcia e Testo Salto.

Em Brusque, novos desentendimentos surgiram entre o vigário e o diretor Barão de Schneëburg. Na sua obra “Brusque” o historiador Oswaldo Cabral relata os acontecimentos dramáticos e faz reviver, com extrema habilidade, episódios nos quais Pe. Gattone esteve envolvido. No entanto, além do seu atendimento religioso e administração dos sacramentos nas várias capelas que pertenciam à Freguesia São Luiz, dedicou-se também ao magistério, dirigindo a escola pública. No relatório de 1868 consta que “dedica-se grandemente assim às coisas da religião, como às da educação”. Prestou relevante assistência social por ocasião da catastrófica enchente de 1880 sendo, por isso, agraciado pelo Governo Imperial com as insígnias da “Ordem da Rosa”. Foram nada menos do que 22 longos anos à serviço do evangelho como missionário. Uma vida cheia de privações, “de árduos trabalhos e saúde precária”. Uma das ruas centrais da cidade leva seu nome. Permaneceu em Brusque até 1882.

Em seguida, foi vigário de Laguna, no sul do Estado, indo depois para a paróquia de Vassouras (RJ). Mais tarde, foi capelão da Igreja da Glória (RJ). Era homem de muita cultura. Falava latim, português, alemão, italiano, francês e inglês. Faleceu no Hospital da Gamboa, no Rio de Janeiro, no dia 28 de janeiro de 1901. Está sepultado no cemitério do Cajú, justamente na quadra São Pedro (titular de sua primeira paróquia). Existe uma comissão pró-traslado de seus restos mortais para serem colocados no cemitério São José (fundado por ele), em Blumenau.

*Sobre Pe. Alberto Francisco Gattone consultar:*

- BAPTISTA, Leda Maria. *Simplesmente Gaspar*. Nova Letra, 1998, p. 93-137.
- EMMENDOERFER, Frei Ernesto. Primórdios da Paróquia de Gaspar. *Blumenau em Cadernos*, Tomo IV, Março de 1961, p. 41-44.
- FICKER, Carlos. O problema religioso na Colônia Blumenau. *Blumenau em Cadernos*, Tomo VIII, abril de 1967, p. 133-145.
- FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU, Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Inventário Analítico dos Documentos:
- No. 155 (2.15) – 16/03/1862 – Polêmica sobre a construção do cemitério para os católicos.
- No. 157 (2.15) – 06/04/1862 – Comentários sobre atritos existentes entre o Dr. Blumenau e o Pe. Gattone.
- No. 162 (2.16) – 04/07/1862 – Pedido feito pelo Pe. Gattone ao Dr. Blumenau para envio do orçamento para a construção do primeiro cemitério católico.
- No. 164 (2.16) – 15/08/1862 – Relato de Hermann Wendeburg ao Pe. Gattone sobre o serviço de limpeza para construção do cemitério católico.
- No. 165 (2.16) – 15/08/1862 – Pe. Gattone perguntando ao Dr. Blumenau se foi outorgado o dinheiro para construção do cemitério.
- No. 166 (2.16) – 16/08/1862 – Pe. Gattone ao Dr. Blumenau, comentando medidas tomadas para a construção do cemitério.
- No. 181 (2.18) – 16/02/1863 – Queixa do Pe. Gattone ao Dr. Blumenau contra o Pastor Oswaldo Hesse por este ter realizado casamento misto.
- No. 210 (2.20) – 27/10/1863 – Pe. Gattone ao Dr. Blumenau propondo que o nome da futura Freguesia da Colônia Blumenau seja São Vicente de Paula.
- No. 215 (2.21) – 12/05/1863 – Concorde Dr. Blumenau com gratificação a ser concedida ao Pe. Gattone.
- No. 218 (2.21) – 16/02/1863 – Notifica Dr. Blumenau grave situação religiosa criada pelo Pe. Gattone que não aceita realizar casamentos mistos.
- No. 219 (2.21) – 11/02/1863 – De Dr. Blumenau para Pedro L. da Cunha, informando que Pe. Gattone está semeando discórdias.
- KOCH, Pe. Eloy Dorvalino. *Álbum do Centenário de Brusque* (Catolicismo), p. 260-264.

14. 7. 1862

Freg<sup>a</sup> de São Pedro Ap<sup>to</sup>  
em 4 de Julho de  
1862.

Mmo. Sr. Dr. H. Blumenau  
M. D. Director da Col<sup>a</sup> Blumenau

Tendo recebido um officio do Ex<sup>mo</sup>  
Presidente da Provincia, que me  
pede informacões acerca da  
despeza a fazer-se com o cem-  
terio para os catholicos de  
esta Colonia, rogo pois seja  
para o melhor podda fazer  
se digno enviar-me o orce-  
mento conforme o seu melhor  
entender a este respeito, para  
que com uma summa coadju-  
vaca e um bom entendimento  
entre nos seja satisfeito  
a esta urgencia indeclinavel  
da Colonia. Deus guarde a V<sup>ra</sup>.

Ho. Mmo. Sr.  
Director da Col<sup>a</sup>  
Blumenau.

Alf. Gattone  
Freg<sup>a</sup> de São Pedro Ap<sup>to</sup>  
de Alberto Gattone

Carta do Padre Gattone ao Dr. Blumenau, solicitando orçamento para construção do cemitério católico (4/07/1862).

## Artigos

---

### **Arquitetura e Imigração Germânica: os enxaiméis na História, etnicidade e veracidade**

*TEXTO:*

**AFONSO  
IMHOF\***



É corrente contínua nos meios de informação, da imprensa, dos intelectuais, das autoridades e pessoas vinculadas ao turismo e às questões ditas culturais, de que construções arquitetônicas, que apresentam treliças ou cruzeiros-de-santo-andré nas sacadas, pontes e fachadas ou ainda outros elementos externos decorativos de madeira, constituem o badalado, mas incompreendido enxaimel e que, muitos ainda chegam a incluí-lo, equivocadamente, na categoria de estilo arquitetônico – é um gênero – e ainda a considerá-lo como exclusivamente germânico.

Até agora, nenhum pesquisador pôde atestar uma paternidade cultural reconhecida da origem da técnica construtiva primitiva ou secundária em enxaiméis, muito menos da sua hipotética etnicidade ou exclusividade nacional ou de espaços restritos no globo, à qual se possa atribuir sua origem única e sua posterior difusão e adoção devidamente documentadas.

Essa arquitetura sem arquitetos, foi uma das primeiras “globalizações” culturais ocorridas; pode-se constatar a difusão dessa técnica “primitiva” de construção em enxaiméis há mais de mil anos atrás, praticamente, em quase todas as populações que tinham em seu patrimônio cultural o domínio e o conhecimento das propriedades do barro, da argila, da areia e outros agregados reunidos à madeira (os enxaiméis), que constituíam a necessária estrutura para a confecção da taipa (parede). Esse empreendimento humano era coletivo, comum a todos, solidário, não provocava poluição

---

\*) Professor de Antropologia Cultural na UNIVILLE, ex-arqueólogo do Museu de Sambaqui de Joinville e historiador da Fundação Cultural de Joinville.

do ar, desequilíbrio ambiental ou qualquer outra agressão à natureza.

Na Europa, durante e após a Idade Média, as casas dos camponeses e de colonos que formavam, principalmente, as aldeias, vilas, vilarejos e os povoados, eram erguidas com o conhecimento da técnica construtiva em enxaiméis, as paredes eram de taipa e a cobertura era feita com materiais vegetais disponíveis nas áreas de assentamento das diversas populações rurais assim como em inúmeras outras regiões do globo. Os enxaiméis também poderiam ser preenchidos com blocos macios de barro, argila ou os chamados adobes (terracota secada ao sol) e pedras sobre pedras. Uma infinidade étnica, ou de povos tradicionais, além de centenas de etnias germânicas, utilizaram-se desse conhecimento construtivo, com as respectivas adaptações e diversidades regionais.



Residência edificada na Rua Prof. Hermann Lange no Bairro Fidelis.  
Foto: Edmundo Rutter

Com a dinâmica cultural européia da Idade Média, nas diversas cidades livres dos países pluri ou multi-culturais europeus, surgiu a outra técnica construtiva em enxaiméis: os tramados ou “esqueletos” passaram a ser de madeira maciça e o preenchimento passou a se dar com tijolos, substituindo então, os antigos quadrinhos ou feixes feito de varinhas ou varas trançadas com cordas e o barro fixado através da socagem e de aderência com palha e argila. O conteúdo foi alterado, mas a estrutura permanecia à base de enxaiméis.

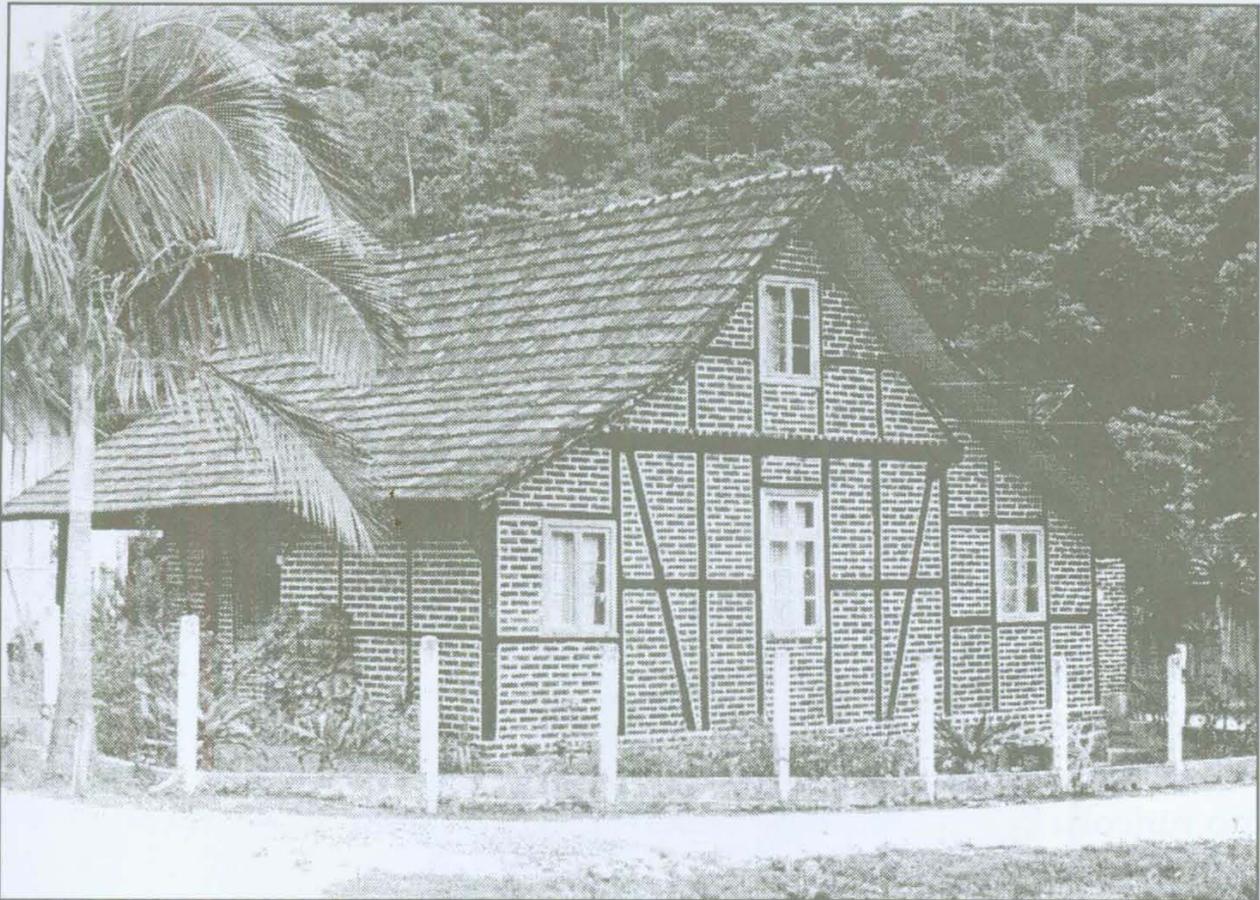
Além da denominação brasileira casa de enxaimel -- denominação incorreta --, existem as palavras germânicas ‘*Fachwerkbau*’<sup>1</sup> (significando construção em prateleiras ou construção com tramados de madeira e os vãos preenchidos com tijolos ou barro) e ‘*Fackwerkhaus*’ (significando casa feita com trabalhos *na* madeira) e a palavra francesa colombage que também se referia aos enxaiméis ou barrotes que, aprumados, resultavam em edificações até de vários andares. Em suma: as madeiras eram os enxaiméis que baratearam os custos das construções e os novos “não muito pobres” -- tanto rurícolas como urbanos -- puderam usufruir assim desse novo gênero ou padrão construtivo.

Enxaimel é cada uma das estacas ou grossos caibros ou barrotes que, com varas, formam os ripados ou engradados para preenchimento com a taipa, uma técnica construtiva inicial dos colonizadores europeus na América. As madeiras ficavam aparentes e essas madeiras é que se chamam de enxaiméis da casa ou do prédio.

*Fachwerk* em alemão e *framework* em inglês, são termos que correspondem à idéia de uma ossatura armada ou estrutura, para que, em seus entremeios, possam receber um preenchimento com barro, formando os taipais ou, quando preenchidos com alvenaria, os tijolos ficam à vista formando uma espécie de gavetas. Esses termos correspondem em nossa língua ao de enxaiméis, em italiano lavoro e em português armadura.

---

<sup>1</sup> GÜNTER WEIMER no seu livro *Arquitetura da Imigração Alemã*, El. Nobel, 1983 oferece um amplo e detalhado estudo dessa questão e de outras tantas sobre os inumeros tipos de enxaiméis.



Residência localizada no Braço do Sul – região de Vila Itoupava  
Foto: Edmundo Rutter.

Devido à implantação de um fortalecimento das bases de sustentação com sapatas de pedra e, também, à estruturação mais sólida com tramos mais espessos e linhas em madeiras resistentes ao tempo, possibilitou-se a construção de grandes casas residenciais e comerciais, edifícios públicos, clubes recreativos, templos, fábricas, armazéns, engenhos e escolas, tanto nas cidades medievais européias, como em áreas camponesas. Nas cidades, essa nova modalidade foi adotada em razão das ofertas e demandas existentes para uma nova classe média em ascensão e não por uma força espiritual subordinada a qualquer “ethos” étnico ou fidelidade a qualquer cultura ou tradição.

Nesta construção, as paredes também são estruturadas por um tramado de madeira aparelhada, -- são os enxaiméis -- em que as peças horizontais, verticais e inclinadas são encaixadas entre si, resultando espaços que foram preenchidos com taipa, adobe, pedra ou tijolos; às vezes todos esses materiais poderiam ser utilizados em uma mesma edificação. Para esse tramado, em inglês, temos o termo *compartment shelf* (estrutura, armação, esque-

leto); em francês *compartiment*, em italiano *spartimento* e em espanhol *compartimiento*.

Enfim, deveremos mencionar ou reafirmar que esta segunda *técnica construtiva* com os enxaiméis aparentes em tramados – os *Fachwerk* ou *framerwork* ou *colombage* –, tem sua paternidade étnica ou sua original procedência desconhecida

No Brasil, nas áreas de colonização de predominância de imigrantes germânicos, tivemos, primeiramente, uma forma rústica de construção de paredes (trançado de cipó, ripa de palmito e argila que formavam os taipais), passando posteriormente a utilizar tijolos de olaria no lugar do barro amassado. Os tijolos agora ficavam aparentes. Eles também preenchiam os enxaiméis, ou seja, os tramados de madeira. As madeiras em geral de cor preta, que também ficavam à vista, eram pintadas com óleo queimado para sua preservação ao tempo (um ideário cultural europeu, não consumista), enquanto que as fugas, eram geralmente pintadas de branco. O preto e branco proporcionam um visual harmonioso e uma interessante combinação. As madeiras – os enxaiméis – mesmo expostas ao tempo, resistiram até os dias atuais, graças também às espécies de árvores: como peroba, cedro e canela. A melhor denominação para essas casas em nosso meio seria casas construídas em enxaiméis, expressão que denota os mesmos significados de *Fachwerk*, *framework* e *colombage*.

No Brasil, costuma-se afirmar que as construções em enxaiméis constituem uma materialização da tradição ou cultura germânica, ou até se diz, que o suposto “estilo” é germânico. Melhor é dizermos que eram construções predominantemente mandadas construir pelos imigrantes ou descendentes de germânicos, suíços, austríacos, prussianos, saxões, pomeranos, dinamarqueses, silesianos, hanoverianos, hamburgueses, bávaros, alsacianos, badenses, holsteinianos, oldenburgueses, tirolezes... “verdade seja dita”, entretanto, esse bem cultural imóvel não conferia (e não confere) etnicidade, muito menos identidade cultural de nenhuma nação em particular. O contemporâneo é que lhes atribuem propriedades étnicas ligadas unicamente à colonização alemã. E vale registrar, que construções da década de 70, do século passado, em Blumenau e Joinville tidas como imitações de enxaiméis, são na verdade pretendentes ao gênero normando com mansardas e madeiramento no reboco ou apresentação de cruzeiros-de-santo-andré (sarrafos pretos) sobrepostos. A bem da verdade, deve-se lembrar que essa “moda turis-tiqueira” iniciou-se com Campos do Jordão, Petrópolis e inúmeras outras

idades turísticas que também construíram hotéis, pousadas ou chalés “suíços” em campos, montanhas e serras, ainda nos dias atuais utilizam-se desse artifício sedutor e enganador.



Antiga casa de comércio localizada na Rua Gustav Schreiber, na Vila Itoupava.

Foto: Edmundo

É próprio da turistificação – e fonte do seu lucro – abstrair de supostos ou “reais” componentes étnicos materiais e imateriais, que representariam (ou representam?) sacralidades, falas, manifestações e identificações por outras concepções imaginadas desvirtuadas, tornando-as para-folclóricas, isto é, apresentações burlescas de tradições sem sentidos, sem valor ético e artístico, muito menos de uma expressão sócio-cultural verossímil, trazendo-as à tona como um resgate para usufruto dos etnicizados.

Uma outra verdade: a construção não se dava por um ato consciente emanado do estoque cultural da “tradição” ou da “cultura” germânica, mas se dava por uma escolha racional econômica diante da disponibilidade da matéria prima nas colônias e pela existência de carpinteiros e pedreiros que conheciam princípios construtivos populares da Europa. Em termos tautológicos: o mercado padronizou e fez moda e pôde, assim, massificar

esse tipo de construção, vendendo-o sem a marca da germanidade e muito menos, alguém adquiriria o material em consonância com uma identidade cultural germânica manifesta ou dissimulada.

Na atual globalização do mercado turístico – “cultural”, as pessoas, grupos sociais locais, regionais ou nacionais, grupos referenciais étnicos, comunidades tradicionais com identidades auto- imaginadas ou por outros atribuídas ou induzidas a sê-las, tal qual imagem e semelhança, especialmente adequadas ao manejo da dominação social -- através de tradições inventadas ou re-impostas sutilmente --, a identidade cultural poderá ser racionalmente seletiva e adotada, se puder ser compensatória através de bonificações materiais-financeiras, isto é, de uma exigência racional de reciprocidade relativa pelo empenho das pessoas nas coisas do comércio cultural, dos seus supostos bens culturais, quer sejam da esfera arquitetônica histórica, quer sejam da esfera produtiva para-folclórica de espetacularizações ingênuas de “suas” danças monótonas e museificadas para turistas auto ou hetero-enganados.



Residência localizada na Rua Erwin Maske – Vila Itoupava.  
Foto: Edmundo Rutter.

A vida em uma cultura é processada inconscientemente, enquanto que a identidade cultural se dá conscientemente. Assim entendo que, quem está dentro de uma cultura age sob a força do modo de vida concebido e vivido por todos, mas a identidade é sempre, racional e emotivamente, composta e recomposta ou atualizada constantemente, através de símbolos, significações e ressignificações, mas que em sua comunhão, poderá haver relativismo cultural e, portanto, discordâncias às escolhas identificadoras feitas por alguns ladinos. Práticas identitárias poderão se constituir em uma etnocentricidade ou até em uma racialização cultural gerando ideologias das diferenças. Muitos críticos e dissidentes almejam, nos dias atuais, a concretização da igualdade humana, da paz e dispostos a lutar pela formulação de uma macro ética e uma tolerância como início para uma nova e radical fraternidade.

O mercado (serrarias e olarias) da época foi, em grande parte, o responsável pela oferta habitacional padronizada, semelhante aos moldes comerciais dos dias atuais com as lojas de material de construção. Na época o padrão determinava, em parte, os tamanhos das casas familiares e também as formas externas.

Houve de verdade uma padronização genérica, no que se refere à estruturação da montagem pré-moldada desses “engradados”, tramados ou enxaiméis no Sul do Brasil (RS e SC), mas devemos registrar a existência de inúmeras variações, criações e resultantes construtivas sobejamente encantadoras e fascinantes, ainda mais, quando essas casas habitam contextos paisagísticos rurais, circundados por pastagens, jardins, quintais, pomares e roças em comunhão com a paisagem verde e com o visual dos tijolos e madeiramento à vista. Infelizmente na área urbana, pode-se constatar em quase todas as casas o reboco desses tijolos, perdendo com isso a graça visual.

Entretanto, caso não forem praticadas políticas patrimoniais históricas sérias e competentes, voltadas à preservação desses bens culturais, ficaremos ainda mais empobrecidos, porquanto as ricas inteligências das cidades de Santa Catarina já permitiram perdas irreparáveis de grande parte de patrimônios históricos desse gênero, e essas cidades estão a cada dia mais tristes, com baixo índice de auto-estima. Muitos poréns e desdêns, fizeram com que o patrimônio cultural material esteja desaparecendo ligeiramente. Para uma exploração temática será preciso um bom empenho conjunto dos municípios catarinenses na busca de um plano mais ambicioso de preservação aliado à educação patrimonial nas escolas e nas “comunidades”.

Tenta-se relacionar, fotograficamente, as casas em enxaiméis com a própria história dos colonizadores, um esforço que se torna inútil pela falta de memória ou mesmo de um vazio na intertradicionalidade do passado com o presente dessas comunidades. Identidades imaginadas por outros funcionam eficazmente? Quem revela a dimensão da identifiabilidade dessas “comunidades”? As “comunidades” não se identificam com esses bens culturais, tal qual o mercado turístico gostaria que fosse. Qualquer proprietário que obviamente também está se valendo do mercado, se pergunta: preservar por que?

***O passado é lição para se meditar,  
Não para reproduzir.***

***Mário de Andrade***

***“Paulicéia Desvairada”***



**Residência localizada na Rua 13 de maio na região do Distrito de Vila Itoupava.**

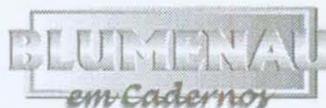
**Foto: Edmundo Rutter.**

## **Fragmentos de Nossa História Local**

### **Em defesa da Colonização Alemã**

**TEXTO:**

**ANTÔNIO  
CARLOS  
KONDER REIS\***



*Apresentamos em seguida um discurso pronunciado junto à Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, no ano de 1949, pelo então deputado estadual Antônio Carlos Konder Reis.*

*Naquela oportunidade este político, que anos mais tarde veio a governar Santa Catarina (1975 – 1979), teceu severas críticas quanto à discriminação que os descendentes de alemães do território catarinense vinham sofrendo após o término da 2ª. Guerra Mundial e as seqüelas da política nacionalizadora dos anos 30 que ainda se refletiam nas áreas de colonização.*

*Havia um clima tenso fora de propósito e de antipatia a estes brasileiros, filhos de imigrantes que ajudaram a construir as bases de ocupação e da economia do território catarinense. Assim, num caloroso discurso, manifestou-se em defesa dessa gente, conforme mostra o texto abaixo.*

Sr. Presidente.

Santa Catarina, de há muitos anos a esta data, tem suportado, imerecida e injustamente, uma infame campanha de difamação que, infelizmente, ainda não foi, por comodismo ou por medo, desmentida e contestada, como devera ter sido há longo tempo.

As injunções da política internacional - realmente ponderáveis - e aquelas advindas da política interna - quase sempre mesquinhas tem evitado que o Governo, cumprindo um elementar dever, ponha-se em defesa de grande parte do povo catarinense, os descendentes da colonização alemã - vítima de trabalho de desmoralização que visa apresentá-la ao resto do Brasil como “quisto racial alemão”, “núcleo de maus patriotas”, “reduto de teuto-brasileiros inimigos do Brasil”, e outras asneiras

---

*Fonte:* Discurso pronunciado na Assembléia Legislativa de Santa Catarina, sessão de 13 de maio de 1949. Antônio Carlos Konder Reis.

desse jaez, que não mereciam sequer resposta, não fosse a funda repercussão causada no seio da maioria do povo brasileiro, desconhecadora do Estado de Santa Catarina e, por conseguinte, alheia à obra grandiosa da colonização alemã no território barriga-verde.

Por outro lado, a tentativa reiterada de se envolver, com base em opiniões isoladas de alguns militares, o nome e a responsabilidade do Exército como instituição nacional exige levantemos nossa voz de repulsa a esse - podemos assim dizer - movimento contra o próprio Brasil.

Os interessados, nos jornais de maior circulação e nas tribunas mais altas, a par de suas diatribes contra algo que, geralmente, não conhecem a não ser superficialmente, acham sempre um meio de falar em farda e batalhão para intrigar o Exército com o povo de nosso Estado, dando a falsa impressão de que as forças armadas encampam, apóiam e aprovam os conceitos levianos então emitidos.

Por isso, só por isso, tomamos a iniciativa de ventilar o assunto na Casa do Povo Catarinense.

Tais acusações, em última análise, atingem o Estado. A nós cabe, portanto, restabelecer a verdade e repelir a ofensa que nos vem sendo feita, ontem como hoje, com ódio e rancor inexplicáveis.

Antes de qualquer outra consideração, frisemos a inoportunidade do ataque.

O descendente de alemão é, como toda pessoa de coração bem formado, sensível às injúrias que se lhe sejam assacadas: não esquecendo o mal que porventura lhe façam.

Ora, essa campanha de desunião entre brasileiros, quando maior deve ser a união e a harmonia entre os filhos de todos os rincões da pátria, sem distinção de origens, tem todas as características da agressão fora de propósito, provocando, certamente, no seio da gente brasileira que tem sangue alemão, um movimento de revolta contra a mentira organizada, para desfazer de sua obra civilizadora, ao mesmo tempo que inspira sentimento de profunda mágoa, pela constatação dolorosa de ainda existirem patrícios insistindo no trágico propósito de afastá-la da comunidade brasileira, para cujo progresso, bem-estar e felicidade tanto tem contribuído.

Assim, condenemos, preliminarmente, a campanha contra a colonização alemã em Santa Catarina, parta de onde partir, por ser inoportuna.

A união dos brasileiros pede que se não agrida, mas que se agrade. Que se não divida, mas que se reúna. Que se não repila, mas que se atraia.

Qualquer outro gesto esconde segundas intenções, traz desígnios excusos, é contra o Brasil!

Não fiquemos, porém na preliminar. Façamos um pouco de obra construtiva, dizendo, dentro da nossa modéstia, ao Brasil e aos brasileiros, o que é, como obra civilizadora e obra cívica, a colonização alemã em nosso Estado. Recordemos, primeiramente, com a brevidade que a natureza deste trabalho impõe, a história da colonização.

Até o ano de 1854 - diz-nos Jacintho Antônio de Mattos, na sua obra "Colonização do Estado de Santa Catarina" doze colônias foram estabelecidas na então Província de Santa Catarina, mas, segundo o Presidente Dr. João José Coutinho, em um de seus relatórios, somente duas colônias - Blumenau e Dna. Francisca - mereciam, propriamente, esse nome. As demais, formadas por agrupamentos ocasionais, sem regulamentos especiais, confundiram-se, dentro em pouco, com a massa geral da população, sujeitas ao regime comum.

Como, então, Srs. Deputados, sustentar que a colonização alemã em Santa Catarina, desde os seus primórdios, foi equipada e instruída para criar uma Alemanha Antártica se, logo de início, somente dois estabelecimentos guardaram o feitio próprio de colônia?

Só por ignorância ou má fé, pois, quem conhece a história da colonização alemã, além disso sabe: a Colônia de São Pedro de Alcântara, a mais antiga, projetada, desde 1793, pelo Tenente-Coronel João Alberto Miranda Ribeiro, teve por primitiva finalidade criar um núcleo em terra firme, no caminho da capital para a Vila de Lajes, para fins de defesa do território!

A história dessa primeira colônia é uma página de bravura, escrita pela gente vinda de Bremen para as terras selváticas da remota província sulina no Império do Brasil.

Em novembro de 1828, chegaram à Santa Catarina aproximadamente, 150 famílias de colonos destinados à formação do estabelecimento. No ano seguinte, dois novos grupos de imigrantes reuniram-se à primeira leva.

Apesar dos esforços e da boa vontade do Presidente da Província, Brigadeiro Francisco de Albuquerque Mello, mais tarde substituído pelo Chefe de Divisão Miguel Mello Alvim, as dificuldades e os contratempores foram indescritíveis. Falta de dinheiro para pagar a diária de 160 rs. a que, pelo espaço de um ano, faziam jus; demora absurda em serem enviados para as terras que deveriam habitar; falta absoluta de qualquer trabalho prévio de desbravamento; abandono completo em que ficaram, com a promulgação

da lei de 15 de dezembro de 1830, que mandou abolir as despesas com a colonização estrangeira, são contas maiores de um rosário infindo de trabalhos e sofrimentos que os pioneiros de São Pedro de Alcântara desfiaram na selva catarinense, não para formar um quisto racial, mas com o nobre fito de lançar os fundamentos de um povo que, quer queiram, quer não, deve inestimáveis favores à sua coragem, inteligência e tradição.

A fibra de seus descendentes, que ainda lá estão, trabalhando para o Brasil - como bons brasileiros - é a grande e incontestável prova do que afirmamos.

O Sr. Alfredo Campos - Nesta altura do discurso de V. Ex<sup>a</sup>., cabe-me declarar à Casa, como um dos representantes do Vale do Itajaí, que ali vive uma população laboriosa, trabalhando honestamente, sem preocupações quanto a origens étnicas, construindo a grandeza do Brasil. (Muito bem).

O Sr. Konder Reis - A autoridade do nobre colega no assunto, reconhecida por todos nós, sobremodo enriquece as modestas considerações que vimos expendendo (não apoiados) e muito as ilustrarão quando lembrarmos o Município de V. Ex<sup>a</sup>., tão bem representado nesta Assembléia - o grande Município de Blumenau.

O Sr. Alfredo Campos - Obrigado a V. Ex<sup>a</sup>.

O Sr. Raul Schaefer - Como representante de um dos Municípios que integram o rico Vale do Itajaí, quero levantar minha voz, em uníssono com a de meu estimado colega Sr. Alfredo Campos, para corroborar as afirmações que o nobre orador vem fazendo. Realmente, são inverídicos os conceitos que se tem divulgado, contra os quais ora se insurge V. Ex<sup>o</sup>.

O Sr. Konder Reis - As mesmas palavras que dirigimos, a S. Ex. o Sr. Deputado Alfredo Campos, repetimos a V. Ex<sup>a</sup>., Sr. Deputado Raul Schaeffer - ilustre descendente da colonização alemã. Quando aludirmos ao Município de Brusque, teremos prazer em que V. Ex<sup>a</sup>. aperfeiçoe nossas referências.

Conta-nos a tradição oral que, na Colônia de Santa Filomena, desdobramento da Colônia de São Pedro de Alcântara, da qual dista 12 quilômetros, os colonos abriram as primeiras picadas e, sem qualquer auxílio ou orientação, iniciaram suas atividades. Até que a primeira cultura - a do feijão - propiciasse a colheita - três meses - alimentaram-se de palmito e frutos silvestres. Mais tarde, quando produziram em maior escala, desciam - colono e família - até o litoral da Praia Comprida, a 70 quilômetros, cada pessoa car-

regando às costas quantidade grande de cereais, para efetuar sua venda perto da capital, único mercado consumidor.

Este é um instantâneo da longa seqüência de lutas que foi a vida da Colônia de São Pedro, nos seus primeiros dias.

Em 1837, alguns colonos de São Pedro de Alcântara - 44 ao certo - deixaram, por pouco férteis, as terras da colônia que lhes haviam tocado e foram instalar-se às margens do Rio Cubatão, onde, com famílias inteiramente brasileiras, passaram a desenvolver suas atividades agrícolas. Várzea Grande - este o nome do novo estabelecimento - não pode ser esquecida não. Este resumo histórico pois, demonstra que, oito anos após sua chegada às terras de Santa Catarina, os colonos alemães constituíram, voluntariamente, a meio do caminho, um núcleo de população teuto-brasileira, desmentindo, já com um século de antecedência, a pecha de exclusivistas hoje lançada sobre suas fronte sobranceiras, por gente que desconhece seu coração e seu trabalho.

Dez anos depois, 150 colonos alemães eram enviados pelo Governo para a região da antiga Armação da Piedade. A má localização da colônia não permitiu o desenvolvimento esperado.

Ainda no ano de 1847, o Governo Imperial localizou, na confluência dos rios Cubatão e dos Bugres, a Colônia de Santa Izabel. Para lá foram 256 imigrantes alemães. Em 1865, contava o estabelecimento 1.200 habitantes. A produção de cereais e laticínios era, então, considerável. Até hoje, Santa Izabel e seus desdobramentos são um exemplo do benefício que representa, para o Estado, a vinda dos colonos alemães.

O momento culminante da história da colonização alemã em Santa Catarina verifica-se. Porém, na metade justa do século XIX: a fundação, pelo Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, da colônia que, nos dias de hoje, transformada em grande cidade do Vale do Itajaí, guarda, como eterno preito de reconhecimento, seu ilustre nome como denominação. Às margens do Rio Itajaí-Açu, a 60 quilômetros da foz, onde, em 1824, Vasconcelos Drummond deitara as fundações da nossa pequena pátria, Itajaí, o Dr. Blumenau, já apaixonado da região, por si percorrida, melhor dizendo, desbravada, três anos antes, com o auxílio do caboclo Ângelo Dias, depois de vencer as maiores dificuldades para conseguir a concessão das terras, a autorização governamental para a empresa, o capital para as primeiras grandes despesas, num sonho de poeta, estabeleceu o primeiro núcleo de imigrantes alemães que iriam deitar as sementes da Capital do Vale do Itajaí. Eram os primeiros

vindos da Prússia, Saxônia e Brunswick. Mal sabiam que lançavam, com mãos enérgicas, as bases de uma sociedade que, para a Pátria comum, ia ser magnífico exemplo de harmonia social e equilíbrio econômico. Mal sabiam que, já àquela época, estavam presentes os três grandes fatores dessa harmonia e desse equilíbrio, segredos do progresso de Blumenau: a bondade da terra, o regime da pequena propriedade e o culto do lar, a mais cara inspiração recebida pelo povo alemão do Cristianismo.

Em 1852, veio para a novel colônia o grande naturalista Fritz Müller, que, no dizer de José Ferreira da Silva, “deixou as comodidades de uma pátria culta e civilizada, para colaborar na realização luminosa, no coração das florestas do Itajaí, de um sonho que se concretizou no presente magnífico e reflorirá no futuro glorioso que o aguarda”.

Dezessete pessoas, a princípio, que, graças à doutrinação do Dr. Blumenau, aventuraram-se a deixar sua pátria e vir para uma terra sua conhecida, apenas, pela campanha de desmoralização que lhe moviam as outras nações da América nos centros da Europa, um ano após, aumentavam de oito e, em 1852, recebiam mais 110 companheiros.

E Blumenau começou a crescer.

Sua grandeza moral fora maravilhosamente alicerçada na disposição regulamentar que proibiu a exploração do trabalho escravo na Colônia. Quase quarenta anos antes da Lei Áurea, Blumenau proibia a escravatura!

Sua grandeza material, seu progresso e desenvolvimento jamais sofreram solução de continuidade. Antes da divisão imposta a seu território, em 1934, constituía o modelo do município brasileiro, em tudo e por tudo.

Em suma: Blumenau é uma afirmação robusta da capacidade de trabalho dos imigrantes alemães e seus descendentes que, não só agora, mas, há longo tempo, recebem, em quase todos os setores de suas atividades, a cooperação valiosa e imprescindível de brasileiros de todas as origens.

O ano de 1851, a “Sociedade Colonizadora de Hamburgo”, na tarefa de colonizar as terras de S. A. Imperial o Príncipe de Joinville, localizou 117 colonos provenientes de Hamburgo e 74 noruegueses às margens do Rio Cachoeira. Assim nasceu Joinville. Eduardo Schroeder foi o primeiro diretor da colônia. Dedicando-se à indústria, a população de Joinville fez de sua cidade um dos baluartes da economia catarinense. O seu povo laborioso ainda agora escolheu, para seus representantes nesta Assembléia, dois grandes industriais, como que confirmando, nesse campo diverso, suas acentuadas preferências pela indústria na esfera da atividade econômica. A grandeza

de Joinville criou o próspero município de Jaraguá do Sul, que deve, também, aos descendentes de alemães grande parte de seu progresso. Jaraguá é, ainda, o grande laço que une as duas maiores cidades de origem alemã de Santa Catarina - Blumenau e Joinville.

Cumprе ressaltar, por fim, que Joinville é o Município de maior arrecadação do Estado, provando, assim, a liderança, no que toca ao desenvolvimento econômico.

Brusque é outra grande cidade de origem na colonização alemã. Fundada em 1860, quando Presidente da Província o Dr. Francisco de Araújo Brusque, já em 1861 contava o estabelecimento com 657 habitantes e, em 1863, este número elevava-se a 938. Hoje, Brusque é um grande centro e, com seu parque industrial, representa uma das vigas mestras da economia do Estado.

Em 1877, o Eng. Julio Grothe fundava, na banda noroeste de nosso Município, por onde corre o Rio Luiz Alves, o núcleo colonial do mesmo nome. A vida desta colônia, até os dias atuais, tem sido agitada e, não raro, plena de amargura. Sua história, ainda o ano passado, esteve neste plenário, quando tudo fizemos para evitar seu iníquo retalhamento. Mas, apesar dos pesares, Luiz Alves é o celeiro do Município de Itajaí, graças ao labor constante de seus habitantes.

Em 1895, o Dr. Hercílio Pedro da Luz, então Governador do Estado, assinou contrato com a “Sociedade Colonizadora de Hamburgo”, para esta providencia o povoamento, com alemães, da zona do Itajaí do Norte. O povoamento foi feito não sem poucos sacrifícios. Mas o progresso atual mostra a qualidade da gente que fundou a colônia de Hamônia.

No governo Nilo Peçanha, a União resolveu tomar a si a iniciativa da colonização. Sob sua direção, foram fundados os núcleos de Anitápolis, Esteves Júnior e Rio Branco, cujo desenvolvimento, pela má organização e má escolha das terras, deixou muito a desejar.

Mais tarde, o Alto Vale do Itajaí foi povoado por companhias colonizadoras nacionais. Resultou dessa empresa o núcleo hoje transformado no Município de Rio do Sul, um dos mais florescentes do Estado.

Aí está, Srs. Deputados, um resumo de como se fez a colonização alemã.

Examinemos, agora, uma vez feita a sinopse da história da colonização, o fato social que ela constituiu. Para o objetivo de nosso discurso, é o que mais importa.

Procedentes de uma das sociedades mais evoluídas do globo, chegam os primeiros contingentes alemães às terras da antiga Província de Santa Catarina, nelas encontramos apenas elementos geográficos. Sob o ponto de vista social, aportaram num deserto. A gente que aqui existia, habitava as praias. O governo indicou-lhes a parte da mata que lhes cabia; depois, como sempre fez no Brasil, sumiu.

O parco elemento humano do litoral rara e debilmente fazia chegar às terras coloniais - todas elas afastadas da orla marítima - o leve bafo de sua cultura, de seus hábitos, enfim, de sua civilização. Esta falta de contato foi o principal fator da diversidade de costumes que ainda hoje se nota nos meios sociais das zonas de colonização. Existe, porém, outro fator que explica essa diversidade de costumes: nos contatos que se verificaram, no correr dos tempos até a conjugação atual, a lei sociológica, segundo a qual a cultura mais elevada absorve a menos desenvolvida, no caso de coexistência no tempo e no espaço, se fez sentir. Mas, essa absorção não foi - como, aliás, não poderia ser - de caso pensado e jamais atingiu o plano dos sentimentos, deixando-se ficar no dos usos e costumes. Prova disso é a fixidez das convicções religiosas nas regiões de população mista (lusa e teuta), bem como a alta compreensão que, desde o início, tiveram os colonos alemães dos deveres para com a nova pátria. Tendo presente a natureza do fato social que acabamos de expor, com muita pobreza - cumpre-nos frisar - (não apoiados gerais) e não esquecendo nunca a peculiaridade da psicologia do alemão, poder-se-á, então, compor juízo sensato sobre a colonização alemã no território catarinense, em suma, no Brasil.

Cada alemão é, como observou, admiravelmente, Mário de Andrade, possuidor de dois seres: o homem do sonho e o homem da realidade. "O alemão propriamente dito é o que sonha, trapalhão, obscuro, nostalgicamente filósofo, religioso, idealista incorrigível, muito sério, agarrado com a pátria, com a família, sincero e 120 quilos". Este homem na vida prática, fica 'fortemente visível, esperto, hábil e europeicamente bonitão'. Não se deve combater, só porque possuem os brasileiros de outras origens uma alma mais simples, as manifestações da alma rica que o descendente de alemão herdou. Estas manifestações não são contra o Brasil. Muito ao contrário. Valorizam nossa civilização com formas novas de ver, sentir e agir. Formas essas destituídas de preocupações de ordem racial ou política, porque situadas no plano superior da alma humana. Seria ridículo exigíssemos do alemão e seus descendentes - habitantes de Santa Catarina - o esqueci-

mento completo das tradições familiares e dos costumes de sua sociedade de origem. Seria grossa estupidez. Mais do que isso: atentado à sua liberdade que, como a dos demais, brasileiros, é sagrada. Ao invés desses usos e costumes, os detratores de Santa Catarina fariam melhor se procurassem conhecer a contribuição efetiva da colonização alemã para nosso progresso. Tal contribuição pode ser - a grosso modo - classificada em também três categorias:

Fonte: AHJFS



Família de imigrantes alemães e sua descendência na colônia Blumenau (Família sem identificação de nome).

A primeira, seria a contribuição para a nossa economia.

Com o fracasso da lavoura no litoral, as nossas searas passaram a ser quase unicamente aquelas dos campos coloniais. Numa policultura de grande alcance econômico, o colono adotou, desde logo, a prática de plantar de tudo um pouco, para dar ao mercado consumidor de tudo a todos. Inclua-se nesse “de tudo” a exploração da pecuária, em pequena escala. A roça do

colono foi sempre um exemplo de capricho, como exemplo de capricho foi sempre sua casa de residência. Quem não se encanta com o aspecto dessas casas de madeira, de amplos telhados, graciosas cortinas, espaços compartimentos e limpeza impecável, a cada passo encontradas nas tifas e cantões do Vale do Itajaí?

Trabalhando, desde a infância, de sol a sol, o descendente de alemão só tem interrompido a sua faina para, na flor dos anos, ir aos quartéis servir à pátria. Se um ou outro, numa situação excepcional, por ter o meio lhe negado escola ode fosse ensinado o português, causou escândalo por não saber corretamente a língua pátria, em compensação, todos, todos sem exceção de um só, que vestiram a farda do nosso Exército, foram modelos de disciplina e dedicação. A sua escolha para compor a grande maioria do efetivo dos batalhões de elite do Distrito Federal - Batalhão de Guardas e Regimento Escola - é prova eloqüente do que proclamamos.

No terreno da indústria, as chaminés de Joinville, Blumenau, Brusque e Itajaí apontam, para o alto céu azul, marcos da nossa árdua conquista no mundo da máquina e a fumaça que delas se desprende, desde a madrugada até a boca da noite, é a mensagem branda de paz e trabalho que à pátria formulam os corações e as inteligências que movimentam os colossos mecânicos das fábricas e oficinas. Aos nomes sempre lembrados dos grandes pioneiros Cônsul Carlos Renaux e Curt Hering, os de seus descendentes e os de muitos outros vêm, na atualidade, juntar-se, constituindo uma galeria de expoentes da indústria têxtil do Brasil. Nos laticínios, ocorre o mesmo com o nome de Hermann Weege: o primeiro e o mais ilustre de uma numerosa galeria. Vivas e trabalhando ainda estão, para nossa felicidade, as maiores figuras dos ramos mais modernos de nossa atividade industrial, como a de beneficiamento de madeira.

No comércio, o panorama não é diverso. Carlos Hoepke é, dentre muitos, o nome que nos ocorre para encabeçar uma grande lista de grandes figuras.

Mais frisante do que a pujança é a tradição de honradez que enobrece a história das atividades comerciais nas regiões coloniais.

A segunda categoria poderia constituir-se da contribuição para a causa pública. Aqui, mais do que no setor econômico. Cumpre-nos lembrar nomes. Ao simples enunciado desses nomes, surgirá claro, adiante de V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente e dos Srs. Deputados, o que de belo e grandioso a história política do Estado registra para a honra da colonização alemã. Lauro

Müller, Felipe Schmidt, Pedro Christiano Fetersen, Raulino Horn, Nicolau Malburg, foram verdadeiros padrões do homem público.

O Sr. Alfredo Campos - V. Ex<sup>a</sup>. deve acrescentar Victor Konder, Adolpho Konder, e Henrique Rupp Junior, ainda vivos os dois últimos.

O Sr. Sousa Cabral - Já que o nobre orador se refere a catarinenses ilustres, merece, realmente, citação especial o nome de Victor Konder - síntese, ele mesmo, da harmonia quem pode existir entre descendentes lusos e germânicos, tanto assim que se originou de eminentes famílias desses dois troncos.

O Sr. Alfredo Campos - muito bem.

O Sr. Konder Reis - Agradecemos o aparte do prezado amigo e líder de nossa bancada, bem como o do nobre Dep. Alfredo Campos, Ss. Exs. honram-nos sobremodo com sua atenção e suas palavras nos levam a acrescentar num gesto de imodéstia, mas de justiça, aos nomes citados, o, para nos sagrado, de Victor Konder. Todos eles viveram o lema do primeiro: “Quem nasceu no Brasil ou é brasileiro ou é traidor”.

Nas artes - terceira categoria - não foi menor a contribuição. Rara parede não tem, a decorá-la, um quadro. Rara casa não abriga um piano. Rara cidade não possui uma orquestra ou conjunto musical. Raro coração não esconde sonho de um poema.

O gosto pelo belo, em todas as suas formas de expressão, eles o trouxeram da velha Alemanha e aqui, com carinho, o difundiram. Infelizmente, nada disso reconhecem os nossos detratores. Pelo contrário, desejam tingir as nossas iris azuis, queimar nossas brancas epidermes, proibir que conheçamos dois idiomas, abolir nossos presépios e árvores de Natal, rebaixar nosso padrão de vida, fechar nossos clubes, enfim, proscrever-nos da comunidade brasileira como elementos perigosos e indesejáveis.

Enganam-se, porém.

Esquecem-se “esses” e “essas” já existir, em Santa Catarina, uma geração que só pela metade é de origem alemã e pode, por isso, externar seus pontos de vista sem medo de ser taxada de nazista, má brasileira ou qualquer outra coisa parecida.

O Sr. Armando Calil - Permite V. Ex<sup>a</sup>. um aparte?

O Sr. Konder Reis - com todo o prazer.

O Sr. Armando Calil - Há uma triste explicação para o fato que motivou o discurso de V. Ex<sup>a</sup>. Há que suponha que cada alemão é um nazista. A verdade, porém, é que houve alemães nazistas e alemães que não o fo-

ram. Justo é dizer-se que a colonização germânica contribuiu extraordinariamente para o engrandecimento econômico e para o brilhantismo da vida política do Estado e do país. Esta a verdade que ninguém poderá negar a V. Excia.

O Sr. Konder Reis - Agradecemos a colaboração de V. Ex<sup>a</sup>. e mais adiante ainda faremos menção ao fato de se considerar todo alemão como sendo nazista.

Sr. Presidente, à geração a que nos vínhamos referindo pertencemos nós. Nós, que nos bancos da escola primária aprendemos a amar o Brasil, com as suaves Irmãs da Divina Providência, que a Divina Providência mandou da Alemanha para o Brasil. Nós, que, observando a obra da colonização alemã, nos orgulhamos do Brasil. Nós podemos dizer alto: se há coisas para se reprovar na história da colonização alemã em Santa Catarina, essas coisas são: primeiramente, o abandono dos governos a tudo que dizia respeito à vida dos colonos; depois, as violências, perseguições e injustiças que caracterizaram a chamada campanha de nacionalização; por fim, a confusão lamentável que se faz entre alemão e nazista, quando o nazismo, nas colônias, foi, pela grande maioria, repellido, tendo conquistado apenas 10% da simpatia das populações de origem teuta.

Podemos lembrar que, já na Guerra do Paraguai, a colônia de Blumenau atendeu ao chamado da pátria enviando 77 voluntários, todos alemães. E, nos campos da Itália, seus descendentes defenderam, outra vez, com a mesma bravura, a honra da pátria. Saibam os nacionalistas raivosos: muitos olhos azuis dormem, para sempre, o sono dos heróis, no Cemitério de Pistóia.

Contra todos os pronunciamentos que procurem desmoralizar a colonização alemã, seus descendentes, Santa Catarina enfim, deixamos aqui consignado o nosso protesto, pois nada mais, nada menos do que a verdade proclamou o ilustre Deputado Sr. Max Tavares d'Amaral, quando disse que, "poucos estrangeiros, ou talvez nenhum outro deles, concorreram, de modo mais eficiente e decisivo, para o desenvolvimento material e político do meu Estado do que o alemão".

Acreditamos, Sr. Presidente, que este nosso protesto seja também o da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

## Entrevistas

---

**Erica  
Martins  
Flesch:  
História de Vida**

O Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” é um espaço de guarda, consulta e preservação da memória de Blumenau e região do Vale do Itajaí. Durante as comemorações do sesquicentário de Blumenau, suas atividades estiveram diretamente envolvidas nos festejos. O resultado deste trabalho refletiu-se em doações da comunidade blumenauense para este setor de patrimônio histórico-cultural da cidade.

Entre os parceiros de resgate do patrimônio histórico-cultural, destacou-se o Instituto Blumenau 150 Anos, criado para programar e realizar este evento de envergadura, desencadeou um projeto o qual intitulou: “Resgate da Memória Oral do Vale do Itajaí”. Várias atividades foram elaboradas e postas em prática, entre elas o registro da história de vida de indivíduos que, ao buscarem suas lembranças pessoais, constroem um olhar mais concreto da dinâmica e trajetória do grupo social a que pertencem. Fazendo uso da História Oral, estas vivências foram gravadas em fitas magnéticas e vídeo. A transcrição destes depoimentos veio a constituir um novo instrumento documental junto ao acervo do Arquivo Histórico e, naturalmente, estreitou as relações com a sociedade e instituições na formação da cidadania e preservação da memória.

As transcrições originais das entrevistas encontram-se disponíveis para consulta no Arquivo Histórico. Para compor esta seção da Revista Blumenau em Cadernos, escolheu-se alguns trechos, que foram adaptados à publicação.

**Entrevistada:** Erika Martins Flesch

**Entrevistadora:** Cristina Ferreira

**Data:** 01/06/2000.



- E.F. :** Meus pais são teuto-russos, assim chamados porque eram alemães imigrados da Rússia, na época de “Catarina, a Grande”. Passados 150 anos daquele tempo foram expulsos da Rússia. Não foram somente eles, um grupo grande de pessoas tentou sair, mas não conseguiu. Eles conseguiram sair num grupo de 352 pessoas, a maioria menonitas. Em novembro de 1929 milhares de pessoas se juntaram às portas de Moscou tentando obter o visto de saída. Com muito custo os meus pais conseguiram. Então graças as amizades que meu pai tinha na Alemanha, com as autoridades de lá, as portas se abriram para meus pais. Eles foram colocados num navio, como fugitivos, sem direito algum e, foram-lhes tirados o passaporte e todos os documentos pessoais, tudo. Embarcaram somente com a roupa do corpo, como se diz, sem lenço e sem documento. E eles passaram por uma situação muito penosa, muito difícil. Quem não conseguiu ir com aquela leva foi mandado de volta para a Sibéria. Meus pais conseguiram ser embarcados. Inicialmente minha mãe foi liberada com as três meninas e disseram: “Bom, a senhora pode subir”. E ela disse: “Não, eu não subo sem meu marido.” Então, eles foram deixados nus para saber se tinham alguma coisa na boca, nos dentes... As pessoas daqui não sabem disso, quem não passou não imagina.
- Na época, eles falavam russo e a gente perguntava: “Porque vocês não falam russo conosco?” E diziam eles: “É para que vocês não vivam o que a gente viveu.” Era pra evitar que as crianças sofressem com essas impressões. Foram enviados à Alemanha, mas na certeza de que seriam recambiados, para outro lugar, porque a Alemanha estava na crise de 1929. Ficamos três meses ali e conseguimos escolher. Aí podíamos escolher entre o Canadá e o Brasil. A minha mãe falou: “Se é para sair, eu não vou para um país com frio não. Eu prefiro o Brasil que é um país bem tropical”. Foi por isso que ela se decidiu. Aí viemos num navio, em 1929, e quando passamos pelo Rio de Janeiro, lembro-me da primeira banana que eu vi, sabe? Eu disse: “O que é isso?” - uma banana!. Aquele sabor nunca esqueci, é a petiça e até hoje gosto da petiça.
- C. F.:** O que a senhora sentiu quando viu o Brasil pela primeira vez?

E. F.: A criança não sente tanta diferença, lembro-me da mudança na carroça, o cachorrinho correndo atrás e latindo, ele ficou lá. E aqui eu me lembro do Rio, aquela molecada, toda pulando na água e pegando com a boca as moedas que o pessoal jogava. Isso marca a gente, sabe? Ficavam felizes da vida e o pessoal, jogava moedinha. E a banana, que eu não esqueci! E nós ficamos no Rio, passamos por Santos e desembarcamos em São Francisco do Sul.

Meu pai era um dos chefes de grupo, era o pastor e o homem de confiança daquelas pessoas. Então qualquer coisa, ele ouvia. Aí, eles decidiram, que ficaríamos na Kolonie Hansa, uma colônia alemã. Eles mesmos escolheram o Estado de Santa Catarina e decidiram que iríamos para o interior, lá onde fica Witmarsun, que significa o seguinte: o Menos era um sacerdote católico na Holanda e ele resolveu se separar, surgindo os menonitas. Naquela época houve muito sectarismo por causa da religião, mas ele era uma pessoa séria, aliás, tudo era muito sério. Menos era natural da cidade de Witmarsun, na Holanda. Para saber o nome de Witmarsun, meu irmão e outros conseguiram o diário do meu pai, daquela viagem toda e eu fiz a tradução pra eles. Meu irmão era criança e, quando pulou do carro, foi a primeira pessoa que botou os pés em Witmarsun.

Chegamos lá com pás, enxadas e felizes da vida porque tínhamos escapado com vida da Rússia. Tenho aqui algumas coisas da época, uma publicação do Brasil Post sobre a fuga dos menonitas da Rússia: “O milagre de Moscou” e menciona o meu pai. E toda vez que alguém o questionava: “O senhor não ficou triste de deixar tudo para trás?” Ele dizia: “Olha, nós somos felizes porque estamos aqui e conseguimos escapar com vida!” Só com a roupa do corpo e uma criança em cada mão. O Brasil deixou de ser sonho para se tornar realidade. Ele sempre falava: “Vocês não sabem como nós somos felizes, que país bom é este aqui! Eu queria que todos que reclamam, passassem por uma experiência dessas para valorizar o país que tem”. Foi uma época difícil, mas nunca reclamávamos.

Minha mãe foi uma pessoa normal, como qualquer mulher e de tanto trabalhar no pesado, chegou a pesar 34 kg. Nós tínhamos

uma cadeirinha de boneca de vime e às vezes ela sentava naquela cadeirinha.

Meu pai era professor formado na Suíça. Minha mãe também era professora, com estudos na Rússia, na Alemanha e em São Petesburgo. E então a vida de colono tornou-se pesada para eles. Derrubaram mato, a terra não era boa, comparada com a terra que eles tinham lá porque tinham estepe para plantar o trigo. Eram tricultores e aqui a terra não era boa para esse tipo de agricultura. Então toda essa leva de menonitas, com o tempo, mudou-se para o Paraná.

Eles são pessoas muito cooperativistas, uniram as forças, desenvolveram-se muito e vieram até governos de fora para ver o exemplo deles. No Paraguai também há muitos deles, e no Canadá também. Eles tinham um detalhe interessante: a língua universal deles era o alemão.

O culto era muito interessante em Witmarsun. A primeira coisa que eles cuidavam era instrução e religião. Eles tinham liberdade de religião, algo essencial para eles. E eles eram perseguidos por causa da religião, tanto que na guerra mundial meu pai como todos os menonitas não serviam o exército. Eles tem por princípio religioso não pegar em armas, mas eram obrigados a prestar outros serviços. Meu pai prestou seu serviço militar de outra forma mas, não pegou em armas. Eu tenho um tio que morreu na guerra. Bem, mas como estava falando, aqui eles construíram uma escola, essa escola, que acho existe ainda hoje, isso foi em 1930. Era um salão grande, tudo com banco e mesas para o culto. O pastor lia parte da Bíblia, fazia o seu comentário, a turma toda cantava e claro, quem tinha um pouco de ritmo musical...

Havia vozes masculinas, maravilhosas, os baixos e os barítonos, pois o russo não é um povo de tenores, tenor é italiano. Os russos, não sei se é por causa do clima, sempre foram bons baixos. Tanto que, mais tarde quando eu estava na Escola Alemã em Blumenau, fizemos uma excursão para lá e foi feito um concurso, para ver quem cantava melhor e eles ganharam!

Em 35 viemos para Blumenau, porque o pai era professor formado e procurou um lugar e achou aqui na Escola Alemã, na Neueschule e foi professor de línguas. Ele era poliglota, com sete

línguas, mas lecionava português e alemão. Em português ele tinha uma certa deficiência ainda, mas sabia que amanhã precisava dar esse trecho, essa matéria. Então preparava, estudava, se firmava naquela matéria, para no outro dia passar para os alunos. Então aprendia ele e aprendiam os alunos!

Primeiro moramos aqui no Bom Retiro, alugamos a casa do sr. Germer, ali onde era o Balsini e nós ficamos alguns meses lá, até que um amigo dele emprestou dinheiro e fez a casa aqui na Lauro Müller, ali onde está o Colégio Pedro II, pega uma paralela e vai até a Alameda Rio Branco. Então, fez uma casa até bem grandinha, que ainda hoje existe e está bem conservada.

Minha mãe ficava em casa com todos os afazeres, porque não tinha ninguém para ajudar a cuidar do marido e dos quatro filhos. Os quatro estudavam e ele lecionava.

Fui estudar na Escola Alemã de 1935 até 1938, quando começou aquela agitação toda por causa da guerra. Meu pai foi perseguido como alemão e como russo. Ele foi para a cadeia: “O senhor vai para a cadeia porque o senhor é russo.” “Agora o senhor vai para a cadeia porque é alemão.”

Não foi fácil. E esse foi o tempo que infelizmente sofremos muito. A minha mãe era super corajosa, mas em relação ao meu pai, ela sempre teve medo que acontecesse alguma coisa. Meu pai tinha todos os arquivos dele e toda a papelada... Então levaram meu pai pela segunda vez. Quem levou foi o tenente Timóteo, filho do Holetz, que era dono do Hotel Holetz. Daí a mãe ficou tão assustada com aquela perseguição na Rússia, que pegou e queimou todos os arquivos dele. Eu ajudei, só estávamos nós duas em casa. Sim e se agora eles matam? Quando ele voltou, depois de três meses, olhou no armário dele: “Onde estão os meus arquivos?” Nós dissemos: “Pai, nós queimamos.” Ele só disse: “Isso vocês não deviam ter feito”.

Quanta gente veio atrás desses arquivos, da história de tudo que ele havia anotado... e uma das poucas coisas que sobrou, foi aquele diário de bordo.

Ele era um homem de muita fé. Eu sempre digo, o homem de maior fé que vi até hoje foi ele. De fé e de gratidão. Tudo que os

outros podiam dizer: “Ai que coisa ruim”, ele sempre via o lado bom das coisas. Sempre, sempre!

Bem, depois que começou a companha de nacionalização, não foi mais professor, foi desligado. Aí eu disse: “Já que o pai não vai mais lecionar, eu não vou ficar mais”. Aí eu saí do Colégio. O pai foi lá no colégio das Irmãs, explicou: “Olha, a situação é assim, assim e assim, por enquanto eu não vou poder pagar a mensalidade”. Elas disseram: “Não faz mal, traz a criança mesmo assim”.

As irmãs eram muito bondosas. A minha regente foi muito tempo a irmã Gilda e a irmã Ivone, a irmã Lurdete, mais tarde veio a ser a minha professora de português e literatura. Baixinha, pequeninha, mas muito exigente. Nós tínhamos também o professor Herbert Müller, professor de latim.

Apreendi latim, alemão, francês, inglês e português. Aprender tudo, saber tudo eu não sabia, mas tinha uma noção. Então desde o tempo de colégio eu sabia alguma coisa de latim.

**C. F.:** Como era sua relação com as irmãs?

**E. F.:** Aqui em Blumenau, meu pai era menonita e a minha mãe era luterana. Então entre eles havia uma pequena diferença. Por mais que eles quisessem passar por cima, essa diferença existia. A irmã Clotilde era uma alma muito bondosa, não vou mentir, ela gostava muito de mim, me adorava! Então me dava uma atenção especial, eu pedi aulas de religião e ela me deu aulas da religião católica. Eu sentia aquele teto sobre mim, me protegendo, era como se fosse a construção de uma casa. Aí eu pedi o batismo, tinha 17 anos. Falei para a mãe e ela disse: “Vai”.

Optei, não foi por casamento nada, foi aos 17 anos, optei por ser católica, porque achei que aquilo estava em sintonia comigo, com o que eu sentia, com o que eu pensava. Apesar da fé ser a mesma, a cristã, mas sempre uma pequena diferença existia. Mas optei pela religião católica. Casei mais tarde e o meu marido era católico, então todo mundo pergunta: “Sim, viraste católica?” Não, optei porque me batizei aos 17 anos e casei aos 25 anos.

**C. F.:** E o seu pai não ficou chateado?

**E. F.:** Mais tarde ele soube e ficou chateado, mas não teve rancor, não se vingou, tanto que era o meu marido o genro que ele mais amou, tanto que na velhice eles vieram morar conosco na Ponta Aguda, quando não deram mais conta da vida.

**C. F.:** E aqui no colégio das Irmãs, como eram as disciplinas?

**E. F.:** Elas também se preocupavam com os rapazes, que iam no portão, lá na parte de ginástica. Mas para fazer ginástica usava-se um calção que ia até o tornozelo. Depois a gente puxava pra cima, aquilo caía e virava uma saia. Eu estranhei muito, porque na Escola Alemã nós tínhamos aqueles calções normais, mas não decotados como hoje, aqueles calções normais.

**C. F.:** Era uma bombacha?

**E. F.:** Sim, no Colégio das irmãs, sim. Mas não bombachinha, bombachona, até na canela. Puxava-se aquilo, caía como uma saia e aquilo ficava por cima do joelho. Jogava voleiboll, fazia exercício, salto em altura, em distância, tudo com aquela bombacha. Agora, no Pedro II não, a gente tinha aquele normal.

O uniforme de gala no meu tempo era bordô. A saia diária era cinza e o uniforme de gala era bordô e tinha boné branco, touca. Tinha aquela saia com o tirante bordô. Mas se alguém disser que estou enganada na minha memória, dou minha mão à palmatória, mas acho que tinha. Depois começou aquele negócio de tambor... Eu era muito metida e queria um tamborzinho também. Eles diziam: “Não, você não é muito forte, não é muito resistente, você não vai tocar aquele tambor.”

**C. F.:** E lá, a senhora tinha aula de música também?

**E. F.:** Não, minha aula de música começou quando eu tinha nove anos e vim para Blumenau, com o professor Dorhnik, que era um alemão

e lecionava na Escola Alemã. E quando começou a guerra fechou e voltou para Alemanha e lá morreu.

**C. F.:** E a senhora estudava o que com ele?

**E. F.:** Violino. Agora a minha mãe sempre tinha um piano de cauda em casa. Mas aqui isso era muito caro, não podia comprar, mas um violino ainda dava conta de levar na despesa da casa. Então nós duas tocávamos. Vocês deviam ver, eu começava a estudar violino e thhhhh! Todo mundo fechava os ouvidos. “Parece um gato! Que coisa mais horrível!” E sabe que isso marca a criança?

A gente continua sempre com essa impressão de que está horrível. Não sei se as outras pessoas também, mas eu fiquei. Então eu me escondia pra tocar violino, ou tocava dizia que tinha estudado e não tinha, só pra escapar dessa acústica.

O som do violino é difícil de tirar no começo, então agora se eu vejo alguém errar, sei que ele vai melhorar. Aí o professor Dornik voltou pra Alemanha e eu tive aulas com o professor Kamp. Ele era um judeu que se salvou do nazismo. Certamente ele pagou alguma coisa lá para poder escapar. Aí veio pra cá com a mulher e dois filhos. Muita gente conhece o professor Kamp.

Depois eu fui para Florianópolis, continuei. Lá não havia professor de violino, então fiz dois anos de piano, porque lá não havia outro instrumento. Eu não tinha levado meu violino porque tinha a impressão de que iria espantar todo mundo. Mas aí já tocava na orquestra de câmara como terceiro violino.

**C. F.:** Mas... voltando um pouquinho, dona Erika, quando a senhora fez o Curso Normal em Florianópolis, como foi essa experiência?

**E. F.:** Eu sou professora por natureza, sabe? É a minha profissão e era maravilhoso. Ali fiquei no internato, porque não tinha onde ficar não tinha parentes, nada. Mas era tudo muito bom, muito organizado, muito controlado. Sabe que uma das primeiras vezes que subi aquelas escadarias, estava muito descontraída, comecei a cantar. Ie, ie, ie. A freira lá em cima só olhando. Eu não sabia, depois ela veio e disse: “Erika, aqui não se canta.”

Nem sempre eles chamavam atenção, porque percebiam que a gente era tão inocente!

Nós praticávamos esporte, voleiboll e fazíamos ginástica. Primeiro tive que dar umas aulas de ginástica para a turma, no fim elas disseram: “Tava tudo muito bom Erika, mas nós fizemos ginástica demais!” Depois de tudo isso, tu ainda fazes a gente correr morro acima, morro abaixo, isso não dá. Elas estavam cansadas, mas dei mais uma vez a ordem!

**C. F.:** Mas a senhora também gostava bastante dessa área de esportes?

**E. F.:** Muito! Na área de esporte minha turma praticava no Olímpico, perto da minha casa. Nós jogávamos voleiboll, uma colega minha da Empresa Schrader, onde cheguei a trabalhar, disse: “Olha nós estamos precisando de gente para jogar voleiboll, tu joga?” Eu disse: “Jogo.” E depois quando eu fui pro colégio, joguei em Florianópolis e então pratiquei voleiboll durante alguns anos. A nossa turma foi a primeira de voleiboll feminina do Estado. Foi em 48. Nós ganhamos o campeonato estadual. E sabe quem era o nosso treinador? Era Afonso Maria Flesch, meu marido! E mais tarde... vê como são as coisas! A vida dá cada volta, conseguimos o campeonato estadual e no outro ano tentamos novamente, até jogamos em Florianópolis um jogo decisivo, e na primeira batida, na primeira bola forte que eu peguei, meu dedo fez isso. Machucou e eu, teimosa, não dava o braço a torcer. Ficou uma bola e eu joguei até o final e, é claro, perdemos o jogo e o campeonato.

Depois disseram: “Mas porque você não saiu?” Eu achei que ia prejudicar, mas acabei prejudicando ficando no jogo! Mas isso é só um detalhezinho.

**C. F.:** Que coisa interessante! Mas e lá no Grêmio Esportivo Olímpico, o que a senhora lembra dessa fase?

**E. F.:** Bom, lá eu só jogava voleiboll numa turma de moças. Havia o voleiboll masculino e feminino e o basquete era só masculino, porque naquele tempo as moças não jogavam basquete.

Minhas colegas de vôlei eram a Renata Bonnemasu e a sua irmã Rolita, a Esther Schneider, a Ivone Schneider, a Valburga Müller, a Iris e Siegrid Colin, a Silvia Hacklaender, Isa Wehmuth e outras. As outras eu não lembro, mas eram essas as principais. Essa era a turma com a qual a gente tinha contato ali no clube.

**C. F.:** E lá em Florianópolis quando a senhora foi aprender a ser professora, depois que terminou o curso fez o quê?

**E. F.:** Eu vim dar aula no Colégio Sagrada Família. Segundo ano e terceiro ano primário. E aí era assim: você não tinha a regência e não lecionava religião, o resto era tudo com você. As irmãs eram regentes e davam religião.

Isso foi em 46, 47 e 48. Mas, como o dinheiro vale quanto pesa, ou mais ainda, fui praticamente induzida a deixar o magistério para trabalhar no comércio. Eu sempre recebia ótimas ofertas e dizia que não, mas no fim valeu a voz do mais forte, fui trabalhar na Companhia Schrader e fiquei lá até 50, 51. Aí casei e em 58 fui trabalhar na Casa Flesch.

**C. F.:** Mas como era na Companhia Schrader, dona Erika?

**E. F.:** Era muito bom, um ambiente muito bom. Era ao lado da Prefeitura antiga, mas agora já não tem mais aquelas escadarias que aparecem em fotos antigas. Os nossos chefes eram o sr. Heinz Schrader, o Antônio Gomes Coelho e o sr. Krieger, os três já falecidos, mas eram ótimas pessoas. O seu Schrader comprou a Cremer, eu trabalhava com ele aqui, na Schrader e depois ele me levava para a Cremer e eu secretariava lá também. Primeiro eu ganhava um salário mínimo, depois um salário e meio, que era um bom dinheiro. Ganhava bem, fazia viagens de avião, me vestia bem e tudo mais, comprei minha bicicleta, que naquele tempo era bem caro. Eu era secretária estilo datilógrafa bilingüe.

**C. F.:** E o que a Companhia Schrader vendia nessa época?

**E. F.:** Óleo, pneus para carros e caminhões. Eles tinham revendedores no Estado todo, depois eles construíram na rua Itajaí e essa parte aqui em que trabalhávamos foi desativada.

**C. F.:** Por que a senhora deixou de trabalhar lá?

**E. F.:** Porque eu estava esperando o meu primeiro filho. Meu casamento foi muito bonito. Aliás, não fiz festa nada, porque meu sogro faleceu dois meses antes. Ele faleceu em agosto e nós casamos em outubro. Aí eu disse para o sr. Schrader: “Eu vou sair, eu vou casar.” Aí ele disse: “Meus pêsames”. Eu disse: “Por que seu Scharader”? Ele disse: “Meus pêsames porque a senhora vai casar com um comerciante, eu também sou comerciante e sei que é ruim!”.

“Ser comerciante, pequeno ou grande as preocupações são as mesmas, os problemas são os mesmos, os riscos são os mesmos. Por isso, meus pêsames que a senhora vai casar com um comerciante.”

**C. F.:** Mas como a senhora conheceu o seu marido?

**E. F.:** Lá no voleiboll. Acho que foi amor à primeira vista. Mas durou tempo pra gente se acertar, levou tempo.... Ele já estava decidido há mais tempo do que eu, mas realmente foi muito interessante esse tempo.

Casamos na Igreja Católica. Naquele tempo se dava palestra para as moças de fábrica, juventude operária católica. Todo Domingo eu ia lá no Garcia, na juventude operária católica feminina e dava palestras. Mas era mais no sentido moral, porque não era aquela agitação, era mais informação. Tanto que eu recebi uma carta de despedida delas muito linda dizendo: “Agora a senhora vai nos deixar porque vai seguir sua vocação.” Esses dias eu estava com essa carta nas mãos e nem me lembrava mais dela. E no nosso casamento na Igreja Católica elas cantaram. E foi um coral muito bonito, começaram a cantar “Ave Maria” e foi muito bonito!

Casei em outubro. O centenário de Blumenau foi em setembro. Foram comemorações muito bonitas, com passeatas nas ruas! Eu devo ter fotos daquele tempo, se o tempo não apagou. Muito caprichado, o desfile tinha uma preocupação histórica, cada carro era um fato, cada carro tinha o seu nome certinho! Gostei muito daquele desfile e não esqueci. Tanto que fizeram um canecão do centenário, muito bonito, com tampa. Meu marido cinquenta anos depois ainda o usa e não deixa ninguém pegar!

**C. F.:** E a música como foi no centenário? E a ópera, a senhora assistiu à Anita Garibaldi?

**E. F.:** Vamos falar da música que era para ser o assunto principal. Como já falei, o professor Dornik voltou para Alemanha e morreu, o seu Kamp faleceu e continuei, voltei para cá e antes de ir para Florianópolis, já era o segundo violino lá com o seu Geyer.

De tamanho era igual, mas era na posição 1ª, 2ª, 3ª posição. De 3º. fui para 2º. e depois fiquei como auxiliar do 1º. Eu fiquei com o sr. Webel, essa turma toda já não existe mais. O sr. Kruschinski (Bloom) e o Hubert Geyer.

Chamava Orquestra da Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes, conduzida pelo Heinz Geyer. Quer dizer ele só trabalhava com amadores. Veja bem os amadores que ele tinha, de tanto que os entusiasmava, viraram músicos profissionais. Mas a gente caprichava porque ele tinha muito entusiasmo e sabia o que estava fazendo. Mas ele também era terrível. O ouvido de um maestro como o Heinz Geyer, tinha vamos dizer assim, 60 elementos. E de repente ele dizia: Ó, o,o,o, foi aquele ali. *“Noch einmal”* – mais uma vez. No coral ele não era tão exigente, mas com os instrumentos sim. Porque se a pessoa não tem voz, não adianta fazer a 2ª, 3ª vez, vai fazer sempre a mesma coisa. Agora, se você é um instrumentista, tem que caprichar. E então às vezes é tão rápido, que você não consegue acompanhar, só faz de conta, tem gente que faz assim!

Quando ele colocava todo o elenco para funcionar, tinha 120 elementos, era um show!

A cidade vivia em função disso, porque era pequena e a gente se comunicava mais fácil que agora. Então se dizia: “Olha, vai ter concerto.” Eram impressos programas até sem data. Mas quem tinha perna e gostava de música ia, quem gostava de concerto e de uma coisa melhor também ia.

Ensaíávamos uma ou duas vezes por semana, mas vou ser sincera, não passava uma semana sem ensaios.

**C. F.:** E que tipo de música vocês tocavam, dona Erika?

**E. F.:** Eram músicas clássicas, ligeiras, românticas, músicas de Natal, músicas bonitas, tudo que agradasse ao ouvido. Mais tarde o José Ferreira da Silva fez os textos da Anita Garibaldi. A Anita Garibaldi, eu não tenho nada a ver com essa história.

**C. F.:** A senhora viu o maestro compor alguma vez?

**E. F.:** Ele já dava tudo pronto para mim. Quem via isso, era a Iris Colín, ela ajudava o Geyer a escrever, desenhava as notas que ele não tinha tempo para desenhar.

Ele era flautista, mas também tocava piano, órgão, três, quatro instrumentos. Às vezes ele vinha pra mim, de mansinho, como quem não quer nada, eu já sabia “Será que a senhora podia fazer em português, uns versos pra poder cantar?”. Ele queria fazer uma comédia musical, mas como só escrevia em alemão precisava apresentar ao povo em português. Eu disse: “Eu não faço idéia, mas, posso tentar, seu Geyer.” De repente vi que aquilo era um desafio pra mim, sabe! Desafio sempre é bom para melhorar a vida, nunca é pra piorar. Então disse: “Tá bem seu Geyer, eu vou tentar. “Já, já das ist gut, das ist gut!” disse! Ah! ele ficou todo feliz! Ele me dava a música escrita, ele tinha a pauta, sem pauta, até, ele só fazia a nota e a duração da nota. Sem a pauta e sem a subida e a descida da nota. Fazia assim: tum, tum, tum, tum, tum. “Seu Geyer, o que a senhor quer com isso? Eu não sinto, não ouço, não vejo nada nessa música. Só tum, tum, tum!” Aí então ele vinha com a música escrita e era lindo! Então ele me dava só o

escrito, só as partituras, sem letra nenhuma. E ele queria que fosse interpretado o sentido daquela música, entende?

Então eu pegava lá em casa o piano porque o violino não dá para transpor em voz humana. Ele me dava o tema, o nome e também a parte do canto e do acompanhamento.

E então vamos fazer. Tá, tá, tá... e o título era lutar. Então “viver é lutar”. Então você já usava as palavras certas para aquela música, para aquele ritmo, para o sentido daquela música. É preciso ouvir a melodia e dar palavras para essa melodia. E ter um certo dom, eu não sabia que o tinha. Ele manifestou-se com o trabalho com o Geyer! Tanto que às vezes sento lá em casa e começo a cantar.

**C. F.:** Foi a senhora que fez a letra de “Viva o ministro”?

**E. F.:** Não, não. A letra da opereta, quem fez os versos em alemão foi o sr. Runze e ninguém sabia colocar em português. Então eu peguei e coloquei em português todos os versos. Não se pode traduzir a poesia, não há tradução. Há só uma adaptação do sentido, por exemplo, se você tem três palavras pra traduzir e tem três notas musicais, então se você quiser traduzir as três palavras você traduz, mas não pode cantar, entendeu? Não encaixa no ritmo, não encaixa na melodia, você pode captar o sentido do que a pessoa quis dizer com aquilo, musicalmente...

**C. F.:** Como era “Viva o ministro” ?

**E. F.:** Era uma comédia. Veio um falso ministro com seu falso secretário para fazer acordo com um ricoço, casar com a filha dele, para dar o golpe do baú. Mas ela, Ângela, tinha um namorado que amava de fato, era o Eduardo. Tinha canções muito bonitas... e eu sei que eles quase conseguiram o intento. No palco mesmo dava briga entre a turma do falso ministro e a turma dos que queriam correr com ele. E para atizar um pouco, diziam que no palco uma turma era de Indaial a outra era de Blumenau. Saiu paulada, com pedaços de madeira que na verdade eram pedaços de cortiça. E saiu madeira voando pra todos os lados. E as pessoas do palco eram todas conhecidas, então todo o povo participava, era muito

interessante! E é claro que deu tudo certo. E tinha aquela valsa de amor ali que a Ângela e o Eduardo se encontravam e ficava tudo bem, né!

Minhas filhas também participaram, meu marido participou dessa sociedade formando os figurantes do palco.

O seu Geyer sabia envolver todo mundo! Ele tinha um carisma, era supercarismático! Alguns até chamavam-no de chato, mas a um chamado dele todo mundo atendia.

**C. F.:** De quando é a ópera “O Imigrante”?

**E. F.:** É de 1955. Era a realidade da época, os alemães descontentes com a vida lá, querendo vir pra cá e sendo aliciados, porque as companhias de colonização sabiam conquistar as pessoas.

Então era uma turma que queria deixar a pátria. Aí já tem gente que diz: “Mas por que vocês querem ir? Aqui está tão bom”.... Eles entraram num navio, sei que deu uma tempestade e aquela tempestade no palco deu um barulhão danado! Sabe? Com raio e tchuc, tchuc, tchuc. Os contraregras, o Hausman principalmente. Ele fazia aquele som com lata e tambores velhos. O que dava para fazer um som danado que parecia uma trovoada, eles faziam. Muito interessante.

Os imigrantes vieram para cá e cantavam aquelas canções de despedida lá, ra, ra, ra, ra, ri, ra, ra, ra, ..... e quando eles chegaram aqui também cantavam.

Tenho alguma contribuição nessa ópera e fiz alguns versos, mas não todos. Eu achei agora porque não lembrava da minha contribuição para “O Imigrante”, mas minha obra maior foi o “Viva o ministro” e a “Valéria”, onde colaborei muito mais, pois os versos eram todos meus.

**C. F.:** Quer dizer que o Ferreira da Silva escreveu a história e o que é poesia é seu?

**E. F.:** É, porque chegou na hora da poesia, ele emperrou. Para mim prefiro escrever versos do que escrever história. Ele escrevia muito bem essa parte, mas as canções eu escrevi. Embora o sr. Geyer,

grande artista que era, mesmo que os versos do José Ferreira da Silva não tenham aquela aparência de verso, assim mesmo ele conseguiu fazer alguma coisa, como a “Canção da Laguna”.

**C. F.:** A “Canção da Laguna” é da ópera Anita Garibaldi. A “Valéria” é uma opereta?

**E. F.:** Era uma opereta completa que não chegou ao palco porque o Geyer foi aposentado antes. A diferença entre ópera e opereta é que ópera acaba em tragédia e opereta em comédia. “O Imigrante” não era ópera, mas quadros históricos. Um acontecimento histórico que não terminou em tragédia, mas também não terminou em comédia.

**C. F.:** E a “Valéria” não terminou então?

**E. F.:** A Valéria, ele queria que eu escrevesse o texto. Eu até preferia que fosse outra pessoa, talvez o José Ferreira da Silva, ou uma pessoa que tivesse mais inspiração para escrever tragédia ou comédia, qualquer coisa e se ele me deixasse só com as músicas estaria ótimo, sabe?

**C. F.:** E a Valéria fala do Uirapuru?

**E. F.:** Essa canção é de um pássaro que tem uma melodia mágica, então no momento que canta, todos os males do amor se aplacam, se você é fiel ao seu amor. Mas ai de ti, ai de ti... deixe-me ver o texto.... Esse nome Uirapuru, ele disse pra mim, “Esse nome é muito conhecido, inventa outra coisa.” Aí então inventei “Jandarilá”, ao invés de Uirapuru.

As composições dele são maravilhosas, maravilhosas! Ele estava no auge de uma fase bonita, entende?

Além disso ele tinha um dom, um dom muito grande!

**C. F.:** Ele tinha uma produção fantástica e a senhora também, porque tudo que ele fazia a senhora tinha que acompanhar, não é?

**E. F.:** O que ele pedia, eu tinha que fazer, nunca neguei nada a ele. E se ele tivesse tido há mais anos, outra pessoa que o acompanhasse, com a mesma capacidade, poderia ter produzido mais.

**C. F.:** Como era a recepção da comunidade nesses anos de apresentações musicais que vocês fizeram?

**E. F.:** Fantástica! Havia uma comunicação entre a platéia, o Geyer, a orquestra e o coro. Todo mundo saía falando alguma coisa, nem que fosse para comentar que a voz daquela desafinou ou não desafinou. E também era por causa do Geyer e depois que ele saiu, não houve mais isso.

Pode ter os que dizem: “Ah, ele foi isso, foi aquilo, mas para conseguir juntar toda a comunidade, como ele fez, isso ninguém mais conseguiu.

A gente que trabalhou sempre junto, muitas vezes não percebeu esse ponto, entendes? A gente pensava: “Se sai o Geyer, vem outra pessoa. Lógico, se sai um funcionário, logo vem outro”.

**C. F.:** Agora como foi a continuidade do seu estudo? A senhora tocava violino e estudava com alguém ou estudava sozinha?

**E. F.:** Eu sempre tocava na orquestra e não tinha tempo para isso. Depois o meu violino quebrou, o outro foi vendido. Alguém quebrou o arco do meu violino, fiquei sem violino, mas criei meus filhos. Hoje eu tenho filhos formados em música.

A Irene é formada em música na Alemanha, vive da música. A Irene tocava violino aqui no Carlos Gomes. Até que professores de fora a convidaram, entre eles um cantor que dava aulas de canto, e agora eles estão casados. Ele é tenor, formado em música, pós-graduado em música, doutorado em música, catedrático vitalício em Stuttgart.

Ela aprendeu aqui, tocava aqui e todo mundo achava que tocava bem, inclusive eu. Foi pra lá, procurou um professor, sabe o que ele disse pra ela? “Por favor, joga o seu violino pela janela, começa tudo de novo”.

Ela trabalha no Internacionale Bach Institut. Sabe o que ela faz? Recebe as partituras dos maiores maestros e eles dizem: “Dona Irene, nós queremos tocar isso aqui, por favor a senhora põe mais uma flauta ou mais um piano?” E ela diz: “Sim senhor, amanhã está pronto”.

Meu pai sempre tocou de ouvido. Porque ele nunca teve aulas de música, mas olha, esse talento dela me surpreendeu.

Irene nasceu em Blumenau em 13 de março de 1959.

**C. F.:** Mas então quer dizer que a sua filha Irene faz hoje com os instrumentos o que a senhora fazia com as letras?

**E. F.:** Isso! Chagamos lá. Eu nunca pensei nessa comparação, mas ela faz. Então se você quiser uma cópia disso aqui, eu faço pra você. Mas isso tudo aqui não é do Geyer, tem alguma coisa do Telmo Locatelli, regente do Camerata Vocale. Aqui na minha pasta, tenho várias coisas do Camerata Vocale. Fiz um versinho pra eles, então peguei a melodia de uma música, porque quando faço canção, não sei fazer sem melodia. Então ele dizia: “Canta a sua música.” Eu dizia: “Não, se eu cantar a minha, vai interferir na sua.”

Dou a poesia e ele compõe a música! E: Aqui tem alguns programas dele, já com a minha colaboração. Olha aqui, o hino do centenário do Colégio Sagrada Família. Eu tenho uma dívida de gratidão com o Colégio, então não cobre nada.

Fiz também o do Colégio Machado de Assis...

E para o Santuário Nossa Senhora Aparecida há três versões diferentes, que o padre sempre pedia que colocasse mais alguma coisa diferente.

Há um pouquinho de conhecimento e técnica para você fazer um verso, rima. Que não tenha repetição, que não tenha cacófonos, que não soe mal. Não pode ter cacofonia.

É uma sensibilidade que foi crescendo, então hoje quando ouço uma coisa, digo esse aí tem talento, mas ainda é muito cedo para ter a pretensão de ser. Alguma coisa dentro de mim nesse ponto eu tenho.

Nós aprendemos lá no colégio das Irmãs alguns conhecimentos básicos, quais as sílabas que poderíamos juntar e aquilo tudo não esqueci mais. Não só para não haver cacofonia, mas também a junção das palavras, é difícil até de explicar....

**C. F.:** O que eu queria lhe perguntar é sobre a Casa Fleisch. Ela é tão tradicional e nós não falamos nada sobre isso.

**E. F.:** Meu sogro veio da Alemanha em 1906. Ele estudou, se formou dentista e veio pra cá. Foi um dos primeiros dentistas a atender aqui, o sr. José Maria Fleisch<sup>1</sup>. A cidade era pequena e quando chegava um dentista, era uma autoridade.

Para arrancar um dente, ele dizia: “Abre a boca, pegava o boticão, batia e dizia: é esse aqui, é esse aqui?” Já tava com o dente na mão e a pessoa dizia: “Não!”

Ele casou aqui, teve 9 filhos com a primeira mulher e dois com a segunda. O meu marido é o mais novo de 9 filhos. Ele era dentista, mas isso com o tempo foi deixando ele muito nervoso e o médico disse para ele: “Olha, o senhor não pode mais trabalhar nisso.” Ele abriu a loja com artigos dentários, porque era dentista, mas artigos musicais e brinquedos também. Isso foi em 1926. A minha sogra faleceu em 26. Não cheguei a conhecê-la. Foi uma casa muito tradicional, sempre fazia poesias, propagandas para a casa dele, sabe? Era bem interessante...

A casa Fleisch ficava aqui perto do prédio da Moellmann.

Em 1950 faleceu o sr. José, a dona Sophia em 1971. Tinha onze herdeiros sobre este imóvel na Ponta Aguda e meu marido disse: “Olha, vocês querem comprar, estou vendendo”. Eles compraram. Nós continuamos na seção dentária e cheguei a trabalhar ali.

Eu trabalhava na contabilidade, mas tinha mais empregados. Minhas cunhadas cuidavam da parte dos brinquedos e do bazar. Eu trabalhei praticamente só com a seção dentária e o Afonso na direção geral.

---

<sup>1</sup> ) Casou-se com Clara Hermann, com quem teve 9 filhos, falecida dia 08/7/1926. Casou-se em segundas núpcias com Sophia Engelke.

A casa de música era da minha cunhada Ana Maria. Ela fazia os pedidos, sabia o que queriam. E sabe o que acabou com a parte de música? O xerox, porque se vendia um exemplar e todo mundo tirava cópia. A própria professora tirava cópia e dava pra todo mundo. Então não adiantava vender, porque antes o pessoal vinha de longe pra comprar músicas. Era a senhora casa de músicas! Alguém perguntou: “Por que vocês não põe no estoque músicas como do Chopin?” Eu disse: “Pra que, o que adianta?”

Em 72 vendemos e nos mudamos para a Ângelo Dias, mas nos onze anos que nós estivemos lá, a água entrou dez vezes, mas sempre dava-se um jeito. Quando chegou na décima primeira vez, aqueles 14 metros, foi a primeira vez na minha vida que eu passei por uma situação dessas. Meus braços caíram e eu não sabia o que fazer, porque a água foi até lá em cima.



**Casa Comercial Flesch – 1964**

Mas nós tínhamos trazido alguma coisa aqui para casa. Tínhamos a sobreloja, eu me lembro muito bem, onde estavam as coisas mais caras e miúdas, e lá a água fez festa, levou tudo! Eu me lembro de ver as partituras boiando naquele lado, juntei tudo, o que não deu pra aproveitar a gente empurrava para água com rodo. Então juntei uma porção de coisas, lavei e botei num balaio. Aí me disseram: “O que vai fazer com isso? Vende”. Eu pensei: “Se não compravam o limpo, não vão comprar o sujo”. Foi tudo para o lixo. Destruíu o estoque, destruiu móveis, destruiu praticamente 50% de tudo.

Ficou tudo com cheiro de podre. Bem, depois a gente tirou as coisas lá de cima, a parte dentária foi separada. E agora fica no edifício Flamingo, no segundo andar. E aqui a última enchente de 84 também entrou mas foi 70 cm, aí já tinham tirado tudo. Deu para escapar com o pé molhado.

É, nunca levei a enchente a sério, mas depois daquela eu levei. É porque a gente era solteira e naquele tempo a enchente era uma festa, tínhamos um barco com dois remos, até esses tempos vi uma foto dentro daquele barquinho na enchente com meu filho. “Mas que roupa bonita pra andar na enchente!” Eu digo: “Claro, pois eu fui trabalhar com ela.” Eu estava toda arrumada para ir trabalhar, era roupa de serviços.

Eu ainda estava de colar, colar simples, era roupa de serviço, mas estava toda arrumada.

**C. F.:** Dona Erika, gostaria muito de agradecer a senhora e dizer que sua entrevista foi muito importante para o nosso resgate da memória histórica de Blumenau. Obrigada!

## História & Historiografia

---

### Blumenau: da economia de subsistência à industrialização (1850 – 1880)

TEXTO:

LUIZ VENDELINO  
COLOMBI\*



Como parte introdutória, gostaríamos, já de início, deixar claro que a abordagem e o âmbito do assunto aqui focado, se limita ao contexto da Colônia Blumenau, abrangendo o período dos primeiros trinta anos de colônia, ou seja de 1850 a 1880. Saliente-se aqui que a Colônia Blumenau compreendia praticamente todo o Vale do Itajaí-Açu.

Nosso ponto de partida reside na seguinte hipótese: a economia do Vale do Itajaí desenvolveu-se dentro de uma dinâmica própria. A capacidade de produzir bens de consumo e de capital para o mercado local e para exportação é uma característica do desenvolvimento endógeno de Blumenau. Em outras palavras, Blumenau industrializou-se em função de um mercado local. O isolamento regional fez movimentar e crescer o mercado interno. Isto porque dispunha de uma população de imigrantes que forneceu a mão-de-obra e recursos necessários para a atividade econômica local.

Mas, para compreendermos melhor como se procedeu o desenvolvimento econômico da colônia Blumenau, vamos retroceder no tempo até o início do Império Brasileiro.

Já desde o início do Primeiro Reinado, havia orientação política de incentivo à colonização para trazer imigrantes europeus. O Brasil ressentia-se da falta de perícia tecnológica, agrícola e econômica para transformar sua economia agrícola, e caminhar mais rápido para o desenvolvimento. O imigrante era desejável como um apoio ao desenvolvimento a longo prazo.

---

\*) Mestre em História pela UFSC e professor de História do Brasil na FURB.

Entre 1824 e 1830 houve o estabelecimento das primeiras colônias luso-brasileiras no Rio Grande do Sul, sendo que a primeira foi São Leopoldo em 1824.

A intenção do governo imperial era estabelecer colônias de imigrantes em pontos estratégicos ao longo de vias de comunicação que ligassem pontos importantes do Império.

Em fins de 1828, chegaram a Desterro 523 alemães, para fundar a colônia São Pedro de Alcântara. Esta porém, não vingou por muito tempo. Os colonos, em sua maioria, abandonaram a colônia e, alguns deslocaram-se para Desterro, outros para o sul e outros vieram se estabelecer no Vale do Itajaí, mais precisamente nas regiões de Belchior e “Pocinhos”, hoje, partes do território do município de Gaspar. Dos descendentes citam-se hoje por exemplo: as famílias Schmitt, Schmidt, Zimmermann, Deschamps e Schramm.

A crise do regime imperial de 1827 a 1831 que provocou inclusive a abdicação de D. Pedro I, teve como conseqüência o desestímulo à imigração e o abandono das colônias recém fundadas, deixando-as sem subsídios e provisões que lhes haviam sido prometidos. Somente em fins de 1840, com o término do Período Regencial, é que se poderá notar um reavivamento da política imigratória.

A propaganda realizada na Alemanha, aos poucos atingiu seus objetivos. Dr. Blumenau, em março de 1846, assume a idéia de estabelecer uma colônia alemã no Brasil. Viaja, estabelece contatos com o governo brasileiro e recebe do governo brasileiro a concessão de terras no Vale do Itajaí; em 1848 funda uma sociedade com o comerciante Hackradt; providencia as bases de um núcleo de povoamento às margens do ribeirão da Velha e volta a Alemanha em busca de imigrantes. Em 2 de setembro de 1850, desembarcaram os 17 primeiros imigrantes alemães, seis mulheres e onze homens, ocupando inicialmente pequenos lotes no “Stadtplatz”, como ficou conhecido o local na confluência do ribeirão Garcia com o rio Itajaí-Açu, marco inicial da Colônia Blumenau.

“Os vestígios da cultura de alemães laticinistas, de italianos e tiro-leses plantadores de arroz” ainda estão presentes no processo aculturativo

no final do século XX<sup>1</sup>. A exploração da terra através da policultura de subsistência foi o marco inicial da colonização de Blumenau e de todo o Vale.

### CRESCIMENTO DA IMIGRAÇÃO E POPULAÇÃO DE BLUMENAU 1850 – 1880

DATA	IMIGRAÇÃO	POPULAÇÃO
1850	17	6
1855	34	249
1860	91	947
1865	160	2.625
1870	33	6.188
1875	1.129	9.161
1880	455	14.981

Fontes: SILVA, J. Ferreira da. *História de Blumenau*. P. 49, 58 e 60; Relatórios e mapas estatísticos da Colônia Blumenau.

HILLESHEIM, A. A. *O Crescimento do Mercado Interno numa Colônia do Império, o caso de Blumenau – 1850 – 1880*. p.11.

A análise do sistema implantado deixa claro que, a divisão das terras em pequenos lotes rurais de 250 a 300 metros de frente por mil de fundo, não comportaria outros sistemas de produção que pudesse satisfazer e fazer crescer, como cresceram, os imigrantes que aqui se estabeleceram. Estes, conseguiram aproveitar convenientemente a terra, garantindo os gêneros de subsistência. Nas palavras do professor Jamundá, era das safras de

---

<sup>1</sup> JAMUNDÁ, T. C. Agricultura e Pecuária em terras do Itajaí. In: *Centenário de Blumenau*. Blumenau, edição da Comissão dos Festejos, 1950. p. 153.

milho e do aipim que dependia a classificação do ano agrícola: ano bom e ano ruim.

Isto porque, boas safras de milho e aipim significavam mais porcos, mais leite, mais aves, mais excedente e portanto, maiores lucros e conforto social.

O loteamento das terras e a distribuição das mesmas aos colonos ligou-os sobremaneira à exportação agrícola, passando naturalmente à indústria de transformação, principalmente no que tange a fabricação de laticínios, preparados de carnes, banha e conservas. Sempre tendo como base a agricultura de subsistência, cujos produtos eram divididos em três partes: alimentação familiar, forragem para os animais e o excedente, que passaria para a indústria de transformação. Este excedente serviria como elemento comerciável, suprimindo desta forma o colono de certo pecúlio, aplicável na compra de produtos como: trigo, sal, fósforos, querosene, tecidos e ferramentas, imprescindíveis como meio de sobrevivência..

A presença de animais domésticos como: a vaca leiteira, o porco, o boi e o cavalo de tração, e as aves como: galinhas, patos e marrecos na propriedade rural, é um traço cultural que permanece nítido até os dias atuais. Sem dúvida, é uma característica peculiar da pequena propriedade agrícola do Vale do Itajaí. O minifúndio, a policultura, a mão de obra familiar e a produção voltada para subsistência e o excedente endereçado ao comércio local/regional, caracteriza muito bem a emergência de colônia Blumenau, que mais tarde, acabaria dominando a economia regional, tornando-se principal polo econômico de Santa Catarina.

Importante observar que, qualquer profissão que este proprietário de terra exercesse, principalmente com o advento da indústria e do comércio, não menosprezou o cultivo dos gêneros de subsistência. O proprietário de terra soube consorciar seu tempo dedicado à atividade como operário de indústria com o trabalho agrícola. Isto quer dizer, que, além de ser operário, produzia, juntamente com a família, elementos como o leite para as fábricas de laticínios e aipim para as fecularias. Surgia assim, a poupança familiar que, aos poucos, por falta de bancos, os colonos começaram a “colocar a juros” nas mãos de pessoas influentes que já haviam iniciado algum empreendimento industrial ou comercial. Exemplo notório foi a Gebrüder Hering, hoje, Cia. Hering, que pagava bons juros (6% ao ano) para quem quisesse aplicar seu dinheiro. Além disso, como essa empresa tinha também casa comercial (“secos e molhados”), ela adquiria dos colonos os produtos

agrícolas e em troca vendia manufaturados, dentre as quais as camisetas de malha de sua própria fabricação, principalmente a camiseta física”(underhemde) que até a década de cinquenta correspondia à metade de sua produção. Este foi, sem dúvida, um dos motivos porque os irmãos Bruno e Hermann Hering venceram. Os empresários da nascente indústria poderiam ser denominados de *capitalistas sem capital*. Entretanto, “a possibilidade de industrialização e da posterior inserção da economia regional no mercado interno nacional resultou da disponibilidade de força de trabalho, uma força qualificada que, por salários reduzidos, propiciou a referida aceleração no ritmo de reprodução do capital”.<sup>2</sup>

Note-se que, a preocupação do colono era produzir tudo e tanto quanto fosse possível e comprar o menos possível. Isto de fato, é compreensível. Os produtos comprados, em sua maioria, eram importados e portanto com preços elevados. Por isso, desde o início, o café, o milho, o aipim, a cana-de-açúcar e o fumo, além da criação de animais como bois, vacas, galinhas, patos e marrecos, se fazem presentes desde o começo, nos lotes das terras da colônia. A abundância destes produtos vai reverter em última análise num maior bem estar familiar. Assegurou a situação alimentar do imigrante e garantiu trocas comerciais de produtos indispensáveis para a compra de ferramentas agrárias e para sua própria sobrevivência. Além disso, assegurou o estabelecimento das pequenas cooperativas e pequenas indústrias de transformação e conseqüentemente a razão da criação, mais tarde em 1907, do Sindicato Agrícola de Blumenau. O sindicato garantiu boas sementes, reprodutores bovinos qualificados e assistência técnica agropecuária.

Devemos lembrar que na segunda metade do século XIX, o café dominava a economia brasileira, concorrendo em mais de 50% na produção e exportação nacional.

Por outro lado, a indústria de tecidos colocava-se em situação de inferioridade, em face à concorrência estrangeira. Em 1881, o Rio de Janeiro dispunha apenas de quatro fábricas de tecidos com um total de 530 operários. Na ausência de indústrias para suprir os mercados nacionais, a nação estava na dependência de manufaturas importadas.

Foi nesta conjuntura econômica que a Colônia Blumenau se desenvolveu como colônia agro-pastoril, mas tendo sempre um interesse em

---

<sup>2</sup> THEIS, Ivo Marcos e outros. *Nosso Passado (In)comum*. Editora da FURB: Blumenau, 2000.

manufaturas e beneficiamento. O colono, além de dedicar-se à agricultura, procurava beneficiar seu produto, do qual conseguiria maior rentabilidade. Além disso, a população emigrada da Alemanha industrializante e em transformação à economia de mercado, veio imbuída de novas idéias motivadas pela revolução industrial. O crescimento da colônia oferecia campo para produzir e absorver manufaturas.

Seyferth, falando sobre os caminhos tomados pelos imigrantes e seus descendentes, salienta que “*muitos permaneceram como pequenos produtores rurais, quer nas antigas, quer nas novas áreas abertas à colonização (...). Pequenos comerciantes, artesãos e pequenos empresários, inclusive da ‘indústria de fundo de quintal’, estão concentrados na classe média urbana. Alguns passaram pela experiência da agricultura, outros não. E, finalmente, há os excedentes populacionais do campo, que ingressam na vida urbana como operários ou em outra atividade assalariada*”<sup>3</sup>.

Por isso, a indústria de transformação de produtos agropecuários não aconteceu por acaso em Blumenau e no Vale do Itajaí. Foi praticamente fruto do esforço de seus habitantes. Não se baseou nas riquezas do subsolo nem da influência da proximidade dos grandes centros de consumo ou por privilégio dos meios de comunicação. Os fatores que mais contribuíram foram: a abundância da força hidráulica proporcionada pela bacia hidrográfica do Itajaí-Açu e o ser humano. Este, proveniente de regiões industrializadas da Europa, trouxe consigo as aptidões técnicas que aos poucos foi aplicando na transformação de produtos agrários com o instinto natural de sobrevivência numa terra virgem e selvagem.<sup>4</sup>

Já nos primeiros três anos de fundação a Colônia Blumenau contava com engenhos de açúcar, aguardente e farinha de milho e mandioca. Em 1863, segundo Ingo Hering, “já se mencionava a existência de 55 engenhos de açúcar e aguardente, 52 de farinha, 3 fábricas de cerveja, 2 de vinagre, 6 manufaturas de charutos e 4 pequenas serrarias”.<sup>5</sup>

Observe-se que estamos apenas 13 anos da fundação da colônia, e já se nota indícios de exportação de produtos industrializados, como açúcar, aguardente, farinha de mandioca, derivados de laticínios e de suínos, além de madeiras e charutos. Todas estas mercadorias chegavam ao porto de Itajaí através do rio Itajaí-Açu.

---

<sup>3</sup> SEYFERTH, G. *Imigração e cultura no Brasil*. Ed. UnB: Brasília, 1990.

<sup>4</sup> HERING, Ingo. Desenvolvimento da Indústria Blumenauense. In: *Centenário de Blumenau*, Blumenau, Comissão de Festejos, p. 161.

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*.

### OS CINCO MAIORES ESTABELECIMENTOS RURAIS E INDUSTRIAIS 1861/1880

Estabelecimentos	1861	1865	1870	1875	1880
Engenho de Açúcar	50	53	80	97	154
Engenho de farinha de mandioca	47	47	70	95	142
Alambiques	51	61	68	88	143
Serrarias	3	8	19	28	32
Engenhos para moer grãos	2	5	14	19	27

Fonte: Mapas Estatísticos da Colônia Blumenau – 1861 – 1880.

A história sócio-econômica de Blumenau está intimamente ligada ao rio Itajaí-Açu, principalmente por causa de dois fatores: as enchentes e sua navegabilidade. Este rio é formado pelo rio do Oeste e rio Itajaí do Sul, sendo que até chegar a Blumenau recebe os afluentes: Lontras, Subida, Warnow e Benedito. Ao passar no município de Blumenau recebe as águas de vários afluentes dos quais citamos: ribeirão Itoupava, ribeirão do Teste, ribeirão Salto do Norte, ribeirão da Velha, ribeirão Bom Retiro e ribeirão Garcia.

Apesar das tristezas que o rio Itajaí-Açu causou e causa aos habitantes do Vale através das enchentes, devemos reconhecer sua importância sócio-econômica. Suas águas serviram durante quase um século a dezenas de embarcações que faziam transporte de passageiros, matérias primas e manufaturados entre o porto de Itajaí e a Colônia Blumenau. Dentre as embarcações que mais se destacaram podemos citar: “São Lourenço”, “Progresso”, “Blumenau”, ”Jan”, apelidado de “Buckling” “Santa Catarina”, “Gustavo”, “Richard Paul”, “Blumenau II”. Destes, destacaram-se por sua importância sócio- econômica os vapores “progresso” e “Blumenau”. Ambos foram adquiridos pela “Cia. Fluvial a Vapor Blumenau- Itajaí” que iniciou suas atividades com um capital inicial de 30:000\$000 tendo como maior acionista o Sr. Luiz Sachtleben. Esta companhia comprou na Alemanha um vapor de rodas que foi trazido até Itajaí a bordo de outro navio e que a partir de 1879 começou suas atividade com o nome de vapor “Progresso”. Com o aumento da exportação a Cia também prosperou e em 1895 adquiriu

o vapor “Blumenau”. Este serviu à cidade de Blumenau e o Vale durante 55 anos trazendo a Blumenau milhares e milhares de imigrantes, de 19 nações com sua bagagem. Nele viajaram pessoas ilustres como governadores, preladados, diplomatas e militares de altas patentes; transportou mercadorias no valor de muitos milhões de reais.

É preciso salientar que como os vapores eram pequenos (cerca de 28 metros de comprimento) e o maior espaço era ocupado pelos passageiros, eles executavam a tarefa como rebocadores de “chatas”. Como uma viagem demorava cerca de 8 horas rio abaixo e de 9 a 12 horas rio acima, porque dependia do nível das águas, não havendo, portanto, tempo suficiente para descarregar, as “chatas” eram substituídas por outras já carregadas que seguiam rio abaixo no dia seguinte.<sup>6</sup>

Havia três portos principais aqui em Blumenau: um próximo à embocadura do ribeirão Garcia, defronte a antiga Prefeitura Municipal, outro particular da empresa Grewsmuhl & Hering, onde hoje se situa a ponte Vitor Konder, e um terceiro na Itoupava Seca, onde se encontra a ponte Irineu Bornhausen e ponto final da navegabilidade do rio Itajaí-Açu, devido às corredeiras, saltos, muito comuns a partir deste ponto até suas cabeceiras. Este porto tornou-se mais movimentado a partir do momento que foi inaugurada a Estrada de Ferro Santa Catarina (1909). O porto tinha ligação direta com a estação ferroviária para carga e descarga de produtos de importação e exportação. A travessia do Itajaí-Açu neste local era feita através de uma balsa, sendo substituída pela ponte Irineu Bornhausen somente em novembro de 1953.<sup>7</sup>

Para manter este crescente comércio, fazia-se necessário além de boas vias de comunicação, uma retaguarda manufatureira. Esta capacidade de produzir bens de consumo e de capital para o mercado local e para exportação, é uma característica do desenvolvimento endógeno de Blumenau; assim como a estruturação e acumulação de capitais para promover a industrialização. Prova disso é a existência em Blumenau, já em 1880, cerca de 24 ofícios e um total de 214 profissionais, distribuídos entre 573 estabelecimentos rurais de beneficiamento de produtos agropastoris e estabelecimentos industriais, produzindo para o mercado interno e para exportação. O

---

<sup>6</sup> EMMENDORFER, E., WAHLE, C. e NEITZEL, E. Meios de Comunicação. *Centenário de Blumenau*, Blumenau, Comissão de Festejos, 1950. p. 257.

<sup>7</sup> KILIAN, Frederico. *Evolução sócio-econômica de Blumenau*. Entrevista do Projeto MEMORVALE da FURB em 03.07.85.

que demonstra que havia um mercado suficientemente forte e alicerçado para absorver toda essa economia de subsistência e excedente exportável, que crescia paralelamente ao aumento da população. Por outro lado, a presença de mão-de-obra qualificada, possibilitou a muitas indústrias artesanais, evoluírem rapidamente à industrialização.<sup>8</sup>

OFÍCIOS EXERCÍDOS EM BLUMENAU: 1852 – 1880						
OFÍCIOS EXERCÍDOS (por categoria profissional)	DATAS					
	1852	1860	1865	1870	1874	1880
<b>1. de Processamento</b>						
Carniceiros	-	2	-	3	-	4
Charuteiros	2	-	-	13	-	5
Vinagreiros	-	-	-	8	-	1
Meleiros	-	-	-	-	-	3
<b>2. de Construção:</b>						
Marceneiros	3	6	16	30	28	18
Carpinteiros	2	6	25	40	50	5
Construção de Engenhos	1	2	2	5	6	6
Pedreiros	1	3	14	26	35	39
Cavouqueiros	1	-	2	13	10	24
Oleiros	-	1	-	-	-	2
Pintores	-	-	-	-	-	2

<sup>8</sup> HILLESHEIM, A. A. *O Crescimento do Mercado Interno numa Colônia do Império, o caso de Blumenau, 1850 – 1880*. Dissertação MSC, UFSC, 1979, p. 26.

OFÍCIOS EXERCIDOS EM BLUMENAU: 1852 – 1880						
OFÍCIOS EXERCIDOS (por categoria profissional)	DATAS					
<b>3. de Ofícios Mecânicos</b>	1852	1860	1865	1870	1874	1880
Tanoeiros	1	-	6	8	5	5
Funileiros	-	1	1	4	4	3
Ferreiros	1	3	8	13	12	22
Espingardeiros	1	-	1	1	1	2
Serralheiros	-	-	-	5	2	4
<b>4. Ofícios especializados</b>						
Alfaiates	2	3	7	15	21	12
Sapateiros	2	4	8	18	22	24
Soleiros	-	2	5	6	6	6
Tapeceiros	-	-	-	1	-	2
Litógrafos	-	-	-	-	-	8
<b>5. Profissionais</b>						
Farmacêuticos	-	-	-	-	-	2
<b>TOTAL GERAL</b>	16	35	103	227	218	214

Fontes: Mapas estatísticos da Colônia Blumenau – 1852 – 1880.

Relatório descritivo da Colônia Blumenau – 1862 – 1878.

HILLESHEIM, A. A. **O crescimento do mercado interno numa Colônia do Império**, 1850-1880. Dissertação MSC, UFSC, 1979, p.26.

Essa evolução caracteriza-se essencialmente nas potencialidades inerentes dos imigrantes, principalmente os que vieram na década de setenta, pois estes já haviam presenciado e muitos deles participado da revolução tecnológica na Alemanha entre 1800 e 1873, quando esta desponta no cenário europeu, como país em franca industrialização. Além disso, é preciso salientar que a industrialização de muitas empresas de Blumenau, foi fruto em sua maior parte da capacidade de renovação e reestruturação tecnológica

dentro dos moldes mais modernos vigentes na Europa. Entretanto, de nada adiantariam técnicas sofisticadas européias senão houvesse capitais disponíveis para investir e promover novos empreendimentos. A capacidade do imigrante de poupar porém, proporcionou estes capitais. À medida que o empreendimento tomava vulto, os lucros eram reaplicados comedidamente na aquisição de imóveis e maquinaria, o que viria naturalmente contribuir num aumento gradativo da produção da empresa.<sup>9</sup>

Os irmãos Hering, Hermann e Bruno, descendentes de uma família com tradição secular em tecelagem e malharia, trouxeram da Saxônia, tradicional centro da indústria têxtil, experiência suficiente para implantar em Blumenau a indústria têxtil. Não é de estranhar que o imigrante ao radicar-se em Blumenau transferia seus hábitos mercantis e industriais, além de hábitos de costume que não eram freqüentes na vida rural luso-brasileira. As empresas, instaladas em Blumenau não fugiram à regra do transplante daquela mentalidade empresarial alemã. Mantiveram, sempre que possível, os laços com o exterior, assegurando assim, o fornecimento do equipamento técnico, matéria prima e outros implementos, para dar continuidade para a indústria implantada.

Este fato é demonstrado pelos novos empreendimentos no ramo têxtil que surgiram a partir de 1880. Além da iniciativa dos Hering, já em 1882 Johann Karsten e Gustavo Roeder, este último era técnico têxtil, fundaram uma tecelagem que é hoje Cia. Têxtil Karsten. Em 1884, Gustavo Roeder desligou-se da firma Karsten e fundou outra tecelagem no vale do Garcia que foi incorporada na atualidade à empresa Artex S/A. É interessante observar que devido à necessidade de força motriz, estas empresas vão se estabelecer em locais onde é facilitada a força motriz hidráulica. A energia elétrica é instalada de forma bastante incipiente em 1910 por iniciativa particular, quando Frederico Guilherme Busch constrói em Gaspar Alto uma pequena hidrelétrica. Somente em 1915, com a construção da Usina Salto por um grupo chefiado por Pedro Christiano Feddersen e mais tarde com a colaboração de empresários de São Paulo, pode-se dizer que a energia elétrica deu um novo impulso às empresas, principalmente àquelas dentro do campo têxtil, e possibilitando o nascimento de outras, nas décadas posteriores.

---

<sup>9</sup> COLOMBI, Luiz V. *Industrialização de Blumenau: o desenvolvimento da Gebrüder Hering – 1880 – 1915*. Dissertação MSC, UFESC, 1979, p.2.

### *Conclusão*

Muito já foi dito a respeito da Colônia Blumenau, de seu processo de industrialização. Entretanto algumas conclusões, ainda sujeitas a retificações, podem ser registradas.

Fontes bibliográficas registram que a população de Blumenau que iniciou em 1850 com 17 imigrantes, contava em 1883 com 16.380 e em 1920 com 72.213 habitantes. População essa que ocupou aceleradamente as terras do Vale do Itajaí-Açu. A penetração para o interior ocorria à medida que novas picadas e entradas carroçáveis eram abertas. Entretanto, o rio Itajaí-Açu, foi o principal meio de comunicação para o porto de Itajaí, ponto de escoamento da população de Blumenau, desde a fundação da colônia. A presença do Vapor “Progresso”, “Blumenau” e outros que seguiram, intensificaram as comunicações entre Blumenau e o litoral.

Com a inauguração da Estrada de Ferro de Santa Catarina em 1909 que ligava Blumenau a Hamônia (Ibirama) concretizou-se velha aspiração dos blumenauenses, que dispunham doravante de um meio mais prático e rápido do transporte para o escoamento dos produtos do interior do município.

Toda esta infraestrutura fluvial, rodoviária e ferroviária proporcionou a Blumenau condições suficientes para um impulso à industrialização. Acrescente-se a estes fatores a implantação da energia elétrica, que além de impulsionar as indústrias já implantadas, possibilitou a criação de outras.

As indústrias de laticínios, conservas, fecularias e derivados de carne que haviam surgido em base artesanal desde Blumenau Colônia, prosperaram gradualmente. Foram porém as indústrias têxteis que a partir de 1880, partindo de um artesanato familiar, tornaram-se a partir de 1920 o ramo industrial dominante de Blumenau. Entretanto, todas as indústrias, sejam têxteis ou de beneficiamento cresceram inicialmente em função do mercado local. Alcançaram maior sucesso aquelas que pela organização e capitalização superaram o mercado local em busca do mercado nacional, uma escalada difícil devido à invasão de produtos estrangeiros.

Nem todas porém, venceram este obstáculo e contentaram-se em suprir o mercado local e regional.

## **História & Historiografia**

---

### **Saporski e a transmigração polonesa em 1871**

*TEXTO:*

*MARIA DO  
CARMO R. K.  
GOULART\**



A Polônia localiza-se na Europa Central, banhada pelo Mar Báltico (N), com relevo formado por planícies e montanhas na fronteira meridional. Possui recursos naturais surpreendentes (com leis ambientais federais muito rigorosas supervisionando lagos, florestas, reservas e parques nacionais) e minas de sal exploradas desde o século 13 – maior fonte de renda nacional. Divide-se em 16 regiões administrativas e tem uma superprodução de alimentos: 70 milhões de toneladas para seus 40 milhões de habitantes. Esse é o perfil de um país nada jovem, cuja história é milenar e repleta de lutas, partilhas (foram 3, entre Rússia, Prússia e Áustria), ideologias diversas governando seu povo e do qual mais de 60% da sociedade é de católicos praticantes.

O país, que conta com 8 milhões e meio de hectares de florestas de preservação natural, distribuídos em uma área territorial de 304.510 km<sup>2</sup>, tem na questão do corte da madeira um item muito delicado, em função do forte controle existente sobre o produto. Sabe-se quantas árvores há, o quanto delas são cortadas. Os carvalhos para corte, por exemplo, contam com mais de 160 anos. Sobre reflorestamento, existe até um provérbio: a de que o avô planta uma árvore quando jovem, para o futuro neto conhecer e cortar.

Em 1850, na região da Silésia – palco de muitos conflitos, com cidadãos poloneses sofrendo intervenções em seu território, a miséria e a fome tomavam conta, transformando em cena de terror o já tão sofrido lugar. Apesar de as terras serem boas para cultivo, colonos eram levados a vendê-

---

\*) Maria do Carmo é natural de Brusque e escreve sobre imigração polonesa em sua cidade.

las ou abandoná-las, forçados pela situação de domínio a eles imposta pelos prussianos. Para Edvino TEMPSKY,

*“(...) a sua estabilidade econômica ficou a mercê dos planos táticos e militares das grandes potências em litígio e que lbe eram limítrofes, as quais, não raro, transformaram as áreas polonesas em teatro de operações bélicas, ao término das quais, a par da destruição, restavam tremendos impactos na estrutura social e econômica vigente”*.<sup>1</sup>

Muitos silesianos saíram, tornando-se emigrantes, para um país que-nem-sabiam-direito-onde-ficava: o BRASIL!

Por que o Brasil? Giralda SEYFERTH comenta:

*“O governo brasileiro tinha interesse em promover a imigração européia. A propaganda nesse sentido foi bastante intensa durante o período imperial e prosseguiu durante os primeiros anos da República. A política de colonização tinha como objetivo principal atrair imigrantes que se destinavam ao trabalho agrícola. Fossem ou não camponeses no país de origem, eles entravam no país na condição de colonos”*.<sup>2</sup>

O escritor polonês Boreslaw MRÓWCZYNSKI acredita que:

*“Eram encorajados pelos efeitos econômicos da Colônia Blumenau e grandes grupos deixaram Siolkowice. Também eram atraídos pela grande tolerância religiosa e nacional no Brasil e sobretudo pela presença de religiosos poloneses. Para um silesiano, naquela época, um padre era um homem de confiança e que representava a nação. Também os alemães na Colônia não eram perigosos; eram originários de Braunschweig e nesta parte da Alemanha, o que é um fato histórico, não amavam os prussianos. Todas estas informações Saporski certamente enviara a Siolkowice”*.<sup>3</sup>

Como a então Colônia Blumenau, localizada na Província de Santa Catarina, no Sul brasileiro, tornara-se conhecida na Silésia?

Os poloneses foram informados de que seriam estabelecidos em terras de excelente produtividade: o local chamava-se Blumenau. Quem

---

<sup>1</sup> TEMPSKY, Edvino. Edmund Sabastian Wos Saporski – Patrono da Imigração Polonesa no Brasil. Curitiba: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**, 1970, v. XI, a. 1969, p. 57 (grafia original, como em todas as transcrições apresentadas a seguir)

<sup>2</sup> SEYFERTH, Giralda. A “história de vida” e sua importância para o estudo da colonização do Vale do Itajaí. Brusque: **Boletim Notícias de “Vicente Só”**, jan./fev./mar./1981, a. V, n. 17, p. 12.

<sup>3</sup> MRÓWCZYNSKI, Boreslau. Contribuição à história da colonização polonesa – Carta reveladora a José Ferreira da Silva. Blumenau: **Blumenau em Cadernos**, nov. - dez./1986, T. XXVII, ns. 11/12, p. 337.

passou tais informações foi um seu conterrâneo, Sebastião Saporski, residente, à época, naquela Colônia, apoiado por outro polonês, Padre Antônio Zielinski, Vigário de Gaspar, município limitando-se com Brusque e Blumenau. Saporski via seu projeto de trazer emigrantes começar a realizar-se quando diversos habitantes de SIOLKOWICE, região de Opole, na Silésia, decidiram-se pelo Brasil, pois emigrar era preciso.

Segundo Stanislaw BOROWSKI:

*“um estudo relacionado ao comportamento demográfico da população da aldeia de Siolkowice no ano de 1869, quando da partida do primeiro contingente de emigrantes poloneses silesianos para o Brasil, mostra que a população crescia lentamente”*<sup>4</sup>

tese confirmada por outro estudioso, Manfred KUTYMA, baseado em estudos no arquivo da aldeia, no período entre 1815-1870, concluindo:

*“as fortes pressões demográficas que sobreviveram sobre a estrutura social e econômica da aldeia na segunda metade do século XIX, teriam motivado o movimento emigratório”*<sup>5</sup>.

SAPORSKI e ZIELINSKI discutiam idéias sobre a viagem e

*“estavam interessados em conseguir, junto ao Governo Imperial, uma concessão de terras para a colocação de imigrantes da Polônia. Sabendo que uma leva de colonos já estava prestes a ser encaminhada ao Brasil, onde o Governo Imperial criara Colônias oficiais com o propósito de ocupação, distribuição e trabalho nas terras devolutas das Províncias do Sul, Saporski e Zielinski propuseram-se a trazê-la para o Vale do Itajaí-Mirim, em Santa Catarina, por já morarem na região.”*<sup>6</sup>

É quando BRUSQUE entrou no roteiro de viagem. Localizada cerca de 40 km da Colônia Blumenau, e dez anos mais nova, Brusque era então denominada COLÔNIA ITAJAHY. Ao contrário da de Blumenau, cujo primeiro e único diretor, o Dr. Hermann Otto Blumenau, permaneceu longo período à frente da administração, na Colônia Itajahy houve troca sucessiva de Diretores e afastamento deles. A administração interina de seus substitutos foi uma constante, prejudicando uma ação mais eficaz nas diretrizes governamentais de seus 21 anos enquanto Colônia. Conforme Walter

---

<sup>4</sup> WACHOWICZ, Ruy Christowam. **Abranches: um estudo de história demográfica**. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina, 1976, p. 12.

<sup>5</sup> Idem, p. 13.

<sup>6</sup> GOULART, Maria do Carmo. **Imigração Polonesa em Brusque – um recorte histórico**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 10.

Fernando PIAZZA, a Colônia Itajahy, “apesar de ser uma Colônia do Estado, não sofreu a sua administração nos primeiros anos solução de continuidade”.<sup>7</sup>

Dessa forma, fortalecidas pela distância e mesmo pelo isolamento imposto, haja vista as dificuldades de comunicação, ambas as Colônias – Blumenau e Itajahy –, cresceram independentes e tinham vida própria. Segundo José Ferreira da SILVA:

*“As duas colônias tinham administração própria e completamente independente uma da outra. Não creio, por isso (e não encontrei nem mesmo sinais disso na documentação do Arquivo Municipal) que o dr. Blumenau tivesse tido qualquer ingerência na administração da Colônia Brusque. (...) Nem Brusque influenciou na vida de Blumenau, nem esta na daquela”*.<sup>8</sup>

Apesar da proximidade físico-geográfica de ambas as Colônias, Blumenau e Itajahy, SILVA assim as descreve:

*“naquele tempo (e o autor aqui se referia ao período próximo a 1870), para se vir de Brusque a Blumenau era necessário descer o rio Itajaí-Mirim, de canoa (2 dias de viagem) e, depois, subir o Itajaí Açu, por uma distância de 80 quilômetros (outros dois dias de viagem)”*.

A cidade de Brusque está localizada no Estado de Santa Catarina. Situa-se a 21 metros acima do nível do mar, às margens do rio Itajaí-Mirim. A área total do município é de 282 km<sup>2</sup>, com relevo acidentado. Dista cerca de 30 km do maior eixo rodoviário de ligação Norte/Sul, que é a BR-101, e 110 km da capital, Florianópolis. Tem população estimada em 70.000 habitantes. A economia é baseada no parque fabril têxtil, metalúrgico e de vestuário.

Fundada a 4 de agosto de 1860, Brusque foi colonizada por alemães – uma das mais fortes correntes imigratórias para o lugar, juntamente com a dos italianos (1875); outras, em menor número foram francesa, inglesa e irlandesa.

Em 1866 foi criada a Colônia Príncipe Dom Pedro. Instalada em 1867, à margem direita do rio Itajaí-Mirim, a Colônia Príncipe Dom Pedro distava cerca de uma légua – aproximadamente 9km – acima da sede da Co-

---

<sup>7</sup> PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina: sua história**. Florianópolis: Lunardelli, 1983, p. 352.

<sup>8</sup> SILVA, José Ferreira da. Carta para Mrówczyński. Blumenau: 29/03/1973. Arquivo da Fundação Casa Dr. Blumenau.

<sup>9</sup> Idem.

lônia Itajahy. Um caminho de carroças interligava as duas Colônias. A Príncipe Dom Pedro já havia servido de localização a outras tentativas de ocupação da região com os irlandeses, reimigrados que eram dos Estados Unidos tendo, posteriormente, abandonado a região. Nesse local os imigrantes poloneses foram estabelecidos em um lugar conhecido como *Sixteen Lots*.

O início da imigração polonesa em Santa Catarina data de agosto de 1869. Não há registro sobre o dia certo em que isso aconteceu: nem da data da partida da terra natal, nem da chegada ao Brasil. O documento que mais nos aproxima é o registro de batizado de Estevão SZYNOWSKI, “nascido no dia 3 de junho em o mar”<sup>10</sup> e batizado a 25 de agosto de 1869, pelo Padre Alberto Gattone, na Colônia Príncipe Dom Pedro.

Eles viajaram, embarcando no porto de Hamburgo, na Alemanha, a bordo do navio “Victória” e um documento registra a lista com nomes dos chefes de famílias:

---

### LISTA DAS FAMÍLIAS POLACAS CHEGADAS

---

Nome	Parentes	Soma das Pessoas
Nicolau Wosch	Mulher e um menino	3
Francisco Pollok	Mulher e cinco meninos	7
Benaventura Pollok	Mulher e quatro meninos	6
Thomas Szynowsky	Mulher e dois meninos	4
Simão Purkott	Mulher e dois meninos	4
Felipo Kokot	Mulher e um menino	3
Miguel Prudlo	Mulher e dois meninos	4
Simão Otto	Mulher e três meninos	5
Domin Stempka	Mulher e um menino	3
Gaspar Gerbur	Mulher e três meninos	5
Balcer Gerbur	Mulher e sete meninos	9
Valentino Weber	Mulher e quatro meninos	6
Antonio Kania	Mulher	2
Francisco Kania	Mulher e três meninos	5

---

---

<sup>10</sup> Livro dos Batizados, Brusque, 1869. Arquivo da Curia Metropolitana, Florianópolis.

Nome	Parentes	Soma das Pessoas
A mãe do procedente com seu filho		2
Adreas Pampuch	Mulher e cinco meninos	7
Julia Wos	Solteira	1
Stephan Kachel	Solteiro	1
Josepho Purkott	Solteiro	1
Francisco Motzko	Mulher	2
<b>Total de Imigrantes Polacos .....</b>		<b>80 Pessoas</b>

Fonte: Acervo do Arquivo Público do Paraná, Curitiba.

Lista avulsa de imigrantes polacos.

Organizado por Maria do Carmo R. K. Goulart, 14.9.2000.

Nos lotes, uma série de dificuldades aguardava os imigrantes, como a mata inexplorada dos vales situados entre a Serra do Mar e a Serra Geral e a temida presença dos bugres. Além disso, havia as chuvas que, por diversas vezes, ocasionavam cheias do rio Itajaí-Mirim, como a ocorrida em novembro de 1869, seis meses após a chegada deles. A enchente causou enormes prejuízos às plantações de milho e taiá, de colonos já fixados no vale.

A colocação dos novos imigrantes deu-se em lotes da área da Colônia Príncipe Dom Pedro, que, em dezembro de 1869, era extinta como tal, tendo seu território anexado ao da Colônia Itajahy por ordem do Governo Imperial, cuja decisão foi comunicada através do Aviso nº. 16, do Ministério dos Negócios da Agricultura, de 6 de dezembro de 1869:

“Mandando que a administração da Colônia Príncipe D. Pedro fique reunida à de Itajahy e dispensando todo o pessoal da primeira.”<sup>11</sup>

Como ficaram os colonos mediante tal situação? A reunião das duas Colônias deixou muitos desgostosos e Aloisius Carlos LAUTH assinala:

*“A oportunidade ofereceu a última evasão em massa da Colônia. Os imigrantes da língua inglesa abandonaram juntos a colônia. Chegando ao Desterro solicitaram das autoridades transporte para seu torrão natal.”*<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Jornal **O Despertador**, Florianópolis, no 719, ano VII, 18/12/1869.

<sup>12</sup> LAUTH, Aloisius Carlos. **“A Colônia Príncipe Dom Pedro – um caso de política imigratória no Brasil Império”**. Brusque: mimeo, 1987, p. 86.

1869 foi o ano da chegada dos primeiros imigrantes poloneses ao Brasil como grupo (antes desse ano, há ocorrências individuais de estabelecimento de poloneses em diversos lugares)<sup>13</sup>; e é também o ano que assinala o nascimento da primeira criança polono-brasileira.

*“A menina Izabella Kokot nascida a 12 de novembro de 1869. Filha de Philippe – ou Filipo, como consta da relação oficial e de sua mulher Izabella Gerbur, ela foi batizada a 14 do mesmo mês, e teve como padrinhos Thomas Sienowski e Justina Prudlo.”<sup>14</sup>*

O ato da anexação das Colônias datava de dois meses e o Governo da Província de Santa Catarina insistia na antiga denominação, quando, a 27 de janeiro de 1870, enviou ao Diretor da Príncipe Dom Pedro, correspondência:

*“(…) autorizando a esta presidencia a mandar transferir para outras colonias do estado n’esta provincia os colonos da Principe D. Pedro que o requerem.”<sup>15</sup>*

O teor era claro: transferir para outras Colônias nessa Província – item sobremaneira ignorado por Saporski, o qual continuou interessado em seus conterrâneos; mas, dessa feita, para levá-los ao Paraná, onde ele já se encontrava. Assim, convencer os poloneses a mudarem-se passou ser meta principal de Saporski, pois estava convencido de que o Paraná seria o lugar ideal para tal fim.

A visita de Saporski aos colonos de Itajahy e Dom Pedro consta como relato, apenas, em suas **Memórias**, escrita aos 79 anos de idade, cujo original em língua portuguesa foi traduzido para o polonês em 1939, pelo Dr. Apolonuiz Zarychta, da Academia Polonesa de Ciências, e publicado em Varsóvia. Conforme Mrówcznski:

*“em nossas bibliotecas existem exemplares deste livro, embora a guerra tenha destruído a maior parte desta edição. Até agora nenhum historiador elaborou estas Memó-*

---

<sup>13</sup> WACHOWICZ, Ruy C.: **Aspectos da Imigração Polonesa no Brasil**. Revista Projeções. Curitiba: BRASPOL – Congregação SOCIEDADE DE CRISTO – CESLA. 1999, ano I, pp 10-11.

<sup>14</sup> GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **A imigração Polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro – uma contribuição ao estudo da imigração polonesa no Brasil Meridional**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1984, p. 20.

<sup>15</sup> GOULART, Maria do Carmo. **Imigração Polonesa em Brusque – um recorte histórico**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 9.

*rias' de maneira crítica. Nas 'Memórias' quase não existem datas e nomes. Por ex.: não há nenhum nome desses homens de Sixteen Lots.*"<sup>16</sup>

Saporski enviou a 22 de junho de 1870, um requerimento ao Presidente da Província de Santa Catarina, solicitando confirmação sobre a chegada, em agosto do ano anterior, de imigrantes poloneses na Colônia Brusque, bem como a lista de nomes; petição respondida através do despacho do Presidente João Correa dos Santos, a 25 de julho de 1870, atestando ser verdadeira a informação requerida. Em posse de tal documento, Saporski enviou ao Presidente da Província do Paraná, a dita lista, solicitando

“para que pudesse-lhes ser concedida a muita humilde pedida dê-lhes o transporte d’essa Província para a do Paraná”,<sup>17</sup>  
pedido indeferido em outubro de 1870.

Um ofício do Senhor João Detsi, Diretor das Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro, ao Presidente da Província de Santa Catarina, a 6 de setembro de 1870, informava:

*“(...) dirigi-me no Distrito e na residencia d’elles perante suas famílias e os perguntei se querião ir para a Província do Paraná, e se elles tinhão encarregado os dito Saporski de os procurar outra Província no Brasil e finalmente na Colonia Príncipe Dom Pedro estavam contentes e satisfeitos ou não. Todos unanimemente respoderão que Saporski os tinha trasido sempre enganados promettendo-os mundos e fundos, e que também nesta Colonia recebeo de cada um d’elles Rs. 8\$000 á 10\$000 dizendo-lhes que hia fallar com Sua Magestade Imperial, a fim de serem transportados para a Província do Rio Grande do Sul e que hoje não querem saber nada do tal Saporski por se acharem estabelecidos nos seos lotes e contentes com sua sorte. E o que cumpre informar a V. Exa. A respeito dos polacos colonos.”*<sup>18</sup>

Com relação ao teor do documento acima citado, questiona-se:

1°. Estaria o diretor João Detsi encobrendo uma história, para não admitir o fracasso de sua administração colonial?

---

<sup>16</sup> MRÓWCZNSKI, Boreslau. Carta datada de 28/4/1973, endereçada a José Ferreira da Silva, referendando a imigração polonesa em Santa Catarina. Blumenau: Arquivo José Ferreira da Silva.

<sup>17</sup> Arquivo Público do Estado, ano 1870. Curitiba, PR.

<sup>18</sup> Do Diretor das Colônias Príncipe Dom Pedro e Itajahy – João Detsi -, ao Presidente da Província de Santa Catarina, em 6 de setembro de 1870. Arquivo Sociedade Amigos de Brusque.

2°. Estariam os colonos falando a verdade, com relação ao dinheiro entregue a Saporski?

3°. Os colonos estavam insatisfeitos com Saporski, que os “tinha trazido sempre enganados”. Por que razões então Saporski insistia em levá-los a outra Província?

4°. Saporski disse-lhes que iria falar com Sua Magestade Imperial, porém não há registro oficial sobre uma possível audiência de Saporski com D. Pedro II e ele continuou atuando de maneira sistemática, embora tenha  
*“(...) sido alertado quanto ao fato de S. M. não gostar de pedidos dessa natureza”<sup>19</sup>*  
*“pois que existia um decreto sobre o estabelecimento definitivo dos colonos na Colônia Brusque (...) onde as condições eram tais que os colonos podiam aclimatar-se aí tão bem como os colonos alemães.”<sup>20</sup>*

Saporski aventou também a possibilidade de serem transportados para a Província do Rio Grande do Sul, questão que num prazo de cinco anos não lhe mais pareceria fundamental, haja vista um documento de 6 de outubro de 1876, enviado por ele ao Ministério da Agricultura, no qual expõe:

*“Sendo a tarefa da imigração polaca a mais melindrosa e sumamente ingrata, como desde o ano de 1869 a té o presente tenho experimentado, peço a V. Excia. me desculpe algumas palavras que julgo indispensáveis de dizer antes que omita a minha fraca opinião. Como V. Excia. o teria observado nas Colônias novamente estabelecidas e que prosperam sobre os auspícios de V. Excia. o colono polaco em muito difere do da raça germânica. Amante de sua pátria e de seu chão que rega com suor o polaco prefere fixar-se num lugar onde já achou sua língua ou parente, de modo que pouco se importa, ou é desconhecido entre eles o ubi bene, ibi pátria do colono germânico. A vista disto se pecaria muito se se quizesse mandar para o Rio Grande do Sul ou outra parte colonos polacos, os quais já tem parentes noutra Província.”<sup>21</sup>*

São tantas as dúvidas relacionadas com o tema, cabendo aqui nova pergunta: afinal, qual é a história dos poloneses?

---

<sup>19</sup> GOULART, Maria do Carmo R. K. **A imigração polonesa nas colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1984.

<sup>20</sup> SAPORSKI, Edmundo Vos. Memórias, in: **Anais da comunidade brasileira-polonesa**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1972.

<sup>21</sup> SAPORSKI, Sebastião Edmundo Vos. Curitiba, 16 de outubro de 1876. In.: GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. **Anotações de uma Imigrante Polonesa**. Florianópolis: Edição da Autora, 1998, pp. 39-40.

2 de janeiro de 1871. Faleceu Gaspar Purkott, na idade de um ano, e foi enterrado no Cemitério dos Polacos. Era o vínculo formando-se em torno de um local. Triste, porém centro das atenções, com uma Cruz de Pedra simbolizando a fé cristã. Atualmente a cruz está recolhida na sede da Sociedade Amigos de Brusque. É como se ficasse para sempre, decorridos 130 anos da chegada, a lembrar a passagem dos poloneses da primeira leva ao Brasil.

1871. Esse é o ano da transmigração. Contrariando ordens de Sua Majestade D. Pedro II, proibindo o deslocamento de imigrantes entre as Províncias, os poloneses fugiram de Brusque para Curitiba em setembro de 1871, ocasionando o movimento conhecido como transmigração. Para Ayres GEVAERD:

*“O processo do transporte é ignorado. Creio, como o mais lógico, a saída de todo o grupo de uma só vez, em canoas, até o Itajaí, e, desse porto em navio até Antonina. Do porto até Pilarzinho, em Curitiba, em carroças”.*<sup>22</sup>

A pé, sozinhos, de carroça, todos juntos. O transporte para o Paraná foi organizado por quem entendia de estratégia, ou seja: como atravessar uma floresta, etc. Para Edmundo GARDOLINSKI, o esforço do topógrafo Saporski, responsável pela transmigração *“assume uma projeção exagerada de “herói e mártir”.* Foi ele, sem dúvida, um *“guia seguro e decidido” – e que fez muito pelos seus compatriotas – mas não vemos razão para transformá-lo, agora, num super-homem, ou herói de outro mundo*<sup>23</sup>, em comentário por ocasião da comemoração do centenário da imigração no Paraná, em setembro de 1971.<sup>24</sup>

Uma das verdades a propósito da transmigração é a de que em nenhum arquivo dos pesquisados, até hoje, existe registro autenticando o encontro de Saporski com o Imperador, durante o qual S.M. teria dito *sim* ao movimento, autorizando levar os poloneses de Brusque, SC, para Curitiba, PR. Embora Saporski descrevesse o encontro em suas **Memórias**, não há citação quanto à data, nem desse nem de outro, possivelmente havido com o Imperador. Sabe-se do seguinte: em março de 1871, após tomar conhecimento da morte da Princesa Leopoldina, sua filha, e preocupado com a sa-

---

<sup>22</sup> GEVAERD, Ayres. Os difíceis dias da Colônia Príncipe Dom Pedro. Brusque. Boletim Notícias de “Vicente Só”. Jan./Fev./Mar./1979, a III, n.º 9, p.4.

<sup>23</sup> GARDOLINSKI, Edmundo. Porto Alegre, 21/1/1971, carta a Ayres Gevaerd. Arquivo SAB. Brusque.

<sup>24</sup> Nota da autora.

úde da Imperatriz, D. Pedro II pediu ao Parlamento permissão para viajar à Europa; partiu em sua primeira viagem àquele continente a 25 de maio de 1871, deixando como regente a princesa imperial D. Izabel, Condessa D'Eu. A 28 de setembro de 1871, o Imperador encontrava-se em Alexandria, no Egito. Como poderia ter autorizado a transmigração dos poloneses, em setembro do mesmo ano, como o querem alguns historiadores?<sup>25</sup>

Numa cópia de documento do Diretor das Colônias Príncipe Dom Pedro e Itajahy, datado de 20.10.1871, assinado pelo Senhor João Detsi, respondendo ao Presidente da Província de Santa Catarina “*á cerca da emigração de colonos da Colonia Príncipe Dom Pedro para a Província do Paraná*”,<sup>26</sup> Ayres GEVAERD – grande conhecedor da história de Brusque –, fez a seguinte anotação:

*“Desgraçadamente, o elemento de origem polonesa encontrou dificuldades nas linhas coloniais, ocupadas também por colônos italianos que se dedicavam à exploração das matas, instalando engenhos de serra. Os limites dos lotes para os donos dos engenhos eram sempre o último pé de canela ou de peroba”.*<sup>27</sup>

Limites a parte, para os poloneses o sonho continuava: três anos após sua chegada ao Paraná, encaminhavam, em 02.08.1874, um abaixo-assinado ao Presidente da Província do Paraná, Frederico Abranches, solicitando:

*“o auxilio de vinte mil reis por pessoa, visto que apenas receberão os lotes de terras sem mais auxilio algum. Os abaixo assignados, pobres e carregados de numerosa familia, estão luctando com mil difficuldades para poderem cuidar no desenvolvimento de seus estabelecimentos; pois apenas mal ganhão para o seu sustento diario, o que não aconteceria se tivessem auxilio.”*<sup>28</sup>

Pedido indeferido, pois “*não tem logar o que requerem*”. Assinado: Frederico Abranches.

Pela vez primeira, em preto-e-branco, os nomes da leva de agosto de 1869 chegados a Brusque tornam-se reais para mim, quando deparo com assinaturas de Josef Purkott, Thomas Sinowski, Felipo Kokot, Simon Otto,

---

<sup>25</sup> MOSSÉ, Benjamin. Vida de Dom Pedro II, Coleção Grandes Homens. São Paulo: Edições Cultura Brasileira S/A, s/d. tradução de Hermínio Themudo Lessa. p. 163-166.

<sup>26</sup> Arquivo SAB.

<sup>27</sup> Cópia do original em poder da SAB.

<sup>28</sup> Arquivo Público do Estado, Curitiba.

Franz Kania, Michael Prudlo, Franzissek Polak, Nicolau Wosch, Walentim Weber, Benaventura Pollok, Simon Purkott, Stephan Cahel.

Continuo acreditando que existam outros documentos esclarecedores a respeito da transmigração dos poloneses de Brusque, Santa Catarina, em agosto de 1869, para o rocio de Curitiba, no Paraná, em setembro de 1871, constituindo-se, no futuro, em novos capítulos na história da imigração polonesa para o Brasil.



**Grupo Folclórico Polonês “Nova Nadzieja”  
(Paraná) em seu traje típico**

### Carnaval em Blumenau

TEXTO:

GRETE  
BAUMGARTEN  
MEDEIROS\*



Blumenau nunca foi uma cidade carnavalesca, embora também em algumas cidades da Alemanha, terra natal de grande parte dos blumenauenses, se festeje o carnaval. Aqui em Blumenau era comemorado quase só nos salões de baile. O clube que oferecia estes bailes era o Clube Náutico América. Os salões eram muito procurados, as praias ainda não estavam tão em moda nos anos 30. Por incrível que pareça, as famílias que lá veraneavam voltavam a Blumenau para tomar parte dos festejos. Vamos lembrar um pouco este carnaval do passado. Usavam-se muitas fantasias, as mais diversas. Serpentinhas, confetes e muito lança-perfume. Seu uso era livre até para as crianças. Destacaram-se as marcas Colombina e Rodo. Colombina vinha em frascos de vidro em vários tamanhos, mas causadores de não raros acidentes, como ocorreu com nosso amigo, que trazia um frasco em cada bolso traseiro e caiu sentado no chão. Apalmeu então o lança-perfume Rodo Metálico, que era mais seguro. Travavam-se verdadeiras batalhas de confete e lança-perfume, brincadeiras inocentes como atingir os olhinhos das meninas. Ninguém podia imaginar que algum dia fosse proibida essa brincadeira gostosa e cheirosa.

No mês de janeiro, os jovens amigos e amigas se reuniam para a formação de blocos. Era preciso escolher que fantasia usar e conhecer as novas marchinhas para os devidos ensaios. Talvez fosse esta a melhor parte! A entrada no salão também era muito importante. Na porta do clube era avisado que havia chegado mais um bloco que pedia a entrada com determinada marchinha. O salão

\*) Colaboradora da Revista Blumenau em Cadernos.

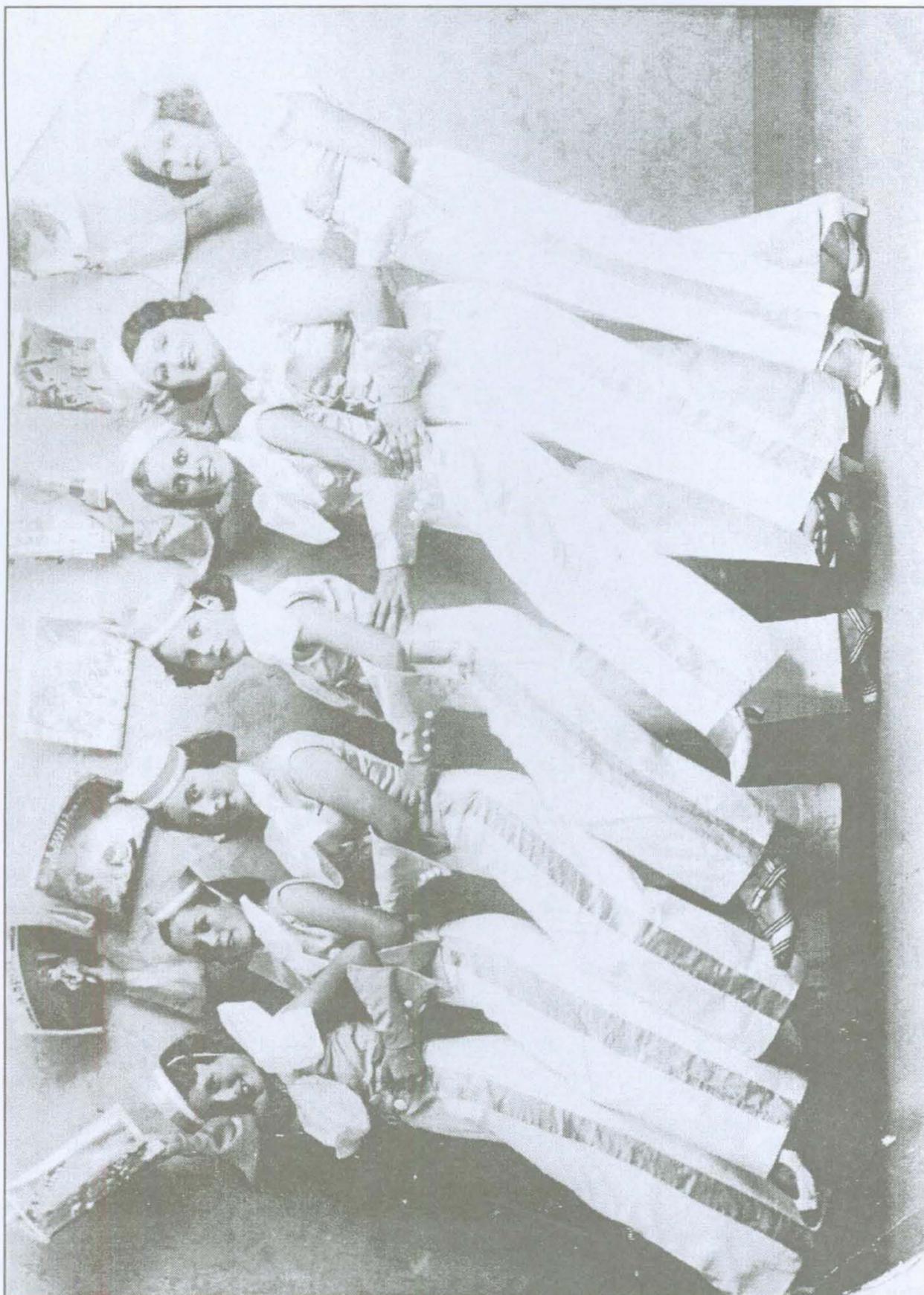
esvaziava-se e o bloco liberado para entrar no salão e fazer suas evoluções. Os bailes amanheciam, apesar de começarem às 20:00hs. No Clube América, os músicos eram rapazes da terra. Alguém se lembra dos irmãos Schefer? O grupo Ahi Hein? Em 1934 destacou-se o Bloco dos Granadeiros pela animação e luxuosa fantasia e em 1935 foi escolhida uma Rainha do Carnaval, que fazia parte do Bloco dos Ciganos, composto por 20 pares, com fantasias adequadas. Havia também foliões já conhecidos, pois todos os anos apareciam com a mesma indumentária. Estas figuras já faziam parte dos festejos. Na época era distribuído um jornal humorístico, com muita fofoca. Este jornal patrocinava um baile no salão do Ginástica, hoje pertencente ao complexo Pedro II. O nome do jornalzinho era “Die Schnauze” (Boca Grande).

Todos os anos apareciam novas marchinhas de Carnaval nos salões de Blumenau. Algumas marcaram muito como: “Teu cabelo não nega”, “O pão maior do mundo”, “Ride palhaço”, “Vestiu a camisa amarela”, “Arrasta sandálias ali morena”. Em 1934 o grande sucesso foi a “Loirinha dos olhos azuis de cristal”, “Loura queridinha” e outras mais. Também este ano, por incrível que pareça foi lançado em pleno salão o hoje tão cantado “A-noiteceu... o sino gemeu”. Acertadamente hoje, tocado nos festejos natalinos. Carnaval de rua quase não existia, como até hoje não existe. Em tempos passados os carros particulares na ferça-feira à tarde, desfilavam pela rua XV de Novembro, enfeitados com confete e serpentina. O comércio fechava ao meio-dia. Era o último dia dos festejos. Os bailes também tinham sua última noitada. Quando o relógio marcava meia noite impreterivelmente terminava tudo. Os músicos fechavam seus instrumentos. Tudo em respeito à Quaresma que começava com a Quarta-feira de Cinzas. Carnaval daqueles tempos era quase uma festa das famílias, todos os sócios dos clubes se conheciam. Para mim deixou saudades. Será que antigamente era sempre melhor? Ou nós éramos mais jovens?

*Legenda foto p. 101:*

**Carnaval em Blumenau (1934). Grupo de moças com fantasias de recepcionistas de Hotel.**

*Esq. para dir.:* 1) Grete Baumgarten; 2) ...; 3) ...; 4) Srta. Barcellos; 5) Nair Borba; 6) Nair Olinger; 7) Marlen Brodersen.

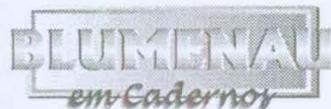


## Pesquisas & Pesquisadores

### Enchentes no Vale do Itajaí: obras de con- tenção

TEXTO:

**NILSON CESAR  
FRAGA\***



*“A história do Vale do Itajaí está marcada pela presença do rio Itajaí-Açu, assim como a do Egito está pelo rio Nilo. “Ele é anterior a toda e qualquer cultura, seja indígena ou germânica”, destaca o poeta Denis Radünz. “Sua lapidação geológica iniciou há mais de 200 milhões de anos e a atual configuração foi formatada nos últimos 10 mil anos”, explica o professor de geologia e paleontologia da Universidade Regional de Blumenau (Furb), Juarez Aumond Filho. “O rio Itajaí tem mais de mil reflexos”, diria o poeta Lindolf Bell.”*  
(Guarim Liberato Júnior, JSC, 10/11.10.1999)

Ao longo da história da humanidade, até hoje, nenhuma das grandes nações desde a antiguidade, deixou de dar importância aos problemas do saneamento, sob os mais diversos aspectos. Evidentemente as soluções foram tomadas segundo os recursos de cada época, mas atingiam proporções que nos surpreendem pela grandiosidade.

No Egito, por exemplo, o famoso Lago Moeris, construído cerca de 2000 a.C. constituiu um vasto reservatório que acumulava e distribuía água para abastecimento das cidades e para irrigação. Era o maior dos reservatórios do Vale do Nilo, onde viviam milhões de pessoas, mantendo uma civilização evoluída. Os Vales do Tigre e do Eufrates, hoje quase desertos, foram no passado densamente povoados. Há quatro mil anos passados, os governadores da Assíria e da Babilônia haviam con-

---

\*) Professor Colaborador do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná – UFPR. Licenciado em Geografia (UDESC/1997); Bacharel em Geografia (UEM/1999) e Mestre em Geografia (UEM/CAPES/2000).  
[ncfraga@geog.ufpr.br](mailto:ncfraga@geog.ufpr.br) – [nilsoncesarfraga@hotmail.com](mailto:nilsoncesarfraga@hotmail.com)

vertido aqueles vales e planícies vizinhas em terras de alta produtividade pela construção de imensos lagos artificiais. Um desses canais, o Nahranan, alimentado pelo rio Tigre, tinha cerca de 600 km de comprimento com 60 a 120 metros de largura e profundidade suficiente para a navegação da época.<sup>1</sup>

Outros exemplos de obras deste tipo poderiam ser apontados na Índia e na China, muitos séculos antes da era cristã. Os romanos, em época mais recente, deixaram marcas de grandes mestres na especialidade. Nos Estados Unidos, no Arizona e no Novo México, foram encontrados vestígios de importantes obras de adução d'água para diversos fins; também no baixo México, na América Central e norte da América do Sul.<sup>2</sup>

A purificação da água para torná-la potável é uma prática antiga de milhares de anos, quando se colocava *alumem* nos vasos com água para clarificá-la. No próprio Egito, a despeito da fertilidade trazida pelas inundações anuais do Nilo, a umidade do solo era insuficiente, obrigando a implantação de um sistema de canais de drenagem e irrigação. Enfim, a intenção dos governos, a perícia matemática, a habilidade e a arte da engenharia, o necessário e indispensável espírito comunitário, somados, na execução desses projetos, foram de vital importância para a alimentação das populações e as conquistas da civilização.<sup>3</sup>

Exemplos extraordinários da nossa época são as obras de saneamento e irrigação de Israel, transformando desertos em áreas férteis e produtivas.

No Brasil, a história do saneamento está diretamente ligada à própria história do extinto Departamento Nacional de Obras e Saneamento – DNOS. No início era a Comissão da Baixada Fluminense, subordinada à Ex-Inspetoria Federal de Portos, Rios e Canais, que tinha como objetivo a recuperação dos terrenos da referida baixada, alagados pelo transbordamento dos rios obstruídos e transformados em terríveis focos de malária, que ameaçavam o Rio de Janeiro.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> MAIOR, A. Souto. **História Geral**. São Paulo: Ed. Nacional, 1978, 476p.

<sup>2</sup> PEDRO, Antônio & CÁCERES, Florival. **História Geral**. São Paulo: Moderna, 1982, 351p.

<sup>3</sup> TAPAJÓS, Vicente. **História Geral**. São Paulo: Lisa, 1978, 306p.

<sup>4</sup> FELIZARDO, Joaquim J. **História Nova da República Velha: do manifesto de 1870 à revolução de 1930**. Petrópolis: Vozes, 1980, 108p.

Com a rescisão do contrato da Companhia de Melhoramentos da Baixada Fluminense, a Comissão foi extinta e o equipamento foi aproveitado pelo Ministério da Justiça, no Governo de Washington Luiz, para auxiliar os trabalhos de profilaxia contra malária, executados pela Diretoria de Saneamento Rural. Na gestão de José Américo, no Ministério da Viação, a comissão foi reconstituída e depois transformada em Departamento, com atividades em todo o Território Nacional, independente do Departamento de Portos. Pois não era só a Baixada Fluminense que se apresentava alagadiça e insalubre. A maioria das baixadas do litoral brasileiro necessitava de obras que os Estados não tinham condições de realizar. Trinta anos depois do governo de Washington Luiz surge a autarquia DNOS, através da Lei n. 4089, de 13 de julho de 1962. O Decreto Lei nº. 72.872, de 3 de outubro de 1973, modificou a estrutura básica do DNOS, fixando as diretrizes básicas: proteção contra secas e inundações e regularização de regime de cursos de água.

No Estado de Santa Catarina, o DNOS foi instalado, inicialmente como *residência*, em princípios de 1948. A Lei nº. 2.395, de 11 de janeiro de 1955, sancionada pelo Presidente Café Filho, criava a Jurisdição do 14º DNOS/SC.<sup>5</sup> As obras executadas pelo DNOS em Santa Catarina foram inúmeras, sendo apenas destacadas as mais importantes e vultuosas do Vale do Itajaí.

Considerando as características do Vale do Itajaí, estudos atinentes às enchentes na bacia julgaram como de maior necessidade a redução das descargas máximas do rio Itajaí-Açu e dos seus principais afluentes, o que, a *priori*, já constituía objetivo principal dos estudos.

A redução consistia na retenção e retardamento de grandes volumes d'água nas enchentes periódicas. Para este fim foram localizados e estudados diversos represamentos que, em conjunto, destinam-se a acumular o excesso de vazão prejudicial de cada onda de cheias, da qual o vale está constantemente ameaçado. A defesa contra as enchentes foi uma das funções dos represamentos. Seriam destinados ainda, a regularização de descargas, com aproveitamento hidroelétrico em outros locais situados à jusante, eleitos para tal finalidade.

---

<sup>5</sup> DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS E SANEAMENTO - DNOS/14ª DR. **Inventário dos Estudos e Projetos Existentes e Obras Executadas.** Florianópolis, março/1990. (mimeo).

*“Desde os primeiros estudos, ficou decidido que a proteção não deveria ficar restrita a determinadas áreas, mas, que se deveria promover o benefício a todo o vale. A colonização no Itajaí desenvolveu-se ao longo dos rios e junto às suas margens, onde os núcleos se transformaram em cidades que por sua vez se interligaram através das estradas, lançadas, também nos talwegues, cujas condições topográficas obrigaram a uma maior proximidade entre os leitos da estrada e do rio. As soluções clássicas de alargamento da calha do rio e/ou indicamento para aumentar as seções de vazão e apressar o escoamento não poderiam ser abandonadas, portanto, tendo em vista a forma de ocupação do vale. Tornou-se obrigatório o estudo de locais nas cabeceiras dos rios formadores do Itajaí-Açu e no Itajaí Mirim, onde fosse possível acumular o excesso da água causadora das inundações nos trechos rio abaixo (jusante). O passo seguinte foi a escolha dos chamados locais de barramento, onde em primeiro lugar deveria haver condições geológicas adequadas para o assentamento do maciço de uma barragem, com características de qualidade para garantir além de boa estabilidade, relativa estanqueidade. Deveria apresentar, também, uma bacia de acumulação tal, que o volume retido atrás do maciço (montante) fosse o desejado, suficiente para não haver transbordamento da calha do rio à jusante. Haveria, ainda, o problema de economicidade do empreendimento, pois as áreas a serem propositadamente alagadas para fazer a retenção seriam as várzeas, que são as terras mais valorizadas.”<sup>6</sup>*

A locação das barragens foi influenciada principalmente pela necessidade de proteger certas regiões contra inundações, também, pelas possibilidades topográficas e geológicas. O objetivo era não somente proteger os terrenos situados nas imediações das cidades de Blumenau, Indaial e Gaspar, mas também não deixar sem serem consideradas outras partes do vale que, do mesmo modo, sofrem as conseqüências de enchentes.

No trabalho foram consideradas cinco zonas, sendo duas principais e três secundárias: a primeira zona na parte alta da bacia, compreende os terrenos situados nas margens do rio Itajaí do Oeste, no trecho entre a cidade de Taió e Rio do Sul, e mais todos os terrenos marginais do rio Itajaí-Açu à jusante de Rio do Sul (cidade). O comprimento desta zona, contado ao longo dos rios, é de aproximadamente 90 km; a segunda zona, situada na parte baixa da bacia, nas margens do rio Itajaí-Açu, à jusante da cidade de Indaial, acompanha o rio até a cidade de Gaspar ou mais à jusante. A extensão da faixa é maior do que a primeira zona (30-40 km aproximadamen-

---

<sup>6</sup> MINISTÉRIO DO INTERIOR. DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS E SANEAMENTO. **A defesa do Vale do Itajaí contra as enchentes.** Blumenau: A-DESG/DNOS, 20.06.1975, pp. 4-5.

te), mas os terrenos marginais deste trecho e as cidades e vilas das imediações mereceram atenção devido ao grande desenvolvimento econômico; a terceira zona compreende a faixa do rio Itajaí do Norte, à jusante de Barra do Rio Dollmann até as proximidades da cidade de Ibirama. A extensão da faixa é de 25 km aproximadamente; a quarta zona, compreende a faixa do rio Benedito na sua parte baixa, situada nos municípios de Timbó e Rodeio. Extensão aproximada é de 20 km; a quinta zona, situada ao longo do rio Itajaí-Mirim fica nas imediações e à jusante da cidade de Brusque. A extensão impossível é impossível de determinar, pois, não se dispunham à época dos dados necessários.

Pode-se dividir o plano de defesa contra inundações em duas partes bem distintas:

- Plano de retenção para o Vale do Itajaí-Açu, incluindo todos os afluentes onde haja inundações ou que influam na formação de enchentes catastróficas na parte baixa da bacia, isto é, na região das grandes cidades;

- Plano de retenção para o Vale do Itajaí Mirim, o qual não influi no regime fluvial do rio principal – o Itajaí-Açu.

*“Permaneceu para ser executada a primeira parte do projeto que seriam as barragens de retenção assim localizadas: a Barragem Oeste, 4 km à montante da cidade de Taió no rio Itajaí do Oeste; a Barragem Sul, no Itajaí Sul, 15 acima de Ituporanga; a Norte, no rio Hercílio, 30 km distante de Ibirama, junto à Barra do Rio Dollmann e, ainda, as barragens do rio Itajaí-Mirim, situadas a 15 km da vila Botuverá (montante) e do rio Benedito, próximo a Benedito Novo. Esta última cedo foi eliminada por concluir-se que a simples retificação do traçado deste rio eliminaria os problemas das enchentes locais, e a retenção pouca contribuição traria na redução da descarga do Itajaí-Açu.”<sup>7</sup>*

Para satisfazer à exigência de proteger contra inundações, considerou-se que os reservatórios trabalhariam em conjunto, interligados por meio de perfeita comunicação. Para o projeto de controle das enchentes na bacia foi tomada por base a enchente do mês de agosto de 1957, pois as anteriores não possuíam dados necessários à execução dos estudos. Esta enchente provocou inundações catastróficas em todo o vale, inundando sobretudo

---

<sup>7</sup> MINISTÉRIO DO INTERIOR. DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS E SANEAMENTO. **A defesa do Vale do Itajaí contra as enchentes.** Blumenau: A-DESG/DNOS, 20.06.1975, pp. 4-5.

uma grande parte da cidade de Blumenau. Para tal contribuíram, simultaneamente, todos os afluentes do Itajaí-Açu.

O controle das cheias, através das barragens Oeste, Sul e Norte, consiste apenas na retenção das águas nos reservatórios na fase ascendente da onda de cheia e o esvaziamento dos volumes retidos na fase descendente. Como não existe estabelecimento com segurança das épocas das enchentes, os reservatórios devem ser mantidos vazios, de forma a terem condições de controlar a descarga irregular dos rios.

A bacia hidrográfica do Itajaí é de quase 15.000 km<sup>2</sup>. As barragens controlam um total de 4.332 km<sup>2</sup>. De acordo com os critérios tradicionais para este tipo de obras, o controle de 30% da área, que é o caso, pode ser considerado razoável.

*“O controle que as obras apresentam tem um alcance de 30%, conforme dissemos. Nestas condições, quando as chuvas começarem a encorpar o volume dos rios, o que pode ser facilmente verificado por meio de réguas, os registros ou comportas dos condutos existentes nos maciços serão fechados, impedindo qualquer passagem da água. Ora, a bacia hidrográfica do Itajaí cuja área é de quase 15.000 km<sup>2</sup> passará a ser apenas 10 mil para efeito de contribuição (considerando-se como referência à cidade de Blumenau), enquanto os vertedores não trabalharem. Logo que cessarem as chuvas e os níveis dos rios baixarem, as acumulações feitas pelo fechamento dos condutos nas barragens serão esvaziadas o mais rapidamente possível, para haver condição favorável no recebimento de uma segunda onda de cheia. Pode-se deduzir, portanto, ou as enchentes mais perigosas ou mais difíceis de serem controladas serão aquelas que se formam durante um período mais prolongado. Ou pior ainda, aquelas cujo pique ocorra muitos dias de chuva. Quando isto acontece, o pique, isto é, o ponto mais alto das descargas, encontrará o reservatório cheio. Mesmo assim, a passagem pelos vertedores das barragens terá um efeito atenuador. Recentemente, na análise hidráulica e hidrológica na bacia do Itajaí, elaborada quando do projeto da Barragem Norte, simulou-se o efeito das três barragens na redução das descargas registradas em Apiúna e respectiva correspondência nos níveis do rio na cidade de Blumenau. (...) Ao concluir, não poderemos afirmar categoricamente que o complexo das obras do vale do Itajaí evitará toda e qualquer inundação; tratando-se de eventos meteorológicos naturais, seria por demais ousada uma afirmação desta natureza.”<sup>8</sup>*

---

<sup>8</sup> MINISTÉRIO DO INTERIOR. DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS E SANEAMENTO. **A defesa do Vale do Itajaí contra as enchentes**. Blumenau: A-DESG/DNOS, 20.06.1975, pp. 13-14.

O Vale do Itajaí é uma das regiões mais férteis do Estado de Santa Catarina e do Brasil; detém uma alta renda per capita e vem sofrendo periódicas enchentes catastróficas, que trazem imensos prejuízos à sua economia, desde a colonização, no século XIX.

Em 1957, foi constituído um grupo de trabalho, integrado pelos engenheiros Camilo de Menezes, Gilberto Canedo de Magalhães, Silvio Guedes, Jorge de Melo Flôres, Thiers de Lemos Fleming, Carlos Krebs Filho, Wilmar Orlando Dias, que inicialmente fez levantamento da estrutura sócio-econômica do Vale do Itajaí.

A primeira reunião ocorreu em Blumenau, no dia 28 de setembro de 1957, quando o grupo de trabalho ainda não era oficial. Nesse mesmo ano firmou-se contrato na presença dos engenheiros Oscar Machado da Costa e Ivan Pakrowsky, para que as empresas Machado da Costa S.A. e Engenheiros e Consultores Economistas Sociedade Civil Ltda. procedessem a estudos no Vale do Itajaí.

O escritório Machado da Costa S.A. ficou encarregado dos estudos que visavam determinar as possibilidades do rio Itajaí e de seus afluentes principais. Esses estudos deveriam discorrer sobre obras destinadas ao controle de enchentes, à produção de energia elétrica, à navegação fluvial e à irrigação de algumas áreas do Vale. Já o escritório da Engenheiros e Consultores Economistas Sociedade Civil Ltda. ficou incumbido da execução dos estudos geoeconômicos do Vale do Itajaí.

Desde o início dos estudos das possibilidades de construir obras para diminuir os efeitos das enchentes no Vale, houve uma forte pressão da sociedade e das autoridades locais para apressar a conclusão dos projetos e iniciar rapidamente a construção das obras.

*“Sabemos que todos gostariam que houvesse maior rapidez dos diversos estudos e que, hoje, o nosso projeto já estivesse concluído e mesmo algo mais visível como uma construção de barragem já estivesse iniciada. Concordamos que isso seria ótimo, mas, infelizmente esses estudos iniciais demandam certo tempo que não podemos evitar e que temos que aceitar como uma decorrência obrigatória do tipo de trabalho que estamos realizando”.*<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Palestra do Dr. Camilo de Menezes/DNOS, realizada em Blumenau no dia 12.06.1959, constante no livro de atas do DNOS. Obteve-se apenas fragmentos desse documento; os originais não foram encontrados.

O grupo de trabalho foi autorizado pelo Conselho de Desenvolvimento da Presidência da República a executar os estudos da bacia hidrográfica, por meio do Decreto no. 42.427, de 07 de outubro de 1957 (D.O. 09/10/1957), cuja finalidade era acelerar o desenvolvimento econômico da bacia do Itajaí. O início do grupo de trabalho ocorreu em 29 de outubro de 1957.

O grupo conseguiu uma emenda no Senado Federal para que, em 1958, o DNOS recebesse recursos a fim de acelerar os serviços. Conseguiu, também, que o Presidente da República desse autorização para se firmarem os contratos de estudos sem concorrência pública.

Nos primeiros estudos elaborados pelo grupo e pelas empresas contratadas sem licitação pública, pelo Governo Federal, ficou prevista a construção de sete barragens no Vale do Itajaí, sendo cinco para retenção das enchentes e duas destinadas ao aproveitamento das águas para produção de energia hidrelétrica.

### Quadro 1

#### Dados das Barragens projetadas no Vale do Itajaí

---

BARRAGEM NORTE (retenção)	210 milhões m <sup>3</sup> acumulação
BARRAGEM OESTE (retenção)	110 milhões m <sup>3</sup> acumulação
BARRAGEM SUL (retenção)	85 milhões m <sup>3</sup> acumulação
BARRAGEM BENEDITO (retenção)	12 milhões m <sup>3</sup> acumulação
BARRAGEM MIRIM (retenção)	7 milhões m <sup>3</sup> acumulação
BARRAGEM SUBIDA (hidrelétrica)	95 milhões m <sup>3</sup> acumulação
BARRAGEM RAFAEL (hidrelétrica)	12 milhões m <sup>3</sup> acumulação

---

FONTE: Departamento Nacional de Obras e Saneamento-DNOS. 1959. Dados dos Relatórios Anuais.

Não se duvida que esse tenha sido um dos maiores projetos regionais do Governo Federal - se incluir as retificações de cursos d'água, diques, dentre outros. Isso antes do "milagre brasileiro" da década de 70. Nesse projeto original, detalhado no quadro 1, ocorreram várias alterações no decorrer das obras e nas finalidades iniciais. A maioria das barragens tinha finalidades múltiplas:

### Quadro 2

#### Finalidades das Barragens projetadas no Vale do Itajaí

BARRAGEM NORTE	retenção	irrigação	regularização
BARRAGEM OESTE	retenção	irrigação	-
BARRAGEM SUL	retenção	-	-
BARRAGEM BENEDITO	retenção	irrigação	regularização
BARRAGEM MIRIM	retenção	-	-
BARRAGEM SUBIDA	retenção	eletrificação	regularização
BARRAGEM RAFAEL	regularização	eletrificação	-

FONTE: Departamento Nacional de Obras e Saneamento-DNOS. 1959. Dados dos Relatórios Anuais.

Estudos posteriores indicaram a inviabilidade da construção das barragens de eletrificação e também ficou decidido que não se construiriam as do rio Itajaí-Mirim e do Benedito, optando-se pela retificação dos meandros destes rios. Assim sendo, decidiu-se pela conclusão das três barragens restantes: Oeste, em Taió, iniciada em 1963 e concluída em 1972; Sul, em Ituporanga, iniciada em 1964 e concluída em 1975; e a Norte, em José Boiteux, iniciada em 1976 e concluída em 1992, inclusive a execução de várias canalizações, dragagens e diques.

Nos próximos volumes desta *Revista Blumenau em Cadernos*, serão descritos e analisados os processo de construção das barragens de Taió, Ituporanga e José Boiteux.

#### Referências Bibliográficas e de Apoio:

- AB'SABER, A. N. Blumenau: idéias e conhecimentos para um futuro plano diretor. Blumenau: **Revista Blumenau em Cadernos** (Fundação Cultural de Blumenau). Tomo XL, n. 01, jan. 1999, pp. 19-52.
- BRITO, F. S. R. **Defesa contra inundações**. Porto Alegre: Imprensa Nacional, 1926, 83p.

- BUTZKE, I. C. **Ocupação de áreas inundáveis em Blumenau (SC)**. Rio Claro: Dissertação [Mestrado]. Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, 1995, p. 220.
- COLTRINARI, L. De rios e homens. São Paulo: **AGB Informa** (Encarte Especial). Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2 trimestre, n. 61, 1996, p.7.
- CORDERO, A. As enchentes de Blumenau de 1992. Blumenau: **Revista de Divulgação Cultural**, a. 17, n. 55, maio/ago., 1994, pp. 38-42.
- COSTA, A. J. S. T. Mudanças no comportamento hidrológicos de bacias de drenagem em função no processo de urbanização na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Gráfica UERJ. **Geo UERJ – Revista do Departamento de Geografia**, n. 3, jul./1998, pp. 67-82.
- CRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia Fluvial**. São Paulo: Edgard Blücher. 1988, 313p.
- FEDERATIVE REPUBLIC OF BRAZIL. Government of the State of Santa Catarina. **Global and Integrated Defense Project Against Floods. Hydrographic Basin Ecosystem of the Itajaí-Açu River**. Final Report/Main Report. Part II-Feasibility Study. Tokyo, Japan International Cooperation Agency. January, 1988 (3) – [Blumenau-Gaspar Stretch].
- FELIZARDO, Joaquim J. **História Nova da República Velha: do manifesto de 1870 à revolução de 1930**. Petrópolis: Vozes, 1980, 108p.
- FRAGA, Nilson Cesar. **AS ENCHENTES NO VALE DO ITAJAÍ, SC: das obras de contenção à indústria da enchente**. Maringá: Dissertação [Mestrado]. Departamento de Geografia, UEM, 2000, 302p.
- FRAGA, N. C. & GOULART, M. C. R. K. **VALE DOS ÍNDIOS, VALE DOS IMIGRANTES**. Blumenau: Editora Cultura em Movimento, 2000, 244p.
- FRAGA, N. C. & SANTOS, M. **“Obras por mais de uma década” Estudos do processo de construção da Barragem Norte no muni**

- MINISTÉRIO DO INTERIOR. DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS E SANEAMENTO. **A defesa do Vale do Itajaí contra as enchentes**. Blumenau: ADESG/DNOS, 20.06.1975, s/p.
- PEDRO, Antônio & CÁCERES, Florival. **História Geral**. São Paulo: Moderna, 1982, 351p.
- TAPAJÓ S, Vicente. **História Geral**. São Paulo: Lisa, 1978, 306p.
- TUCCI, C. E. M. (org.) **Hidrografia: Ciência e Aplicação**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS e Ed. Da USP, 1993. p. 626.
- \_\_\_\_\_ **Avaliação do impacto dos estudos de controle de enchentes na bacia do rio Itajaí**. Porto Alegre: Relatório preparado à JICA, 1993
- TUNDISI, J. G. Ambiente, Represas e Barragens. São Paulo: **Ciência Hoje**, v. 5, n. 27, nov./., 1986, pp. 48-54.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – GRUPO DE TRABALHO DE HIDROGRAFIA/GTHIDRO. **As Enchentes de Julho/1983 e a busca de soluções**. Florianópolis: Relatórios de Atividades – inéditos, 1984.
- VIDOR, V. & THEIS, I. M. Industrialização, urbanização e degradação do meio ambiente: o caso do Vale do Itajaí. Blumenau: **Revista de Divulgação Cultural**, n. 45, pp. 99-102.
- WAIBEL, L. **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE (Conselho Nacional de Geografia), 1958, 307p.

- MINISTÉRIO DO INTERIOR. DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS E SANEAMENTO. **A defesa do Vale do Itajaí contra as enchentes**. Blumenau: ADESG/DNOS, 20.06.1975, s/p.
- PEDRO, Antônio & CÁCERES, Florival. **História Geral**. São Paulo: Moderna, 1982, 351p.
- TAPAJÓ S, Vicente. **História Geral**. São Paulo: Lisa, 1978, 306p.
- TUCCI, C. E. M. (org.) **Hidrografia: Ciência e Aplicação**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS e Ed. Da USP, 1993. p. 626.
- \_\_\_\_\_ **Avaliação do impacto dos estudos de controle de enchentes na bacia do rio Itajaí**. Porto Alegre: Relatório preparado à JICA, 1993
- TUNDISI, J. G. Ambiente, Represas e Barragens. São Paulo: **Ciência Hoje**, v. 5, n. 27, nov./., 1986, pp. 48-54.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – GRUPO DE TRABALHO DE HIDROGRAFIA/GTHIDRO. **As Enchentes de Julho/1983 e a busca de soluções**. Florianópolis: Relatórios de Atividades – inéditos, 1984.
- VIDOR, V. & THEIS, I. M. Industrialização, urbanização e degradação do meio ambiente: o caso do Vale do Itajaí. Blumenau: **Revista de Divulgação Cultural**, n. 45, pp. 99-102.
- WAIBEL, L. **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE (Conselho Nacional de Geografia), 1958, 307p.

## Crônicas do Cotidiano

---

### - Cheiro de Goiaba - Férias no Sul

TEXTO:

URDA ALICE  
KLUEGER\*



## CHEIRO DE GOIABA

No finalzinho de 1959, meu pai trouxe-nos de volta para Blumenau, depois de termos morado por quase quatro anos em Balneário de Camboriú. Com as confusões que uma mudança acarreta, meus pais perderam a data de matrícula na escola onde eu deveria estudar, e só houve um jeito de eu não perder o ano: fui matriculada junto com o Primeiro Ano Repetente, na Escola São José, das queridas Irmãs da Providência de Gap, no bairro do Garcia, em Blumenau.

Eu estava assustadíssima naquele dia primeiro de março de 1960, quando me encaminhei para a escola, acompanhada da minha prima Ruth. Usava uniforme novo em folha, e minha mãe havia costurado para mim uma linda pasta de pano vermelho. Naqueles idos, ia-se descalço para a escola. Havia bem uns quatro quilômetros para andarmos, e o fizemos passando por dentro de todas as poças de lama que encontramos pelo caminho, e brincamos de deslizar na lama, até que, numa das tentativas, eu dei a maior escorregada e quase que me espatifo dentro de poça colossal. Tremi nas bases : o que aconteceria se tivesse caído na lama, e chegasse toda suja na escola? Fiquei ainda mais assustada, e me grudei na Ruth, já veterana do segundo ano.

Tudo era novidade, na escola. Minha primeira professora, a querida Dona Maria Pisa, não sabia que havia uma aluna novata na sua turma problemática. Quando digo que a turma era problemática é porque era mesmo – tinha moças e moços na sala, que repetiam o primeiro ano pela sétima, oitava vez.

---

\*) Escritor e advogado.

Alguns deles abandonaram a escola pelo meio do ano, pois haviam completado 14 anos e tinha chegado a sua hora de irem para a fábrica, destino de quase todos no nosso bairro operário.

Achando que todos os alunos eram repetentes e sabiam das coisas, Dona Maria Pisa não deu as informações que se dão aos novatos e, quando bateu o sino para o recreio e a turma se jogou porta à fora, eu achei que era para ir para casa. Rapidamente, recolhi meus cadernos na pasta vermelha, e descí as escadas junto com todo o mundo.

Como riram de mim! Formou-se um círculo à minha volta, a gozar da minha cara pela gafe, naquela crueldade ingênua que é tão peculiar às crianças. Minha prima Ruth me acudiu, e então alguém reparou na minha pasta vermelha - ninguém tinha uma pasta assim, todos tinham pastas de couro marrom, e a gozação recomeçou.

Foi um começo bem traumático, mas logo passou. Em poucos dias eu estava escrevendo direitinho, desenhando direitinho, fazendo as lições direitinho. Por estar junto com os repetentes, não tive cartilha - recebi, logo, um primeiro livro de leitura, que li de cabo a rabo no primeiro dia, ao contrário dos outros colegas, que não terminaram de lê-lo até o final do ano. Creio que, até o fim de março, já estava mais que ambientada na escola, e tenho a maior saudade daquele tempo de março, quando a sala de aulas rescendia à goiaba.

Todos levávamos lanches, grandes sanduíches de lingüiça ou de banana frita, envoltos em guardanapos de pano, pois o papel era raro e o plástico ainda não surgira nas nossas vidas. Havia quem levasse garrafinhas de café, e bananas, e batatas assadas, e ovos cozidos, mas o ingrediente mais fiel nas nossas merendas, no começo do ano letivo, eram as goiabas, as grandes goiabas verdolengas que todos podiam apanhar nos fundos das próprias casas. Quarenta alunos carregando goiabas nas pastas impregnava o ar da sala de aulas de um enjoativo e maravilhoso cheiro de goiaba. Eu associei para sempre aquele cheiro delicioso aos marços na escola. Por estes dias, ganhei uma linda goiaba verdolenga, e cheirei-a enlevada: ela me trazia, à primeira cheirada, todos os outros cheiros, o de cadernos novos, o de lápis recém-apontados, o da tinta com que o livro de leitura fora impresso, os cheiros de um passado feliz. Tantos anos depois, o aroma de uma goiaba é capaz de me botar de volta numa sala de aula do passado, e de me fazer lembrar da minha pasta vermelha e dos vexames do primeiro dia de aulas.

Para quem está curioso com o final da minha aventura, eu conto : passei a perna em todos os repetentes; fui a primeira aluna da sala. Tive a maior das surpresas quando, no final do ano, a Irmã Diretora me mandou em casa, buscar sapatos, para fazer parte da foto que iria ser tirada com os melhores alunos do colégio. Guardo tal foto com o maior carinho - eu acho que ela tem um pouco de cheiro de goiaba.

### FÉRIAS NO SUL

Faz pouco mais de um ano que, numa mostra de cinema, revi “Férias no Sul”, filme feito em Blumenau na década de sessenta, e que na época causou um frenesi na cidade.

Vivíamos, naquele tempo do passado, sob a égide do cinema – a televisão demoraria muito, ainda, para chegar por aqui – na verdade, as pessoas só acabaram comprando televisão para a Copa do Mundo de 70. Assim, nos anos sessenta, o divertimento preferido de quase todo o mundo era ir ao cinema, ao cinema que nos trazia Brigitte Bardot e o Capitão Custer matando índios, além de far-west famosos, como Django e o Dólar Furado, e o Agente 007, e por aí vai afora. Ir ao cinema era o máximo, era ir à mais maravilhosa das fábricas de fantasias – imaginem o que foi saber-se que aqui, na nossa provinciana Blumenau, iria ser rodado um filme de verdade. Um filme que seria visto por todo o Brasil!

O primeiro frisson foi das pessoas que queriam aparecer no filme: todos queriam, e não sei como é que os diretores do mesmo fizeram para chegar à seleção dos que poderiam ou não ir para a tela. Vendo o filme, agora, diverti-me um monte vendo a antiga juventude blumenauense, hoje transformada em gente sisuda e responsável, a fazer “pontas” no filme, compenetradíssimos no seu papel de alguns minutos. Até o nosso austero ex-prefeito Victor Fernando Sasse, que naqueles idos deveria andar pelos vinte anos, aparece em longa cena, dançando num baile do Tabajara, o nosso clube mais tradicional.

Bem, depois do frisson das filmagens, houve o frisson de se ver o filme, este muito maior, pois colocava o filme ao alcance de todos os mortais, e ninguém perderia, por nada no mundo, de ver aquele filme que se passava na nossa cidade, embora a opinião geral fosse de que ele denegrira a

imagem de Blumenau. Malhou-se o pau em “Férias no Sul” como nunca se tinha malhado o pau em filme nenhum, em Blumenau, nem mesmo naquelas em que Brigitte Bardot aparecia nua. Lembro-me como “Férias no Sul” foi apresentado em Blumenau no Cine Blumenau, em sessão contínua, para dar vazão aos quase oitenta mil blumenauenses que não perderiam de vê-lo por nada, só para depois poder falar mal. A coisa funcionava assim: abriam-se as portas do nosso maior cinema, esperava-se entrar a multidão que o encheria, fechavam-se as portas e rodava-se o filme – quando acabava, as pessoas saíam e a operação se repetia – isso por dias seguidos, sessão após sessão, sem nunca acabar a longa fila de espera que, lembro-me muito bem, ia do Cine Blumenau até onde hoje é o Banco do Brasil, uma fila de quase uns quinhentos metros. O pessoal que esperava na fila ainda não tinha visto o filme, claro – mas falava mal dele com toda a veemência, como se cada um fosse o diretor responsável. E o que é que exasperava tanto os ânimos dos blumenauenses de antanho, que tornava o filme tão terrível, que fazia com que ninguém quisesse perdê-lo?

Revi o filme faz ano e pouco, e morro de rir ao me lembrar, o famoso Davi Cardoso, aquele mesmo das pornochanchadas, mas que nesse tempo ainda filmava de roupa, vive uma cena de amor com uma moça da nossa cidade. A cena é num baile dum clube de caça e tiro, onde os dois se paqueram dançando, e depois dão o fora. A cena seguinte é deles voltando ao salão, a nossa linda moça loira sugerindo que teve suas roupas decompostas, e, oh! O frenesi dos frenesis! Nossa atriz de um dia arruma o ombro da sua roupa, e supra-sumo da sem-vergonhice para a época, deixa ver a alça do seu sutiã!

Gente, todo o pau que se quebrou em cima do filme foi por causa dessa cena fugaz, a de uma moça acertando a roupa e deixando entrever a alça de um sutiã! O escândalo foi tão grande que essa moça, que trabalhava numa loja de calçado, teve que ir embora da cidade.

O filme, mesmo, é de uma grande ingenuidade. A tal alça do sutiã deu todo o toque picante para aquele momento de glória de Blumenau, o de aparecer nas telas dos cinemas de todo o Brasil. Até hoje, nas rodas de pessoas de mais idade que eu, ouço falar do filme “Férias no Sul” como algo que envergonhou nossa cidade. As pessoas de hoje deveriam rever o filme, para poderem rir dos seus velhos preconceitos. Quase não dá para imaginar que Blumenau, um dia, já foi assim!

## **Autores Catarinenses**

---

- **Escritor do ano 2000**
- **Plynio Doyle**
- **“Círculo de Mistérios”**
- **Romance “Caipirista” inspirado no Contestado**
- **Egon Schaden**
- **ONG**
- **Vale do Iguaçu**
- **Variadas**

*TEXTO:*

*ENÉAS  
ATHANÁZIO\**



## **ESCRITOR DO ANO 2000**

Foi com surpresa que recebi a comunicação de que a Academia Catarinense de Letras (ACL) havia me conferido o Prêmio Othon D’Eça por ter sido escolhido o Escritor do Ano 2000, a mais importante láurea concedida por aquela Instituição. Fui recebê-lo em sessão festiva, na noite de 2 de dezembro, no Lira Tênis Clube, em Florianópolis.

A surpresa se justifica porque não sou acadêmico e dos cinco membros da comissão que me indicou só José Curi e Lauro Junkes eram amigos falados e escritos, como diria Monteiro Lobato, ao passo que os demais, Hoyêdo Lins, Evaldo Pauli e Oswaldo Della Giustina, não me ocorre que nossos caminhos tenham algum dia se cruzado. Mas a Academia aceitou a indicação e a sufragou.

Além disso, trata-se de prêmio conferido de forma espontânea, sem que o premiado sequer saiba que está sendo cogitado, não havendo inscrição dos interessados ou qualquer forma de trabalho em favor de sua concessão, o que lhe confere maior importância e significado. Recebi-o, assim, com alegria e humildade.

Por outro lado, o prêmio leva o nome de Othon D’Eça, figura humana e escritor que muito admirei. Ele exerceu atividades profissionais em minha cidade natal, Campos Novos, onde se tornou amigo de meu pai, freqüentando a casa deste com um pequeno círculo de pessoas que sintonizavam com o mundo através de um dos raros, talvez o único, aparelho de rádio da cidade e pelo qual recebiam as notícias misturadas a estalidos de estática e chiados. Nunca esquecerei da alegria com que ele me

---

\*) Escritor e advogado.

abraçou quando me viu pela primeira vez na ocasião em que fui prestar vestibular para nossa velha Faculdade de Direito. Não se cansava de acentuar, em nossos encontros, minha semelhança física com meu pai, revelando saudade do amigo que se fora tão moço. Fui depois seu aluno de Direito Romano e nas suas aulas não raro as normas do “Corpus Juris” eram esquecidas em favor de Eça de Queirós, uma de suas paixões. Muitos anos mais tarde tive o prazer de prefaciar seu livro “Aos Espanhóis Confinantes” publicado na coleção de suas Obras Completas lançada pela Fundação Catarinense de Cultura.

O prêmio me liga, assim, à minha terra e ao meu próprio passado. Não deixa de ser curioso, no entanto, que eu tanto tenha escrito sobre Santa Catarina, sua terra e sua gente, e tenha sido premiado por um livro que versa sobre outro Estado – o Piauí. É mais uma dessas situações imprevisíveis de que é farta a vida literária.

Justificando sua concessão, assim se expressou o acadêmico José Curi: “O prêmio Othon D’Eça vai às mãos do advogado, promotor de justiça e professor universitário Enéas Athanázio, não só pelo livro de crítica literária que excursiona pelos melhores autores piauienses, penetrando em suas melhores obras com a pena mergulhada em sua Erlehnis, através de sua vivência, utilizando-se da sua intuição ou da sua grande cultura lingüística, mas também pelo conjunto de sua obra: 31 livros e 12 opúsculos publicados, onde flui um “roman-fleuve”, uma narrativa como que em mosaico, onde personagens, fatos e causos, de cunho regionalista uns e universais outros, trazem-nos, a partir de “O Peão Negro” de 1973 até o “Fazer o Piauí” de 2000 uma fruição sempre nova numa mensagem quer unívoca quer plurívoca, revelando-nos um escritor culto e digno de figurar entre os melhores do país.”

Mas o prêmio não é apenas meu. Divido-o com imenso prazer com minha velha terra, Campos Novos, palco de minha ficção, síntese das cidades dos Campos Gerais, com seus campos verdejantes e seu céu de anil, seu povo orgulhoso e acolhedor e, acima de tudo, sua linguagem rica e expressiva; divido-o com Balneário Camboriú, onde hoje resido, que me adotou e tem me cumulado de manifestações de carinho e simpatia; divido-o com Blumenau, onde passei tantos anos de minha vida, e à qual fiquei ligado para sempre.

### PLÍNIO DOYLE

Faleceu no Rio de Janeiro, em novembro passado, aos 94 anos de idade, o bibliófilo Plínio Doyle. Antigo diretor da Fundação Casa de Rui Barbosa, foi grande colecionador de livros sobre a literatura brasileira. Sua primeira biblioteca chegou a ultrapassar os 70 mil exemplares e a segunda, deixado ao falecer, tinha mais de 33 mil. No recinto de sua biblioteca, em Ipanema, acontecia a reunião que ficou conhecida como “Sabadoyle” (sábados em casa de Doyle). Iniciada por acaso, pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, tornou-se um costume, atraindo gente ligada às letras e aos livros de todo o País e do Exterior. Durou várias décadas. O visitante do dia deveria lavrar uma ata, em prosa ou verso, e depois lê-la numa espécie de pódio imaginário, cercado pelas críticas dos presentes. O “Sabadoyle” provocou vários livros de atas, outros com sua história, artigos, crônicas, poemas e reportagens que constituem uma literatura. Frequentei o “Sabadoyle”, levado por Joaquim Inojosa e Sílvio Meira, e escrevi sobre ele textos que estão em meu livro “O Perto e o Longe.”

### “CÍRCULO DE MISTÉRIOS”

Gênero pouco versado em Santa Catarina, a literatura policial ganhou volume rico de conteúdo e esmerado na apresentação que é uma bela amostra do que produzem nossos autores nesse campo, um dos que têm maior número de leitores e aficionados em todo o mundo. Trata-se de “Círculo de Mistérios”, antologia publicada pela Editora Garapuvu (Florianópolis – 2000), que tem como diretor o colega e amigo Francisco José Pereira, reunindo trabalhos de treze contistas, todos ambientados no chão catarinense. São eles: Amílcar Neves, Artemio Zanon, Francisco José Pereira (participante e organizador), Hamilton Alves, Hoyêdo G. Lins, Maicon Tenfen, Mário Gentil Costa, Mário Pereira, Raul Caldas Filho, Salomão Ribas Jr., Silveira de Souza e Tabajara Ruas. Nela saiu meu conto “Onde está o João da Banha ?”(Endereço: Rua Carlos da Silveira Carneiro, 417 – CEP 88025-350 – Florianópolis).

### DIVERSAS

– “Retalhos de Emoção”, exposição e palestras sobre a técnica artística conhecida como “Patchwork” foi realizada no hall da Reitoria da UFSC, em Florianópolis, despertando grande interesse.

– Faleceu na cidade de Campo Mourão, norte do Estado do Paraná, o poeta catarinense Constantino Medeiros. Nascido em Campos Novos, estava radicado há muitos anos naquela região, onde desenvolvia intensa atividade cultural. Tinha livros e esparços publicados.

### ROMANCE “CAIPIRISTA” INSPIRADO NO CONTESTADO

O “caipirismo”, segundo os teóricos da literatura, é aquela corrente dentro do regionalismo que acentua o exótico e o pitoresco da linguagem regional. Para isso, não hesita em alterar as palavras com o objetivo de aproximá-las tanto quanto possível da pronúncia real do caipira ou caboclo. Cornélio Pires e Valdomiro Silveira são sempre apontados como exemplos. Quando bem dosado, é um recurso válido, desde que não descambe para a caricatura.

“Chica-Pelega do Taquaruçu”, de Cirila de Menezes Pradi (Edição da Autora – Florianópolis – 2000), é um romance filiado a essa corrente, no qual a autora procura registrar a fala dos personagens tal qual ouviu do próprio povo na sua longa convivência com ele. É curioso que nem sempre a forma como ela ouviu e registrou coincide com aquela que eu próprio ouvi. Na maioria dos casos, porém, ambos ouvimos do mesmo jeito, isto é, concordamos no atacado.

O livro romanceia a vida de Chica-Pelega do Taquaruçu, ativista fanática das lutas do Contestado, em sua curta trajetória até o violento bombardeio daquele reduto, quando “acabou a curta história da mulher sem dono, a Chica-Pelega.” O livro resgata uma figura pouco conhecida, talvez esquecida, dentre as inúmeras que tomaram parte nos sangrentos conflitos que sacudiram Santa Catarina e o Paraná entre os anos de 1912 a 1916. E assim contribui de forma positiva para a construção de um painel completo

do longo e complexo episódio.

Como pano de fundo dessa história de vida, combativa e trágica, desenhou a autora com precisão o modo de vida no meio rural da região, desde o trabalho nas fazendas, sua produção, os costumes, as crenças, a dieta, o gosto pela atividade política e tudo mais, sem esquecer a linguagem à qual já me referi, e a paisagem agreste. Através de seus relatos é possível reconstituir de maneira fiel a vivência do povo naquelas regiões castigadas pelo frio, pela politicagem e pela exploração do homem.

### EGON SCHADEN

Em entrevista a um dos nossos jornais, o Prof. Aldo Litaiff, da UFSC, lamentou a ausência de referências, aqui no Estado, ao antropólogo catarinense Egon Schaden, nascido em São Bonifácio, professor da USP, autor de vários livros e cientista de renome internacional.

Embora concordando com ele em que essas referências não são tantas como ele as mereceria, o professor da UFSC pecou ao generalizar, esquecendo de manusear “Blumenau em Cadernos”, onde tenho falado diversas vezes de Egon Schaden, ao longo dos anos, comentando suas realizações e seus trabalhos. Também fiz referência à brilhante atuação que ele teve no “Seminário de Tropicologia”, promovido por Gilberto Freyre, na cidade do Recife, em meu livro “O Perto e o Longe” (Vol. II).

Nas páginas de “Blumenau em Cadernos” Schaden não foi esquecido.

### ONG

Em reunião conjunta, realizada em outubro do ano passado, a Academia Paulistana de História e a Ordem Nacional dos Bandeirantes decidiram se unir para criar a ONG (Organização Não-Governamental) da História do Brasil Documentada. Essas antigas entidades culturais, preocupadas com o desinteresse dos poderes públicos pela documentação autêntica da História e sua omissão no setor, decidiram criar a ONG como instru-

mento jurídico para promover a responsabilidade dos omissos. É uma atitude corajosa e criativa cuja atuação pretendemos acompanhar de perto para registrá-la.

A iniciativa me sugeriu a idéia de criar aqui uma ONG da Cultura, promovendo através dela a responsabilidade dos que se omitem do cumprimento do art. 23, inc. V, da Constituição Federal, e com abrangência em todo o Estado.

### VALE DO IGUAÇU

Foi instalada em 10 de novembro, na cidade de União da Vitória (PR), a Academia de Letras do Vale do Iguaçu (ALVI), empossando seus acadêmicos e sócios fundadores. O evento contou com a cobertura da Academia Paranaense de Letras.

Até aí, nada demais, que Academias nascem todos os dias, em todos os rincões. O preocupante da notícia é que boa parte de seus integrantes é catarinense, reside em solo catarinense e suas obras têm como pano de fundo o meio catarinense.

Bacoreja-me que alguma coisa vai mal em nosso Estado para que coisas assim aconteçam.

### VARIADAS

– Foi publicado o segundo volume de “Blumenauaçu”, antologia de escritores blumenauenses destinada ao uso no Projeto Autor-Escola, promovido pela União Brasileira de Escritores (UBE-SC) e Fundação Cultural de Blumenau. Participam dela os seguintes autores: Anamaria Kováks, Carlos de Freitas, Edith Kormann, Eduardo de Alencar e Azambuja, Eulália Maria Radtke, José Roberto Rodrigues, Marcello Ricardo Almeida, Mauro Galvão, Nassau de Souza, Roberto Diniz Saut, Roberto Gomes, Tânia Rodrigues, Terezinha Manczak e Theobaldo Costa Jamundá. Mereceram homenagem póstuma Marita Deek Sasse e Vicente Cechelero. Poesia e prosa para todos os gostos.

## Autores Catarinenses

---

– Guiomar Beltrão Ferreira, poeta radicada em Joinville, publicou o volume “Joinville Cidade das Flores”, reunindo poemas que exaltam as belezas da cidade, revelando bom gosto e sensibilidade.

– O pintor português Agostinho Duarte, há longos anos radicado em Chapecó, realizou exposição de suas obras na Câmara de Vereadores da cidade, exibindo o melhor de sua recente produção e obtendo grande afluência de público. O artista tem vasto currículo e foi proclamado pela melhor crítica.

– Realizou-se em Joinville o V Encontro Catarinense de Escritores, promovido pela União Brasileira de Escritores (UBE-SC), enfatizando, desta vez, o regional e as linguagens marginais, assuntos que despertaram grande interesse.

– Foi lançada em Florianópolis a antologia de contos “Círculo de Mistérios”, reunindo contos dos mais expressivos autores catarinenses, todos no gênero policial e ambientados em nosso Estado, revelando uma faceta pouco conhecida da produção de nossos escritores. É uma publicação da Editora Garapuvu, cujo diretor é o colega e amigo Francisco José Pereira, e tem requintada feição gráfica.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

- ) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual = 6 números)
- ) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual = 6 números)
- ) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
- ) Exemplares avulsos: R\$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)



Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de 2001 (Tomo 42). Anexo a este cupom a quantia de R\$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:



Forma de pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

Cheque

Banco: .....

Número: .....

Valor: R\$ .....

**Dados do assinante:**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Caixa Postal: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Fone p/ contato: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_



.....

Assinatura

**Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"**

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)



**TOMO XLII**  
**Janeiro/Fevereiro de 2001 - Nº 1/2**

## **Apoio Cultural:**

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

**Victória Sievert**

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Cremer S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

**Eletro Aço Altona S/A**

**Cia. Hering**

Herwig Schimizu Arquitetos Associados

Madeira Odebrecht

Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora

